

Diário de Lisboa

Abril
1981
Quinta-feira

ANO 61.
N.º 20 534
15\$00

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos

Quem quer desmobilizar "manif" de 25 de Abril em Lisboa?

Identificar manifestações democráticas com certas forças políticas é método usado durante o fascismo

— acusam promotores das comemorações unitárias

A Comissão Executiva da Manifestação-Comício convocada para sábado à tarde em Lisboa tornou público um comunicado em resposta a críticas de sectores próximos de Mário Soares de responsáveis do PSD lisboeta e do capitão Sousa e Castro, onde sublinha que «a diversidade de quadrantes ideológicos» expressa nos nomes que a integram é suficiente para retirar exclusividade a qualquer força política naquela iniciativa. Refere, ainda, aquela comissão (integrada, entre outros, por Henrique de Barros, J. Magalhães Godinho, Acácio Barreiros, Dias Lourenço, Helena Cidade Moura, Vital Moreira, Lopes Cardoso, Sá Borges, Teresa Santa Clara Gomes e os membros do CR, Costa Neves, Vítor Crespo, Pezarat Correia e Vasco Lourenço) que «identificar as manifestações democráticas apenas com certas forças políticas» faz lembrar métodos «usados durante o regime fascista».

Pág. 4



Incêndio no palácio Palmela

- FP-25 reivindicam autoria
- Destruída a maior biblioteca jurídica

Um violento incêndio destruiu esta noite o piso superior do Palácio Palmela, para onde acabavam de ser transferidos os serviços da Procuradoria-Geral da República. Deste modo, foi destruída a maior biblioteca

jurídica do País, incluída no respectivo Gabinete de Direito Comparado.

As FP-25, em telefonema esta manhã efectuado para a redação de um matutino, reivindicaram a autoria do incêndio. A possibilidade de

fogo posto já estava a ser investigada pela Polícia Judiciária, a partir de testemunhos de populares que referiam três explosões no início do sinistro. A PJ está ainda em fase de recolha de elementos.

Pág. 24

Um golo não chegou



O golo de Reinaldo (aqui) não chegou par o Benfica ultrapassar o Carl Zeiss e pela 1.ª vez, atingir a final da Taça das Taças. Na Luz, 80 mil impulsionaram o clube da água para um «pressing» que só não resultou porque a defesa da turma da RDA apenas uma vez permitiu êxito rubro. Págs. 17 e 18

● Também nas páginas de Desporto: Uma rectificação necessária

Hoje: 'Ler/ Escrever'

O suplemento literário «Ler/Escrever» que hoje publicamos insere inúmeras informações de actualidade literária editorial, além da habitual secção «As Letras em Dia». Falamos ainda de «O Divórcio entre Ciência e Literatura». Colanoram neste número Pedro Alvim, Luís Miranda Rocha, Manuel de Azevedo e, com um poema inédito, José Carlos Gonzales.

Banco de Portugal Demissão de Jacinto Nunes não está formalizada

Não foi ainda formalizada a demissão do prof. Jacinto Nunes do cargo de governador do Banco de Portugal, quer por sua iniciativa quer por decisão do ministro Morais Leitão, e o Ministério das Finanças ainda não tornou público o prometido esclarecimento sobre a mudança de gestores no banco emissor.

Um informador do Ministério disse, entretanto, à imprensa que Jacinto Nunes não pusera «quaisquer condicionamentos para continuar temporariamente naquele cargo até à sua substituição».

Surgiram também indícios seguros de que tanto da parte do

ministro das Finanças como do governador do Banco de Portugal, há o propósito de desramatizar a questão uma vez que uma polémica desta ordem e a continuação do assunto nas manchetes dos jornais corre o risco de afectar o prestígio e a respeitabilidade do Banco de Portugal, não servindo, por isso, os interesses do País.

«Poderei ter opiniões pontuais divergentes do sr. ministro das Finanças — disse a propósito o prof. Jacinto Nunes — mas nunca houve entre nós qualquer diver-

Continua na pág. 24

Enquanto Hua Guofeng parece resignar-se à queda

Pequim torna pública uma análise equilibrada dos méritos e dos erros de Mao Zedong

Estará próximo o desfecho da greve crise interna que há vários meses tem vindo a impedir o funcionamento normal da direcção chinesa? Os últimos acontecimentos ocorridos em meados de Abril parecem indicá-lo. Segundo tudo permite supor, o próximo plenário do Comité Central, a reunir daqui até ao Verão, irá consagrar uma nova vitória de Deng Xiaoping e seus partidários.

Foi, na verdade, como vencido resignado que Hua Guofeng, presidente nominal do Partido Comunista, fez o seu reaparecimento público depois de cinco meses de ausência (se não tivermos em conta o jantar muito em privado que ele ofereceu na sua residência, a 4 de Fevereiro, ao transfuga vietnamita, Hoang Van Hoan).

As circunstâncias deste reaparecimento — as homenagens fúnebres prestadas pelo Partido ao escritor Mao Dun — impunham evidentemente uma certa gravidade aos participantes na cerimónia. Mas a impressão de que Hua estava tão pesaroso por um sentimento de abdicação pessoal como de recolhimento impôs-se aos observadores, sobretudo no dia a seguir à cerimónia (11 de Abril) quando no pequeno écran — os jornalistas estrangeiros não tinham sido convidados para o acto — surgiram as imagens do adeus ao escritor no grande hall da Assembleia Nacional Popular.

Visivelmente pouco à vontade, intimidado, hesitante — um membro do protocolo teve, a certa altura, de lhe pegar pelo braço para o empurrar para o lugar que lhe tinha sido destinado — Hua mostrou durante essa cerimónia, um rosto contraído que não se lhe conhecia.

Tudo teria sido evidentemente mais simples se, de acordo com as exigências da ordem hierárquica oficial, o presidente do PC se tivesse colocado à cabeça dos dirigentes reunidos para a circunstância. Ora — primeira anomalia no desenrolar das operações — o primeiro a entrar no grande hall, onde já se encontravam reunidas várias centenas de

pessoas, à volta da urna que continha as cinzas do escritor defuncto, não foi Hua, mas o secretário-geral do partido Yaobang, que, no entanto, só figurava em nono lugar na lista dos membros da comissão encarregada dos funerais. A seguir chegou Deng Xiaoping, e depois, mostrando muito má cara, Hua Guofeng, seguido do vice-presidente do partido, Li Xian-nian.

Um imperador apeado

Em condições normais teria sido lógico que o presidente do Partido, para não dar a penosa impressão de estar ali a fazer ofício de corpo presente, avançasse em direcção ao microfone e pelo menos declarasse em duas palavras a cerimónia iniciada.

Nada disso aconteceu. A bem ou a mal, Hua ficou sossegado no seu lugar, e — segunda anomalia — foi a Deng que coube a honra de presidir à cerimónia e foi ao protegido do vice-primeiro-ministro, Hu, que coube o privilégio de proferir a oração fúnebre.

Quando a oração terminou, foi ainda Deng — terceira anomalia — que tomou o comando das operações para dirigir aos condólações da direcção do Partido à família. Nesse desfile, Hua colocou-se em terceira posição.

Jornada bem dura, na verdade, para aquele que é ainda o número um do Partido no papel, mas que apareceu aos olhos de todos como um imperador apeado. Que outro sentido haveremos, pois, de dar a este cerimonial, onde decerto nada foi deixado ao acaso? Ao mesmo tempo, a presença de Hua novamente junto dos seus pares significa, sem dúvida, que, depois de ter longamente hesitado e resistido, terá aceite, por fim, a diminuição de estatuto que lhe é imposta.

Se assim for, realmente, duas questões surgem imediatamente ao espírito: primeiro, qual será a nova estrutura dos órgãos dirigi-

Manuel Lucbert
Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

de Hua? Depois, quais serão as bases do acordo político entre as diferentes tendências que continuarão a existir no seio da direcção do PCC?

Quanto ao primeiro ponto, parece ainda prematuro dar qualquer resposta. Em contrapartida, no plano político, as coisas parecem clarificar-se, pouco a pouco, em especial no que toca ao debate relativo à avaliação do papel e do pensamento de Mao Zedong.

A esta questão central, respondem os artigos da imprensa que parecem reflectir as conclusões da discussão travada no Partido desde o terceiro plenário do CC (Dezembro de 1978). O primeiro desses artigos foi publicado no dia 10 de Abril pelo *Jornal do Exército* (inacessível aos estrangeiros) e logo retomado, no dia seguinte, pelo conjunto da imprensa.

Esse documento, assinado por Huang Kecheng, vale tanto pelo seu conteúdo como pela personalidade do autor. Natural do Huan como Mao e um dos primeiros companheiros de armas deste último — participou ao lado de Mao no levantamento da colheita de Outono (Setembro de 1927) — Huang foi duas vezes eliminado do poder pelo seu mentor. Primeiro em 1959, quando, recentemente promovido a general, era vice-ministro da Defesa e chefe do Estado-Maior do Exército. Foi acusado na altura de fazer parte da «clique» do marechal Peng Dehuai, que havia lançado uma ofensiva em regra contra a política do Grande Salto em Frente. Huang Kecheng conheceu a sua segunda queda no começo da Revolução Cultural, quando ocupava modestas funções na província. Reintegrado no Comité Central em Dezembro de 1978, é desde essa data secretário permanente da comissão de controlo e disciplina do partido.

A escolha desse velho vene-

rável (tem hoje oitenta e dois anos), que foi sucessivamente um dos íntimos de Mao e sua vítima, para se dirigir ao público militar resulta de uma decisão maduramente reflectida. Trata-se de demonstrar a homens junto dos quais o prestígio de Mao continua a ser grande que o veredicto final sobre o antigo presidente é fruto de uma longa experiência revolucionária e que o próprio exército não esteve ao abrigo dos erros do fundador da República Popular.

Contudo, longe de serem inteiramente negativas, as conclusões às quais a direcção do Partido parece ter chegado são bastante equilibradas, a avaliarmos pelo que escreve Huang: A ideia — mestra do artigo é a de que os «méritos do presidente Mao são primordiais, os seus erros, secundários»; os aspectos positivos da sua acção limitam-se, no entanto, a duas épocas — ao período da luta armada revolucionária e aos primeiros anos do regime.

Inspirada numa fórmula já utilizada por Deng, esta avaliação traduz a necessidade de uma crítica da obra de Mao, mas também a necessidade imperativa de manter o seu pensamento como fundamento teórico da política do Partido no futuro. Porque, como escreve ingenuamente e com grande franqueza Huang: «Que iríamos pôr no lugar do pensamento de Mao, se este fosse realmente abandonado? O confucionismo, as teorias de Sun Yat-Sen? É questão que nem vale a pena pôr. O individualismo e o liberalismo ocidentais? Pelo contrário, é necessário combatê-los, e, de passagem, Huang lança uma condenação contra a «pacotilha» importada de Hongkong; do Japão e dos Estados Unidos.

Só, prossegue Huang, o marxismo-leninismo e o pensamento de Mao podem salvar a

Continua na pag. 15



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.



Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

A VISO

Alteração de horário da linha de Sintra

Por motivo de trabalhos de conservação da catenária serão alterados os horários da linha de Sintra a partir de 4 MAIO/81, pelo que os Senhores passageiros deverão consultar os avisos ao Público afixados nas estações.

Dado que os trabalhos são absolutamente indispensáveis, pede-se ao Público a melhor compreensão para os incómodos resultantes desta situação.

Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo MOÇÃO

CONSIDERANDO A APLICAÇÃO INTENCIONALMENTE DETURPADA QUE O GOVERNO FEZ, NA PROPOSTA DE ORÇAMENTO PARA 1981, DA LEI DAS FINANÇAS LOCAIS, RETIRANDO AOS MUNICÍPIOS CERCA DE 36 MILHÕES DE CONTOS DESTINADOS A INVESTIMENTOS;

CONSIDERANDO QUE TAL PROCEDIMENTO, INDIGNO E INACEITÁVEL, DO GOVERNO DA REPÚBLICA, QUE PARADOXALMENTE PROCLAMA RESPEITAR AS LEIS E DIGNIFICAR E FORTALECER O PODER LOCAL, MAS NA PRÁTICA DEMONSTRA O CONTRÁRIO, EXIBINDO CONSTANTEMENTE A SUA VONTADE POLÍTICA CENTRALIZADORA;

CONSIDERANDO QUE TAIS VERBAS SÃO INPRESCINDÍVEIS PARA A CONCRETIZAÇÃO DOS PLANOS DEFINIDOS PELAS AUTARQUIAS;

CONSIDERANDO QUE DESTA FORMA O GOVERNO NEGA ÀS POPULAÇÕES O DIREITO A VEREM SATISFEITAS AS SUAS NECESSIDADES REAIS MAIS PERMENTES E MAIS SENTIDAS AFECTANDO A PRÓPRIA CREDIBILIDADE DA DEMOCRACIA;

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE FERREIRA DO ALENTEJO, REUNIDA EM 11 DE ABRIL DE 1981, MANIFESTA O SEU MAIS VEEMENTE DESCONTENTAMENTO E REPÚDIO POR ESTE ATENTADO À DESCENTRALIZAÇÃO DEMOCRÁTICA DO PODER, À SATISFAÇÃO DAS MAIS LEGÍTIMAS ASPIRAÇÕES DAS POPULAÇÕES E À LEGALIDADE DEMOCRÁTICA.

APROVADA POR UNANIMIDADE

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,
assintura ilegível

COMEMORAÇÕES 25 DE ABRIL

TEATRO VASCO SANTANA

Dia 24, Sexta-feira às 21,30 h.

* FESTA-COMÍCIO *

COM A PRESENÇA DE OTELO S. CARVALHO

* SESSÃO DE CANTO LIVRE *



FUP

FORÇA DE UNIDADE POPULAR

FÉRIAS EM VILA NOVA DE MILFONTES

- APROVEITE AS BELEZAS NATURAIS DUMA VILA DE SONHO.
- ESQUEÇA O DIA A DIA DA CIDADE GOZANDO NA VILA DAS MIL PRAIAS O SEU MARAVILHOSO CLIMA.
- EXPERIMENTE EM JUNHO OU SETEMBRO.

Associação Portuguesa de Deficientes

A Associação Portuguesa de Deficientes e a Comissão Coordenadora Nacional dos Organismos de Deficientes apelam aos seus associados, em todo o País, para se integrarem nas comemorações do 7.º aniversário do 25 de Abril.

A sede da APD, em Lisboa (Largo do Rato) estará aberta na noite de 24 de Abril, para convívio e sessão de variedades comemorativas da madrugada libertadora.

Bagdad e Washington pensam normalizar relações

Paul Balta

Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

Os Estados Unidos e o Iraque estão lentamente a encaminhar-se para uma normalização das relações diplomáticas rompidas pelo Iraque por altura da guerra israelo-árabe de 1967. A Administração Reagan prossegue em relação a este país — principal potência militar do mundo árabe a seguir ao Egipto, e segundo produtor de petróleo da OPEP — a política encetada por Carter, que em 1977, enviou o seu subsecretário de Estado, Philip Habib, a Bagdad.

Desta vez, foi Alexander Haig, que durante a sua viagem pelo Médio Oriente, enviou à capital iraquiana o subsecretário de Estado, Morris Draper, o qual foi portador de uma mensagem verbal onde se expunha a política americana para a região. Haig terá tomado esta iniciativa depois de os dirigentes jordanos e emissários sauditas lhe terem comunicado as boas disposições do Governo do presidente Saddam Hussein. É certo que no seu depoimento perante a Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, o secretário de Estado se tinha oposto àqueles que advogavam uma atitude

«dura» para com o regime baasista.

Os Estados Unidos entendem que compete ao Iraque dar o primeiro passo para transformar as «secções de interesses» estabelecidas em Washington e em Bagdad em Julho de 1972 — logo a seguir à ratificação do tratado de amizade e cooperação soviético-iraquiano — em verdadeiras embaixadas. Mas entretanto já deram alguns passos, a despeito da oposição do lobby pró-israelita no Congresso.

Assim, alterando uma anterior decisão negativa, a Administração Reagan autorizou este mês a venda de cinco Boeing ao Iraque, embora este país continue a figurar na lista dos que apoiam o «terrorismo internacional». O Departamento de Estado deu-se de repente conta — face à concorrência do «Airbus» — que Bagdad era signatária das convenções sobre a segurança aérea, incluindo a que se refere ao terrorismo.

Cooperação económica

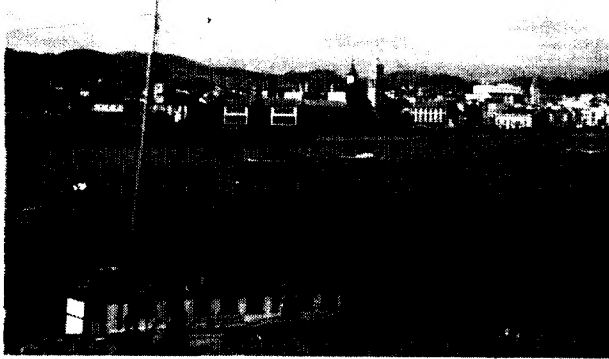
Há já um ano que David Newson, na altura subsecretário de

Estado para os Assuntos Políticos, tinha advogado a normalização com Bagdad e Washington e tinha nomeado para aquela capital como «encarregado de interesses» um dos seus melhores diplomatas, Bill Eagleton, que ocupava idênticas funções em Argel, onde restaurara as relações diplomáticas e relançara espectacularmente a cooperação económica. Em Julho passado, o Departamento de Estado autorizara igualmente a venda de oito turbinas a gás destinadas a equiparem quatro fragatas que a Itália estava a construir para a Armada iraquiana, e também não se opusera à entrega de urânio enriquecido da França ao regime baasista.

Por seu lado, o Iraque tem vindo a incrementar incessantemente as suas trocas comer-

ciais com os Estados Unidos, para onde exportou, em 1979, bens — principalmente de petróleo — no montante de 600 milhões de dólares, enquanto as suas compras de equipamento industrial e produtos agrícolas se cifraram em 500 milhões. Nas vésperas do conflito com o Irão, em Setembro passado, uns 700 americanos viviam no Iraque, trabalhando 200 deles no sector petrolífero. A verdade é que, evitando favorecer ou mesmo procurar uma aproximação política com Washington, o Governo iraquiano veria com muito bons olhos, num primeiro tempo, uma normalização diplomática. Tal normalização selar-se-ia decerto muito útil — pois reequilibraria a sua posição — na preparação da «cimeira» dos Não-Alinhados que Bagdad vai acolher em 1982.

ponto a ponto



Os ministros portugueses das Finanças e do Plano, Morais Leitão e norueguês do Planeamento a Longo Prazo e Coordenação, Per Kleppe, chegaram ontem à noite a **Ponta Delgada**. Os dois ministros, que foram recebidos no aeroporto local por Mota Amaral, deslocaram-se aos Açores a fim de presidir à 11.ª reunião mista luso-norueguesa que decorrerá em Ponta Delgada até domingo e na qual serão analisados problemas ligados à pesca e estudados novos projectos no sector pesqueiro e do frio.



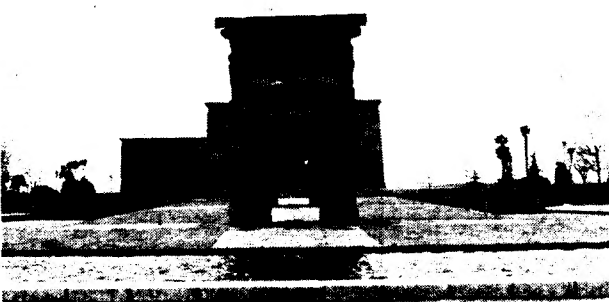
Confirmada oficialmente a notícia que demos há dias: **Simone Veil, presidente do Parlamento Europeu**, visita Lisboa entre 17 e 20 de Maio. Trata-se de um convite do presidente da Assembleia da República, Leonardo Ribeiro de Almeida e foi formulado durante a reunião do Parlamento Latino-Americano, em Janeiro passado.



Silas Cerqueira, membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação, partiu hoje para Frankfurt, na República Federal da Alemanha, onde participará numa reunião da ICISA — Comité Internacional Contra o Apartheid, o Racismo e o Colonialismo na África Austral — de que é secretário executivo.



O **general Tomás Concelção e Silva**, nomeado ministro da República para os Açores, toma posse do seu cargo no próximo dia 28 — anunciou ontem a Presidência da República. Foi também revelado pela mesma fonte, que Ramalho Eanes inaugura amanhã, em Braga, a Agro-81.



Delegações da JSD e da JC (juventudes social-democrata e centrista) assistirão em Espanha ao Terceiro Congresso Nacional das Juventudes da UCD, o partido governamental daquele país, que decorre até domingo em **Madrid**. As delegações portuguesas serão presididas por António Lacerda (pela JSD) e Luís Queirós (JC). Estão previstos, segundo revelaram estes dirigentes dos partidos da AD, contactos com outras organizações juvenis presentes em Espanha, nomeadamente da Europa Ocidental e do Terceiro Mundo.



NA FLORESTA DOS ENGANOS

PRIMEIRO ENGAÑO: O «25 de Abril» não deixou de ser sinal de contradição. Zangam-se os que o não quiseram comemorar porque o «25 de Abril» vai ser comemorado. Protestam, lamuriam, irritam-se, porque um apelo claro encontrou eco na consciência popular, porque algumas direcções partidárias não conseguiram disciplinar os seus filiados na neutralidade propícia às combinações e negociações. Traem, na precipitação das atitudes, o propósito de amortizar o «25 de Abril». Porque — a verdade terá que ser dita — a oito dias de vista, nenhuma iniciativa partira desses democratas, desses zeladores da pureza de Abril.

Outros, os que vão assentando arraial na outra margem, clamam contra o «25 de Abril» e a sua comemoração. Paradoxalmente as vozes juntam-se na mesmíssima condenação de Abril límpido, aberto e fraterno.

Que Abril não tem proprietários, dizem-nos. E dizendo o que parece óbvio, os que tal afirmam mentem. O «25 de Abril» não ficou na posse dos que empreenderam, com risco, a acção militar corajosa e patriótica. Os militares de Abril entregaram ao Povo o «25 de Abril». O Povo deu aos militares, por obra e graça da sua presença e das suas iniciativas, a felicidade de verem um golpe militar transformado numa acção revolucionária. O Povo tomou a sua conta o «25 de Abril», de braço dado com os militares. E sempre reconhecerá, com ou sem a concordância dos «políticos», que aos militares deve um bom carinho da liberdade reconquistada.

O «25 de Abril» é do Povo. O Povo não esquece os militares de Abril. Estejam eles na desgraça. Tenham eles seguido por caminhos divergentes. Mas há corações que lhes reservam afecto e gratidão. Mesmo os que se recusam a votar Otelo — e acaso preferiram votar Eanes — não esqueceram Otelo. Não esqueceram os homens que estiveram na Pontinha. Não esqueceram Salgueiro Maia. Porque, naquela manhã de Abril, na Pontinha e no Carmo, escreveu-se uma página da História de Portugal.

No que a Abril se refere não contem, Ex.mos Senhores, com o esquecimento popular.

SEGUNDO ENGAÑO: O Antero de Quental perguntou, irónico e severo, a um «político» do seu tempo, se Sua Excelência considerava possível viver sem ideias. Descontando as variações da cronologia e da conjuntura, outro é o tempo, outra a correlação política e social, apetece perguntar, a algumas das Excelências dos nossos dias se a queda do regime fascista poderá ser comemorada com a simples evocação oficial e sem a participação maciça, consciente e entusiasta, dos antifascistas. Apetece perguntar às Excelências que, em nome do povo civil e do povo fardado, se sentem vocacionadas para interpretar os sentimentos gerais, se a iniciativa democrática aberta não é legítima e se as reticências, qualquer que seja a justificação improvisada, não são apenas aos clássicos grãos de areia. Para emperrar a máquina? Mas, Ex.mos Senhores, não há «máquina». Nem «coligação», nem «frente», nem «conspiração»... Existiu, sim, um apelo. E esse apelo foi escutado, entendido. Do Minho ao Algarve, o observador atento vai recolhendo indicações de que o apelo correspondia a uma vontade nacional: comemorar o «25 de Abril». Honrar, na fraternidade democrática reafirmada, a acção corajosa e patriótica dos militares de Abril.

TERCEIRO ENGAÑO: A palavra **unidade** é, para alguns, inquietante. A perspectiva **unitária** é, para alguns, ameaçadora. Para muitos será mesmo subversiva. Assim foi no tempo antigo. Nos dias e nas noites **antes de Abril**. Que se juntem democratas, cidadãos antifascistas, civis com passado ou de militância conhecida, militares que deram provas cívicas, para homenagear o «25 de Abril», e logo os reflexos palovianos dos divisionistas e dos mistificadores reagem com violência. Não suportam a convergência que não constitui compromisso, que não se fundamentou em pretensões de Poder, em partilhas, em negócios eleitoralistas, em interesses.

A esses dadores de lições — às vezes tão distraídos, às vezes tão silenciosos — já Lopes Cardoso explicou que a convergência para comemorar o «2 de Abril» não era o maquiavélico disfarce do «frentismo eanista».

Claro que nesse discurso de um «desesperado» — consciente que estava da derrota de Dezembro — ninguém acreditou. Claro que ninguém acreditou na secreta aliança de Eanes com PCP; nem acreditam esses beneméritos que nos dão a lição da coerência democrática, na identificação, num mesmo projecto político, dos cidadãos que se juntaram para dirigir um apelo à opinião pública em defesa da Constituição e do 125 de Abril.

O «frentismo» é um papão. Mas não é só um papão. Há quem saiba que no dia em que os democratas, de olhos nos olhos, discutirem os problemas e tomarem, na convergência dos seus interesses, decisões adequadas, não haverá mais lugar para a **diplomacia secreta dos partidos** e para as **manobras dos carreiristas políticos**. E contra a **frente da democracia** será impotente a **frente** que pretende reformar o regime democrático, rever a Constituição, regressar a 24 de Abril.

QUARTO ENGAÑO: O «eanismo», na floresta dos enganos políticos, é um engano maior. Não interessa saber o que o cidadão António Ramalho Eanes pensa do «eanismo», se em sua opinião tal linha política existe, se é uma doutrina, uma ambição, um projecto pessoal.

O Presidente da República não é «eanista». Mas, como se compreenderá, não tem que ser hostil aos que o admiram e apoiam. Não tem que desconsiderar o eleitorado que o reconduziu a Belém, não tem que renegar a CNARPE, não tem que se isolar na torre de marfim da Presidência. O Presidente da República é um cidadão responsável. Nem sempre terá merecido aplausos entusiásticos, mas sempre mostrou que, segundo os seus critérios e a sua formação, se dedica à defesa das liberdades conquistadas com o «25 de Abril».

Agitar o fantasma do «eanismo» — e a propósito da contestação a Eanes valorizar Francisco Sá Carneiro — é um duplo erro. Um erro moral e um erro político.

Nessa contestação — por natural consequência — é a própria Revolução de Abril que é contestada. Esse é o fundo político da questão.

Mas há também, um aspecto moral. Não se pode, do campo democrático, alimentar a guerrilha contra o cidadão Presidente da República. Desculpe-se essa tarefa quando parte de democratas equivocados. Principalmente: deixe-se esse trabalho aos adversários de Abril.

Sétimo aniversário do 25 de Abril

Comissão promotora da "manif" de Lisboa repudia qualquer identificação partidária

"Julgava-se que tivessem sido definitivamente abandonados certos métodos, usados durante o regime fascista, de tentar, com propósitos evidentes, identificar as manifestações democráticas apenas com certas forças políticas" — salienta a comissão executiva da manifestação convocada para o próximo dia 25 de Abril, em Lisboa, do Marquês ao Rossio, ao responder a ataques provenientes de dirigentes do PS afectos a Mário Soares e ainda de um membro do CR, Sousa e Castro. Considera este conselheiro, nomeadamente, que na citada manifestação está representado «apenas um sector ideológico-partidário do conjunto que corporiza o regime e tem consequente representação parlamentar».

No seu comunicado — que publicamos na íntegra nesta mesma edição — a comissão executiva da manif-comício, que integra entre outros, Henrique de Barros, Lurdes Pintasilgo, Magalhães Godinho, Teófilo Carvalho dos Santos, Acácio Barreiros, Cunha Leal, Eduardo Lourenço, Sá Borges, Helena Cidade Moura, Dias Lourenço, Vital Moreira, Jacinto Prado Coelho, José Carlos de Vasconcelos, Lopes Cardoso e os conselheiros da Revolução Vasco Lourenço, Pizarat Correia e Vítor Crespo, sublinha que os nomes que a integram «falam por si e são suficientes para destruir conotações que, com evidente má-fé, se pretendam fazer, em termos de atribuir exclusividade ou preponderância nela a qualquer força política ou partidária».

Associando-se às acusações de elementos afectos a Soares e ao PSD de Lisboa, Sousa e Castro considera, em declarações à ANOP, que são «legítimas as críticas que outros sectores demo-

cráticos fazem, ou possam fazer à mesma manifestação», acrescentando que a presença de outros elementos do CR «é um acto político normal, que exclusivamente a cada um diz respeito». Para militantes do PSD de Lisboa essas manifestações são «pretensamente unitárias» e congregam apenas «o PCP e um grupo de figuras que gravitam» em torno de Eanes.

Entretanto, a Federação Distrital do Porto do PS, em conferência de imprensa para apresentação do programa comemorativo do 25 de Abril apelou a todos os democratas que se unam «na defesa intransigente da Constituição de 1976».

«Numa época em que de novo se sente a ameaça daqueles que detendo provisoriamente o Poder, pretendem restaurar privilégios, impõe-se a unidade de todos os democratas» — disse, na altura, o dirigente socialista norte-nho, Orlando Magalhães.

As Juventudes Socialista, da ASDI e da UEDS, em nota

comum relembram o fim da guerra colonial, a recusa dos jovens no «regresso ao passado» e sua exigência de que «os direitos dos jovens, adquiridos, se mantenham e reforcem» e apelam «à participação de todos os jovens na Manifestação de 25 de Abril que terá início às 16 horas, no Marquês de Pombal até ao Rossio».

Também a APU (integrada pelo PCP e pelo MDP/CDE) tornou público um comunicado, assinado pela sua Comissão Coordenadora Nacional, sublinhando o significado do 7.º ani-

versário da Revolução das suas conquistas e apelando a «todos os democratas portugueses que se integrem nas comemorações do 25 de Abril, festa do Povo e da Liberdade».

A URAP — União de Resistentes Antifascistas Portugueses — apelou igualmente à participação na iniciativa unitária de sábado próximo convidando «todos os resistentes antifascistas» para o desfile que parte às 16 horas do Marquês.

O PRP emitiu também um comunicado onde acentua a impor-

tância do derrube do fascismo, critica o «assustador avanço da direita» e admite que ela foi «derrotada no dia 7 de Dezembro».

EMGFA

O EMGFA tornou público um comunicado, onde refere a participação oficial das Forças Armadas nas comemorações do 25 de Abril. O EMGFA indica que realizar-se-ão, na manhã de 25, cerimónias militares em Lisboa e na sede das restantes regiões militares do continente das zonas militares dos Açores e

Madeira.

O comunicado acrescenta ainda que o Presidente da República, comandante supremo das Forças Armadas, presidirá à cerimónia de Lisboa e que unidades navais, fundeadas frente à Praça do Império o saudarão com as salvas regulamentares. Uma formação de aviões «Fiat-G 91» sobrevoará ainda a cerimónia.

Em todas as unidades militares será lida uma mensagem do CEMGFA, general Melo Egídio.

«Festejar a liberdade»

O comunicado da comissão executiva promotora da manifestação de sábado próximo, na Av. da Liberdade é do seguinte teor: «Face a três posições críticas relativas às comemorações do 25 de Abril promovidas por esta comissão, e que culminarão com uma festa no Rossio, na tarde de sábado, posições assumidas pela estrutura regional de um partido, por elementos de outro, e pelo senhor capitão Sousa e Castro, sem pretender, por desnecessário, dar-lhes resposta cabal, entende-se dever salientar o seguinte:

1) Os nomes que integram a comissão promotora destas comemorações e a diversidade de quadrantes ideológicos em que se situam, falam por si, e são suficientes para destruir conotações que, com evicente má-fé, se pretendem fazer, em termos de atribuir exclusividade ou preponderância nela a qualquer força política ou partidária. De resto, as numerosas adesões que, de múltiplas procedências estão a chegar a esta comissão, confirmam-no por inteiro;

2) Aliás, julgava-se que tivessem sido definitivamente abandonados certos métodos, usados durante o regime fascista, de tentar, com propósitos evidentes, identificar as manifestações democráticas apenas com certas forças políticas. Infelizmente, vê-se que não: mas tem-se como certo que tais métodos só condenam os que os utilizam e os portugueses já não se deixam enganar por eles;

3) As comemorações promovidas por esta comissão têm

os objectivos que do seu comunicado constam, e que se podem sintetizar assim: festejar a liberdade, reafirmar o espírito e as instituições da democracia que a Constituição consagra. Deste modo, pretender atribuir-lhe outros propósitos, no mínimo, abusivo, e releve de processos de intenções, esses sim, lamentáveis;

4) Como é óbvio, o 25 de Abril não tem donos, é do povo português, e seria antidemocrático e incorrecto que alguém se arrogasse o exclusivo da sua representação ou das duas comemorações. Por isso que, pela nossa parte, tentásemos reunir à volta destas comemorações forças políticas e personalidades de largos e variados sectores, mas que, apesar das suas divergências em muitos aspectos, se encontram solidários na defesa do essencial dos valores democráticos que o 25 de Abril visou prosseguir e que a Constituição institucionalizou.

Mas, apesar deste desígnio, nem esta comissão nem as comemorações programadas se arrogam qualquer exclusividade. Porém, o facto de uma data ser de todos, não impede que só alguns tomem a iniciativa de a comemorar condignamente: quando muito, o facto de serem esses, e não outros, a fazê-lo, pode ser motivo de reflexão ou ter porventura algum significado;

5) Esta comissão está, aliás, segura que os portugueses em geral compreendem bem o sentido e o significado das projectadas comemorações do 25 de Abril e que o povo de Lisboa o irá demonstrar com a sua presença em massa na manifestação do próximo sábado.»

o jornal

Edição de 6.ª feira, 24 de Abril

O 25 de Abril e as FAs

Artigo de Vasco Gonçalves
Entrevista com Vasco Lourenço

Enviados especiais a El Salvador e à Polónia
Walesa: a primeira entrevista
um jornalista português



VIVA O 25 DE ABRIL

O SECRETARIADO NACIONAL DA CGTP-INTERSINDICAL NACIONAL, EM MAIS ESTE ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL, SAÚDA, EM PRIMEIRO LUGAR, OS TRABALHADORES E O POVO PORTUGUÊS A CUJA LUTA SE DEVEM NÃO APENAS AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS, ECONÓMICAS E SOCIAIS, OPERADAS NA NOSSA SOCIEDADE, MAS TAMBÉM A SUA CONSAGRAÇÃO NA LEI FUNDAMENTAL.

SAÚDA IGUALMENTE TODOS OS DEMOCRATAS E ANTIFASCISTAS E, PARTICULARMENTE OS GLORIOSOS CAPITÃES DE ABRIL, OS QUAIS, ATRAVÉS DE QUASE MEIO SÉCULO DE RESISTÊNCIA AO COLONIAL-FASCISMO, ACABARAM POR LIBERTAR O POVO PORTUGUÊS NA MADRUGADA DE 25 DE ABRIL DE 1974.

O MOVIMENTO OPERÁRIO E POPULAR, A PARTIR DA GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO DO 1.º DE MAIO DE 1974 E NOS DIAS IMEDIATOS À REVOLUÇÃO, ENCABEÇOU TODO O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÕES E DE REIVINDICAÇÕES DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS QUE VIRIAM A SER CONSAGRADOS NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA COMO CONQUISTAS IRREVERSÍVEIS DO POVO PORTUGUÊS.

A CONSTITUIÇÃO DE ABRIL CONSAGRA, ASSIM, DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS PELAS QUAIS OS TRABALHADORES NÃO DEIXARAM NEM DEIXARÃO DE SE BATER, TAIS COMO AS LIBERDADES DE REUNIÃO, DE MANIFESTAÇÃO, DE ASSOCIAÇÃO E DE EXPRESSÃO, O DIREITO AO TRABALHO, A SEGURANÇA SOCIAL E ESTABILIDADE DE EMPREGO, O DIREITO À GREVE E A PROIBIÇÃO DO «LOCK-OUT» E RECONHECE O PAPEL DETERMINANTE DOS TRABALHADORES E DAS SUAS ORGANIZAÇÕES DE CLASSE NA MANUTENÇÃO E REFORÇO DAS NACIONALIZAÇÕES, REFORMA AGRÁRIA E DIREITOS DOS TRABALHADORES, COMO FORMA DE CONTRIBUIR PARA A CRIAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO DO PODER PELAS CLASSES TRABALHADORAS.

POR ISSO, COMEMORAR O 25 DE ABRIL É REAFIRMAR O APEGO À DEFESA DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, A QUAL CONSTITUI UM SÉRIO OBSTÁCULO ÀS FORÇAS DA DIREITA EMPENHADAS NA DESTRUIÇÃO DO REGIME DEMOCRÁTICO E É AO MESMO TEMPO A BASE CONCRETA PARA O REFORÇO DA UNIDADE DE TODOS QUANTOS LUTAM PARA LEVAR À PRÁTICA O PROJECTO QUE NELA SE ESTABELECE DE UMA MAIOR JUSTIÇA, PROGRESSO SOCIAL E PAZ.

O SECRETARIADO NACIONAL DA CGTP-IN ASSOCIA-SE E APOIA AS COMEMORAÇÕES DO 7.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL QUE SE REALIZAM POR TODO O PAÍS E EXORTA OS TRABALHADORES A NELAS PARTICIPAREM EMPENHADAMENTE, NA CERTEZA DE QUE A UNIDADE DOS TRABALHADORES E DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS SERÃO CAPAZES DE BARRAR O CAMINHO AOS QUE DESEJAM O REGRESSO AO PASSADO, E AO MESMO TEMPO DE FAZER AVANÇAR A CONSTRUÇÃO DO PORTUGAL DE ABRIL.

LISBOA, 22-4-1981

O SECRETARIADO NACIONAL DA CGTP-IN

Vital Moreira em Viana do Castelo

Extinção do CR é questão fulcral

PORTO, 23 — «Sem o CR a contra-revolução teria sido maior do que foi e só por ingenuidade se pode dizer que o problema da sua extinção é uma questão secundária da revisão constitucional», afirmou Vital Moreira no debate efectuado anteontem em Viana do Castelo, promovido por uma comissão local para comemorar o 5.º aniversário da Constituição. A extinção daquele órgão de soberania e a questão da transferência das suas atribuições suscitou aliás um grande interesse no decorrer do debate, quer por parte dos juristas convidados quer por parte do público que encheu completamente o auditório do Centro Cultural do Alto-Minho. Vital Moreira acrescentaria que «não se trata de defender o CR em abstracto, mas de saber o que vamos pôr no seu lugar porque ainda não há nada que o substitua, não temos nada que diga ao Governo da AD, como disse no ano passado, por exemplo, que a Lei da Delimitação dos Sectores era inconstitucional e não passava», sendo certo que, disse ainda aquele deputado do PCP, a AD vai recorrer à sua maioria parlamentar para fazer as leis que quiser e se dispuser de um órgão fiscalizador da constitucionalidade «à sua medida e vontade, então pouca importância terá o que na Constituição se disser sobre direitos fundamentais, interesses dos trabalhadores, greve, emprego, etc.» Vital Moreira acentuou que «a questão que se levanta em torno do CR é uma questão fulcral da revisão constitucional» e que «a oposição cabe um papel decisivo nesta matéria pois «com a fome que a AD tem

de rever a Constituição, o processo vai ser não de a melhorar como seria nossa vontade, mas de impedir que a AD a piore tanto quanto é seu desejo». Depois de lembrar que «as revisões golpistas das Constituições foram sempre subversões dos regimes» e que na revisão da Constituição de 76 estão particularmente em foco as questões do sistema económico e do sistema de Governo, Vital Moreira disse que «várias maiorias são possíveis e é neste quadro que se entendem certas posições políticas, certos acordos e o alicamento de sectores ora na oposição para um cambalacho a fim de, com alianças, rever as coisas a contento da AD». Vital Moreira acentuou ainda que «a revisão da Constituição é um processo que vai depender muito do ambiente que a AD vai tentar criar em torno dele» e que «a manutenção deste clima de insegurança em relação à revisão constitucional não é favorável ao regime democrático e tem sido esse ambiente de insegurança que a AD tem fomentado para criar situações que levem às soluções que nem a própria AD esperaria».

Neste debate participaram ainda o prof. Vítor de Sá, que traçou uma panorâmica das raízes históricas profundas que legitimam a Constituição de 76 e os juristas Alberto Martins e António Vitorino, este da UEDS. Alberto Martins, na intervenção que precedeu o colóquio, disse que «a revisão constitucional não é uma pura tarefa técnica, para técnicos, mas uma opção política de fundo que se coloca a todos os portugueses» e denun-

ciou o «pactualismo sub-reptício» a que se assiste com «certas manobras de retratação e contratação» em relação à revisão constitucional. Considerando que o projecto da AD é «neoliberal ao nível económico, autoritário ao nível político e totalitário ao nível cultural e de informação», Alberto Martins afirmou que a AD vai tentar alterações mais profundas ao nível do sistema económico e que é por isso que o dirigente Lucas Pires fala da existência de «um consenso e estabilidade e abertura» que, disse Alberto Martins, significa criar uma certa «estabilidade» política para obter as transformações económicas que sobretudo interessam às forças que a AD representa. Por outro lado, Alberto Martins acentuou que nos órgãos militares, como no CR e nos órgãos que venham a ser criados para o substituir, «o problema é sempre o da composição desses órgãos, saber quem vai lá estar».

Por seu turno António Vitorino considerou igualmente como questão cultural a extinção do CR e a atribuição das suas competências e afirmou que a subordinação do poder militar ao poder civil é uma matéria difícil e um problema crónico na sociedade portuguesa. A questão do poder militar seria depois abordada ainda a propósito de questões postas pelos participantes tendo Vital Moreira afirmado a certa altura que o que a História mostra é que «ou os militares estão comprometidos com o regime democrático ou o regime democrático acaba nas mãos dos militares».

Os outros partidos têm 30 dias
para apresentar propostas

ASDI desencadeia hoje processo de revisão constitucional

O deputado da ASDI Jorge de Miranda apresenta hoje no Parlamento o projecto de revisão constitucional do seu partido, que é o primeiro a ser apresentado para modificar o texto aprovado pelos constituintes em 2 de Abril de 1976.

A partir de agora, e de acordo com o que dispõe a actual Constituição, os restantes partidos com assento parlamentar têm o prazo máximo de 30 dias para apresentar os seus projectos. A Aliança Democrática, ultrapassados que foram os últimos problemas respeitantes às Regiões autónomas, formalizará a sua proposta no dia 25 de Abril, desconhecendo-se ainda quando o fará o PCP e o MDP. Quanto à UDP, sabe-se já que não apresentará nenhum projecto global de revisão, reservando a sua contribuição, neste tema, para as discussões em Comissão Parlamentar e no plenário. Quanto aos restantes partidos parlamentares — a UEDS e o PS — e mesmo quanto à FRS, tudo está por enquanto dependente do que se passar no Congresso do Partido Socialista, onde provavelmente as tendências existentes no PS terão posições diferentes quanto à revisão.

Ontem mesmo, o primeiro secretário da UEDS contestou a apresentação do projecto da ASDI, afirmando que ele «não serve a coesão da FRS».

Os dirigentes da ASDI, justificando a apresentação de um projecto próprio, salientaram a necessidade de retirar a iniciativa política à AD na revisão, encarando, no entanto, a hipótese de desistir do seu projecto para subscrever a proposta comum da FRS, quando a vida interna dos partidos que a compõem o tornar possível.

Propostas da ASDI

O projecto de revisão da ASDI assenta fundamentalmente no documento elaborado pelo prof. Jorge de Miranda e publicado no ano passado, com modificações introduzidas em função do acordo assinado com os outros dois partidos da FRS.

Segundo uma fonte da ASDI, o projecto tem muitos pontos em comum com o anteprojecto da FRS, da responsabilidade de uma comissão de que faziam parte o próprio Jorge de Miranda e,

ainda, os socialistas Almeida Santos e Nunes de Almeida e José Vitorino, da UEDS.

Nele mantém-se o sistema semipresidencial em vigor e o Governo continua dependente do Presidente da República e do Parlamento.

Não foi ainda revelada a posição adoptada quanto à nomeação das chefias militares, mas de acordo com o projecto de Jorge Miranda de 1980, ao Presidente da República, nos termos do seu art. 141.º alínea 1), competiria nomear os chefes de Estado Maior das Forças Armadas.

Em declarações à ANOP, Jorge Miranda explicou que o projecto da ASDI coloca no Parlamento as competências legislativas que até agora têm pertencido ao Conselho da Revolução em matéria militar.

O preâmbulo da Constituição mantém-se sem alterações, e prevê-se a substituição do Conselho da Revolução por um Conselho da República e por um Tribunal Constitucional, cujos membros seriam nomeados pelo PR, pela AR e pelos tribunais.

O projecto, no seguimento de posições há muito defendidas por Jorge Miranda, propõe a possibilidade de realização de referendos apenas de âmbito e matérias de interesse locais.

a revolução de 1383

ANTÓNIO BORGES COELHO

Da necessidade, por muitos constatada, da existência de livros que tratem os diferentes momentos da história de Portugal com rigor e objectividade, surge na Editorial Caminho um conjunto de títulos dedicados a esta temática, que se engrandece agora com o lançamento de **A revolução de 1383** de António Borges Coelho. Uma análise dos acontecimentos de 1383 feita com particular rigor e clareza com o recurso a textos de origens diversas desde as crónicas de Fernão Lopes à obra de Vitorino Magalhães Godinho.

a revolução
de 1383



Dimensão 6

na estrada do futuro **editorial CAMINHO**

CDL a distribuição



COMEÇAMOS A PREPARAR O FUTURO

Porque o futuro é exigente, principalmente nas comunicações, nós, C.T.T., começamos a preparar o futuro. Inauguramos o novo Centro de Informática. Passamos a dispor de uma das mais avançadas tecnologias. Para servir melhor.



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

AD apresenta projecto de revisão no 25 de Abril

O projecto de revisão constitucional da AD, a divulgar sábado, retira ao Presidente da República a faculdade de demitir Governos.

Mantém todavia o poder presidencial de dissolver o Parlamento, após ouvir — sem carácter vinculativo — os partidos parlamentares e o Conselho de Estado.

A nomeação do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, que não consta do projecto, deverá caber no âmbito da parte da competência legislativa em matéria de defesa (pertence ao Conselho da Revolução) ao Governo.

Os Governos poderão ser derubados pelo Parlamento, por uma moção de censura que proponha um novo Primeiro-Ministro e que pode ser aprovada por maioria simples (governos minoritários) e por maioria absoluta (governos maioritários).

O projecto da AD omite as referências à marcha do País para o socialismo, ao salário máximo nacional e a socialização dos bens de produção e dá relevo aos laços de sangue na atribuição da nacionalidade.

Prevê a liberdade de fundar jornais e estipula que a criação de novas emissoras de rádio esteja sujeita a autorização.

Ainda no capítulo da Imprensa, diz que o público passa a ter, além do direito de resposta, o direito a «indenização por danos sofridos» e omite referência aos Conselhos de Informação. «O ensino particular e cooperativo é reconhecido e apoiado pelo Estado» e a este incumbe «cooperar com os pais na educação dos filhos» — acrescenta o texto da AD.

A AD defende a liberdade de criação de partidos políticos desde que não usem símbolos nacionais ou religiosos, não tenham âmbito regional, não constituam associações armadas nem promovam a violência nem objectivos contrários à lei penal.

Do projecto da maioria omite o carácter «geral e gratuito» do Serviço Nacional de Saúde e acrescenta à Constituição em vigor que «o Estado apoia as instituições privadas de solidariedade social».

Deixa de considerar o ensino privado como apenas supletivo do ensino público e prevê que a rede escolar seja articulada

entre os dois.

Na organização económica, elimina a irreversibilidade das nacionalizações efectuadas depois de Abril de 1974 e a obrigação de o Estado acabar com os monopólios privados.

No capítulo de economia acrescenta às obrigações do Estado «defender a solvência externa da meda», zelar pela eficácia do sector público e estimular a participação dos «parceiros sociais» (e não apenas dos trabalhadores) na definição das medidas económicas.

A Reforma Agrária é definida como «um dos instrumentos» ao serviço dos «objectivos da política agrícola».

O texto prevê que a terra de grandes latifúndios seja distribuída «em propriedade ou posse útil» por agricultores e cooperativas, desde que um melhor aproveitamento económico o justifique.

O Presidente da República não poderá ausentar-se para o estrangeiro sem o assentimento do Governo e, quanto à sua eleição, o projecto admite o voto dos emigrantes e considera os votos brancos como validamente expressos.

O projecto extingue um dos cinco órgãos de soberania, o Conselho da Revolução, e cria um organismo consultivo do Presidente da República a que chama Conselho de Estado.

O Conselho de Estado é formado pelo Presidente da República, Primeiro-Ministro, Presidentes da Assembleia dos Supremos Tribunais de Justiça (STJ) e Militar (STM), Chefes dos Governos Regionais, cinco deputados, o Provedor de Justiça e o Procurador-Geral da República.

Deixa de haver recurso a eleições intercalares (são todas de legislatura) e o parlamento — formado por 251 deputados — não pode delegar no Governo a sua competência legislativa sobre algumas matérias — refere o texto.

O documento também trata da Constituição dos estatutos dos Açores, Madeira e Macau do Orçamento e Plano, das Amnistias e da Ratificação do Estado de sítio.

Neste projecto, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça preside ao Tribunal Constitucional (a criar) e ao Conselho de Superior da Magistratura

Projectos constitucionais em 75

Organização económica: com os trabalhadores era assim

Os trabalhos da Constituinte avançavam e, ao mesmo tempo, o Verão de 75, passo a passo, pesado, tenso. Com calor e no calor da luta, discutia-se a organização económica do Estado. Era o poder dos trabalhadores em todos os projectos constitucionais.

Alguns partidos tentavam (e conseguiram) consignar na Constituição a realidade, nessa altura, das fábricas, das empresas, das escolas. A ocupação de terras no Alentejo. O CDS e o PSD assistiam impotentes a isso. O 25 de Novembro chegaria um pouco tarde para alterar os artigos já aprovados; demasiado cedo para concluir o 25 de Abril. O Estado foi «definido», como ontem vimos, por todos os partidos como uma **sociedade sem classes, uma sociedade socialista, ou a caminho do socialismo**. Por lapso não foi publicada a definição do MDP/CDE, que passaremos a transcrever: **O Estado Português é uma República Democrática que, baseando-se nas grandes camadas da população historicamente oprimidas, promove, pela aliança revolucionária do povo com as suas forças armadas, a instauração de uma sociedade socialista**.

Na organização económica, a situação não é menos curiosa de recordar. Ainda aqui a «socialização» andava na boca de todos os partidos.

CDS: queria a socialização

Começamos pelo CDS. No seu projecto constitucional de 75, os centristas escreviam no seu artigo 36: **Portugal adopta como sistema económico o da economia social de mercado, baseado na liberdade de iniciativa, no acesso dos trabalhadores à propriedade privada e na socialização dos meios de produção que nos termos da Constituição e da lei devem ser submetidos ao regime de propriedade pública**.

A terminar o projecto de então do CDS, queria **socializar**. Era taxativo. Delicie-se, leitor, com o artigo 39: **Empresas não sujeitas à concorrência nacional ou internacional; indústrias básicas de primordial interesse colectivo; empresas que explorem serviços públicos essenciais, de âmbito nacional ou local; actividades que por motivo de ordem técnica ou económica, a lei reconheça deverem ser exercidas em regime exclusivo e que não devam ser objecto de concessão; empreendimentos considerados no plano económico-social como necessários à economia nacional e em relação aos quais a iniciativa privada, nos prazos legalmente fixados, não ofereça soluções de interesse colectivo**.

MDP/CDE: três sectores

O Movimento Democrático Português, no seu projecto não era tão expansivo como o CDS. Não precisava. Antes do 25 de Abril tinha-se batido por princípios que não carecia, agora, de o fazer. A **política económica da República Democrática Portuguesa tem por objectivo: a subida do nível de vida da população e a consolidação do poder popular e da independência económica nacional** era o artigo 6, para logo acrescentar: **A economia portuguesa organiza-se em três sectores fundamentais: estatal, cooperativo e privado** ou no artigo 11: **Constituem propriedade do Estado a indústria bancária, a indústria seguradora e as indústrias delas dependentes, devendo progressivamente entrar nesse domínio os sectores básicos da economia**.

PCP: fim à exploração

A definição económica do Estado português encontra-se claramente definida no projecto constitucional do PCP: artigo 3 — **O regime político, económico e social caracteriza-se pela garantia e exercício das mais amplas liberdades democráticas e pela realização revolucionária de profundas transformações económicas e sociais de transição para o socialismo, o qual abolirá para sempre a exploração do homem pelo homem e instaurará um tipo superior de democracia**.

A «base económica» era, a seguinte, para o PCP: **«Constituem a base económica do regime de transição? o sector nacionalizado — em particular a banca e a grande indústria — propriedade do Estado democrático revolucionário e sector dominante da economia nacional; o sector cooperativo, particularmente as cooperativas agrícolas de produção e as cooperativas de pescadores; o sector privado — pequenos produtores independentes, pequenas e médias empresas, capital estrangeiro nas condições fixadas pela lei. O sector nacionalizado e o sector cooperativo desenvolvendo-se em propriedade colectiva dos meios de produção, permitirão criar a base material e técnica do socialismo»**.

PPD: socialismo sempre, sempre

Sem comentários, transcrevemos, os dois artigos referentes à organização económica do projecto do PPD. Artigo 64: **«A organização socioeconómica da República Portuguesa visa a construção do socialismo, com eliminação da exploração do homem pelo homem e com a abolição das classes privilegiadas, mediante a livre associação do trabalho com os meios de produção estaduais, sociais ou privados»**. Depois disto, que acrescentar ao revolucionarismo do PPD...

PS: a dinâmica socialista

«A organização económico-social — para o Partido Socialista em 75 — da República Portuguesa assenta no desenvolvimento das relações de produção e o exercício do poder democrático dos trabalhadores». No artigo 43 acentuava: **«Os meios de produção, bem como os recursos naturais e os solos estão subordinados à dinâmica da construção da sociedade socialista»**. «Irreversíveis todas as nacionalizações levadas a cabo depois do 25 de Abril nos sectores básicos da economia e dos serviços colectivos», acrescentava o Partido Socialista.

Como ficou

A organização económica haveria de tornar-se, naturalmente, na discussão mais acesa nos trabalhos da Constituinte, e na qual, agora, os partidos da AD pretendem introduzir maiores alterações. Nacionalizações, controlo operário, Reforma Agrária, tudo ficou consignado no actual texto constitucional. Por isso, a Constituição é o alvo preferido dos ataques da direita. Pelos movimentos que impede, pelos recuos que ainda evita. E depois da revisão constitucional?

HIGHLAND CLAN
SCOTCH WHISKY

Parabéns!
Você já pode beber
HIGHLAND CLAN a um preço ótimo.
HIGHLAND CLAN, genuíno whisky escocês,
produzido, destilado e envelhecido na Escócia,
é engarrafado por MACIEIRA & C.ª Lda.
o que garante confiança.

HIGHLAND CLAN
o scotch
com
verdade!

Aprecie a nossa qualidade com moderação.

HIGHLAND CLAN
SPECIAL RESERVE
Scotch Whisky

GIESA NCK

concurso DL

QUINTA-FEIRA
Lisboa--30 de Setembro-1926

5 Top

21

sempre.

fixe

Propriedade
RENASCENÇA GRÁFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

NA
CASA
PIA

«Os officiaes devem reflectir, não se deixar envolver pela insidia dos seus inimigos. Devem fechar os ouvidos ás intrigas e aos boatos, *conser ando-se calados*».

(De uma recente nota officiosa).

Ex.^{ma} Senhor Director
Os abaixo assinados
alunos surdos-mudos
d'este Estabelecimento
de ensino

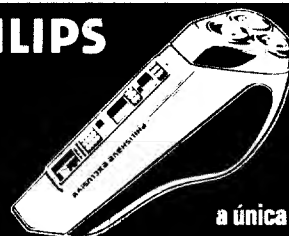
multo respectu
pedis a V. E. a
se Digne

O Director — Esta agora! Então os surdos-mudos não me requerem para serem todos oficiais, alegando que ninguém tem os ouvidos tão fechados e a boca tão calada como eles?!!

Nova

Philishave

de acção dupla

PHILIPS

**prepara o corte
e barbeia
mais rente**

a única máquina eléctrica de barbear de acção dupla

1.º Album SEMPRE FIXE

Concurso DL

42



No domingo passado, quatro grupos da Divisão de Honra jogaram em Palhavã a favor dos sinistrados do Faial.

Atendendo ao fim a que se destinava a receita dos dois matches, os teams fizeram o que se pode chamar um jogo de circunstancia—um football sismico.

E o Belenenses, que no domingo passado havia derrotado o Carcavelinhos por 3-1, foi batido pelo mesmo Carcavelinhos por 3-0.

No campo de Palhavã vai ser afixado um placard com os dizeres seguintes:

—Aqui é que elas se fazem, e aqui é que elas se pagam!

Quando se criou a Travesia de Lisboa a nado, de Xabregas a Algós —houve admiração geral perante os seus doze quilómetros de extensão. E os sucessivos vencedores ostentavam a medalha de ouro, como se da Ordem da Jarreteira se tratasse.

Mas o Alves Miguel atreveu-se a nadar trinta quilómetros duma só vez —Xabregas a Cascais—e começou logo a ouvir-se falar nas correntes. A tal ponto que, afinal, o problema parecia apenas consistir em lançar-se á agua num ponto mais afastado da foz, e ir na vassante...

O Antonio Soares deu até uma entrevista anunciando sessenta quilómetros, para o que partiria de Vila Franca, fazendo-se acompanhar, como os *traverseurs*—pode traduzir-se por: *travesseiros*—da Mancha, por um rebocador com um jazz-band a bordo.

Entretanto, na semana passada, o Basilio e o Bessone foram, de sociedade, desde Xabregas á Boca do Inferno, sem jazz-banditismo de qualquer especie.

Fala-se já, ainda que vagamente, numa travessia de cem quilómetros, que serão feitos ás arrecuas por um nadador que partirá do Castelo de Almourrol.

Mas se tal suceder, o Antonio Soares propõe-se resolver definitivamente o assunto, batendo, de longe, todos os records mundiais de distancia.

Para isso, lançar-se-há á agua, mesmo na nascente do Tejo, na serra do Albarracin —introduzindo, até, um atractivo original e acrobatico, que será o da descida das quadras de Rodam, por um cabo, e pendurado pelos dentes.

Guardado está o bocado...



...e outro na fuga...

Mais, *retournons à la vache folle*—como diria Vitor Hugo.

Bessone Basto, quando atingiu o penedo da Figa, não só estava convencido de que ultrapassara o maximo de Miguel—mas ainda de que Bazilio não era homem para obras de grande tomo.

Foi:—um *equivoco*...

Consolou-se com a ideia de que bateu no mesmo dia dois records:

—O record do Alves Miguel

—E o record de ser *recordman* durante o menos tempo possível: três quartos de hora.

Na sexta-feira passada, Jack Dempsey perdeu o titulo de campeão do mundo de box, que ganhara ha seis anos derrotando Jess Willard, titular de então.

E' curioso que os dois homens habitam hoje a pequena distancia um do outro, em Los Angeles. E mais curioso ainda: ambos afirmam não se terem voltado a encontrar depois do match.

Na verdade, qualquer deles não professa pelo outro uma estima irresistivel...

Ha meses, alguém perguntou a Dempsey:

—«Ha quanto tempo você não vê Willard?»

—«A ultima vez que o vi foi ao descer do ring, quando lhe applicavam uma esponja molhada na nuca, para que ele voltasse a si...»

Transmitiram esta resposta a Jess Willard, que replicou:

—«E' um accidente que sucede aos melhores. Um dia virá em que Jack,

por sua vez, ha de receber a esponja molhada na nuca...»

A profecia realizou-se na sexta-feira passada...

O ultimo numero do nosso presado colega *O Sport de Lisboa* trazia uma cronica do jogo Vitoria-Benfica —bem feita, como o são todas as coisas do nosso colega presadissimo.

Apenas—na apreciação dos jogadores, um trecho nos pareceu um pouco estranho:

«Vitor Gonçalves, frente a frente para o seu adversario, bom; voltado para o seu campo, mau»

Isto é, tecnicamente: um disparate.

E como os redactores do nosso brilhante colega são pessoas incapazes de escrever disparates—conclue-se que se não trata duma apreciação tecnica mas duma apreciação estetica; ou seja, em menos palavras:

«Vitor Gonçalves, de frente, bom; de costas, mau».

Para quem gosta...

A inserção do hungaro Torok como nadador do Sporting, produziu, como toda a gente de desporto sabe, uma tempestade de tal ordem que até varios clubes partiram as amarras que os ligavam ao cais da Liga...

Houve enorme dificuldade em averiguar da exacta duração da permanencia de Torok em Portugal, porque, so que parece, ele nem passaporte possuia. E isto, que á primeira vista pode parecer estranho, já nos foi explicado pelo facto de Torok ter

entrado em Portugal com a Montanha Russa que esteve trabalhando no Parque Eduardo VII.

Por sua vez, a vinda de Torok com a Montanha Russa explica completamente que ele tenha dado origem a complicações tão acidentadas...

Joaquim Ferreira, o discutidissimo internacional de foot-ball, anda em fogo, ha perto de um mês.

O Sporting recusou-lhe um lugar no seu onze, e, segundo os regulamentos da Associação, o jogador teria que estar um ano sem jogar para poder ingressar noutro clube.

Era assim uma especie de *leão cativo*...

Mas, na ultima assembleia da A. F. L., acrescentou-se um paragrafo á lei, e o *leão* ficou com liberdade para cortar a juba e para mudar de pele...

E—fenomeno maravilhoso!—o Ferreira, que até aqui, segundo opinião quasi geral, era: o *Indisciplinado*, o *Brincalhão*, o *Incorrecto*, etc., etc., etc.—sofreu, segundo a mesma quasi geral opinião, uma completa metamorfose!

O Candido de Oliveira afirmou até publicamente, e nas salas da Associação, que Joaquim Ferreira tem sido um jogador de procedimentos exemplar. E provou que não consta de qualquer dos ser cadastros foot-bolisticos nem sequer uma reprehensão registada!

As reputações desfazem-se e fazem-se—como as bolas de neve.

E tanto assim é, que, a dar credito ao que corre, parte proximoamente para Roma uma embaixada, de que será chefe inevitavel o comandante Avila de Melo—e que vai supplicar do Papa nada menos do que: a canonização de Joaquim Ferreira.

Razões para o pedido—sobejam.

Se o profeta Daniel entrou na caverna dos leões —Joaquim Ferreira conseguiu o mais difficil, que era sair sem ser devorado.

A canonização é certa. Ao lado do Santa Genoveva, Ferreira vai dignamente entileirar como advogado e protector dos vãos á Leotard e sem rede.

O *Eco dos Sports* está já preparando a edição duma vistosa tricomia em que o afamado internacional apparece de tunica e bordão—e com um lindissimo par de azas.

Por baixo, em letras douradas: «São Joaquim Ferreira, herói mártir do amadorismo».

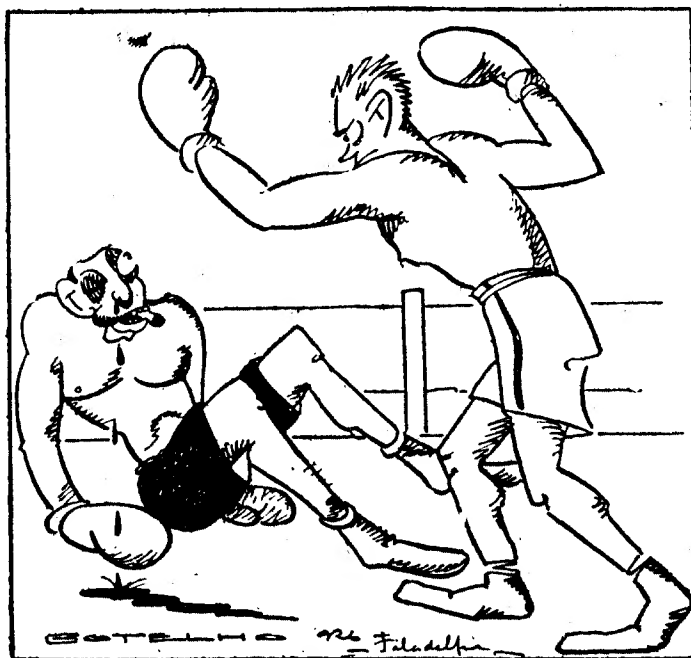
Rebela-A-Bola.

Na parada de Cascais...



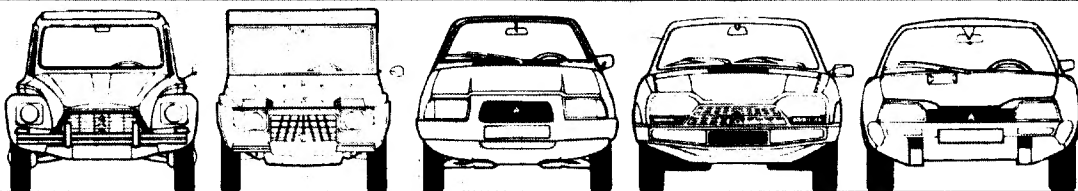
Como se manda uma bola a... Vêda

AS GRANDES REPORTAGENS



Como ficou o idolo.

N. da R.—Este sensacional desenho foi recebido na estação radio-gráfica do "Sempre Fixe" ás 3,15 da madrugada, (10,15 em Filadelfia), isto é, um minuto depois da queda do idolo que ha seis anos era detentor do campeonato do mundo.



CITROËN

CITROËN

a gama mais completa

RECORTE POR AQUI

Ponte sobre o Guadiana Técnicos querem marginalizar interesses das populações?

FARO, 22 — A Comissão Mista de Ayamonte (Espanha) e Vila Real de Santo António (Portugal) mostra-se inquieta quanto à localização da projectada ponte internacional do Guadiana. Para esta comissão, que ontem publicou o seu primeiro comunicado depois da reunião, há duas semanas, em Ayamonte, a localização ideal da ponte seria ao Sul daquela cidade espanhola e ao Norte de Vila Real, de acordo como o art.º 1.º da ratificação da Convenção Internacional assinada em Madrid e aprovada pelos Governos dos dois países em 1970.

No entanto, os três lugares designados, em princípio, para a construção da ponte, afastam-se das duas localidades

fraenteirças, ao que parece, e no entendimento dos técnicos, por qualquer deles ser favorável a um melhor assentamento da edificação. Mas as populações de Ayamonte e de Vila Real de Santo António, bem como os seus representantes autárquicos, é que não estão pelos ajustes, considerando qualquer das opções desfavorável e ignorando os seus interesses.

Nos termos do comunicado da Comissão Mista, «os contribuintes necessitam de uma explicação adequada dos técnicos para que uma obra desta importância das duas localidades e que nunca os seus habitantes possam ser vítimas de uma decisão unilateral».

Dessa maneira, refere o comunicado que «seriam defendidos os sectores do comércio e da hotelaria e os interesses dos trabalhadores, evitando-se simultaneamente a marginalização das terras pelo aproveitamento do intercâmbio turístico», enquanto se manteriam, por outro lado, «os laços históricos e os vínculos de amizade e fraternidade já tradicionais entre ambos os povoados».

A Comissão Mista é constituída pelos presidentes das Câmaras das duas localidades, Câmara de Comércio de Ayamonte, Assembleia Municipal de Vila Real e representantes do comércio, hotelaria e centrais sindicais das duas populações.

Governo empenhado em facilitar pagamento de impostos

O secretário de Estado do Olhã, a abertura, até finais de 1981, de mais 30 repartições de finanças, no continente e nas regiões autónomas.

Alípio Dias revelou também que irão ser desdobradas as repartições dos concelhos de Amadora, Barreiro Seixal, Vila Nova de Famalicão, Oeiras, Cascais Santo Tirso e Viseu.

Falando na cerimónia de inauguração da nova repartição de finanças de Olhã o secretário de Estado afirmou que tais melhoramentos se inserem no empenho do Governo em tornar «mais simples e mais cómoda a relação entre o fisco e o contribuinte».

«A evasão e as fraudes fiscais

constituem uma verdadeira chaga social que todos devemos combater» — declarou Alípio conceição.

Referiu que as pessoas ao satisfazerem as suas obrigações estão a caminhar «para que amanhã paguem menos impostos».

No seguimento da luta que o Governo está a desenvolver naquele sentido — adiantou — está em estudo a aplicação de novas sanções.

Entre estas sanções salientou a aplicação de penas de prisão.

Na sequência de acções de combate e evasão e fraude fiscais, no período de Janeiro a Março, o imposto e multas em contrários em falta, proporcionaram uma receita de 1,1 mil mi-

lhões de escudos — disse.

O director-geral das Contribuições e Impostos anunciou que na próxima cobrança dos impostos complementar e de veículos irá ser aceite a colaboração das Juntas de Freguesia e do Automóvel Clube de Portugal.

A repartição de Finanças de Olhã, ontem inaugurada, custou cerca de 20 milhões de escudos e irá permitir, assegurou o seu responsável, satisfazer as necessidades do público durante os próximos 30 anos.

Substiveram presentes ao acto o subsecretário de Estado do Orçamento, Lurdes Vale, o governador civil do distrito, Oliveira Santos e o presidente da Câmara Municipal, Francisco Bonança.

Energia solar faz congregar nomes

O estudo e o aproveitamento de novas formas de energia constituem os objectivos da Sociedade Portuguesa de Energia Solar, já com escritura publicada no «Diário da República» e presentes a iniciar as suas actividades.

Entre os 40 sócios fundadores e os corpos gerentes já eleitos figuram os nomes de Colares Pereira, do Instituto de Investigação Científica, do publicista Eurico da Fonseca e do director-

-geral de Energia, Sidónio Pais, catedráticos e dirigentes de firmas ligadas aos problemas energéticos.

A Caixa Geral de Depósitos, que tem oferecido créditos especiais para a instalação de novas formas de energia em Portugal, faz, também, parte dos corpos gerentes.

A associação propõe-se «conjugar, informar, promover e desenvolver os esforços de todos

os que se preocupam com problemas de energia».

Pretende, ainda, dotar Portugal da possibilidade de mais rapidamente aproveitar e valorizar este tipo de recursos, «associando os que por eles se interessam; aumentando o seu número e entusiasmo pela promoção de actividades, divulgação de informações, permuta de conhecimentos e filiação nas entidades internacionais semelhantes».

Comunicação Social

Acelerar saneamento económico das empresas jornalísticas estatizadas

O Governo decidiu «acelerar o estudo e celebração dos acordos de saneamento económico e financeiro actualmente em estudo» em empresas jornalísticas estatizadas — refere o Governo numa nota.

O comunicado foi emitido no final de uma reunião entre o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, os ministros de Estado, Basílio Horta, da Qualidade de Vida, Ferreira do Amaral e das Finanças, Moraes Leitão e o secretário de Estado da Comunicação Social, Luís Fontoura.

A reunião destinou-se a examinar diversos problemas relacionados com a gestão económica e financeira da Comunicação Social estatizada.

Além de defender a intensificação do saneamento económico das empresas (não especificadas, note-se, no comunicado) o Governo decidiu «impulsionar o fecho dos balanços dos anos anteriores, de forma a tornar líquidos os quadros que deverão permitir decisões futuras».

«Improvisação»
NA RDP-Norte

O Conselho de Redacção da Radiodifusão Portuguesa-Norte

considerou «insuficiente e desprovido de conteúdo» o caudal noticioso da Redacção desta emissora no Porto.

Em comunicado, o CR acrescenta que na RDP-Norte «imperava a improvisação e a arbitrariedade» e denuncia a existência naquela Redacção de «chefias políticas feitas à revelia dos jornalistas e de critérios mínimos de competências».

Actualmente, acentua-se no comunicado, «os meios materiais e humanos que se transferem para os Serviços Nacionais e Internacionais, mesmo pela via Anop, fazem falta ao tratamento da que deveria ser a primeira e última preocupação de uma Redacção regional: a informação de e sobre a região».

O CR considera ainda que a projectada separação das Redacções Regionais da RDP-Norte «só trará desvantagens e prejuízos, que obrigam à criação de duas estruturas, carregadas com os custos de serviço, materiais, chefias e pessoal».

«Quando se pensa» — acrescenta-se também — «que uma só Redacção com equipas distribuídas para servir os dois canais responderia totalmente às exi-

gências, não se consegue vislumbrar que razões terão levado a pensar que regionalizar e descentralizar «é espalhar filhotes» pelo País.»

Manágua
— Reunião Mundial
de Jornalistas

Representantes de 51 países e de cinco organizações internacionais vão participar na Assembleia Mundial de Jornalistas, que decorrerá em Manágua de 27 de Abril a 2 de Maio.

A América e as Caraíbas terão a maior representação com 28 nações, seguidas pela Europa (16 países), Ásia (6) e África (4).

Jornalistas de mais de vinte países, na sua maioria da América e da Europa Ocidental, estarão presentes na reunião «Nica-rágua Hoje», a fim de se inteirarem da nova realidade deste país centro-americano.

Estará também presente um representante da UNESCO, German Carnero Roque, bem como delegados da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e do Instituto Latino-Americano de Estudos Multinacionais.

«Flashes»

● A Comissão de Trabalhadores da Empresa Pública «Notícias/Capital» (EPNC) decidiu pedir um inquérito ao que classifica de irregularidades no processo de adjudicação a outra empresa de impressão dos boletins do Totobola (empresa Mirandela). A impressão dos boletins está há 16 anos adjudicada à empresa do «Diário de Notícias» — e a adjudicação desta obra a outra firma retira à EPNC 36 por cento da facturação anual do «Anuário Comercial», tornando inútil o equipamento técnico existente para o efeito. Segundo referiram os elementos da CT (no decorrer de uma conferência de Imprensa), em Junho de 79 a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa levou a concurso a feitura dos boletins, tendo a EPNC apresentado a proposta mais vantajosa. No entanto, um mês depois, o concurso foi anulado depois das propostas concor-

rentes «terem sido abertas e dadas a conhecer aos candidatos, e novo concurso foi aberto». Diz a CT da EPNC: «Claro que tendo a nossa proposta na mão, a Mirandela, que era um dos outros concorrentes, modificou a sua proposta, descendo cerca de 12 por cento os preços inicialmente apresentados e ganhando o concurso». Mirandela, por sua vez, afirma não haver nenhuma irregularidade no processo de adjudicação.

● Prosseguem as comemorações do aniversário do programa «Sem margem», sob o tema «Rádio, Comunicação, Função Cultural». De assinalar que, amanhã, o Programa 2 transmite em FM a ópera «Aida» directamente do Teatro Nacional de São Carlos.

a reacção não passara

DIA 24

21,30 horas - ROSSIO

GRANDE ESPECTÁCULO

"OS QUE CANTARAM PRIMEIRO"

Texto JOSÉ JORGE LETRIA
MANUEL BRANCO

Luminotécnico ANTÓNIO MILEU

Encenação ANTÓNIO MACHADO

Cenografia MÁRIO ALBERTO
MARGARIDA

Coreografia ÁGUEDA SENA

ARY DOS SANTOS
ALFREDO VIEIRA DE SOUSA
JOSÉ JORGE LETRIA
JOSÉ AFONSO
JOAQUIM PESSOA
IO APOLLONI

LUÍS FILIPE COSTA
MARIA DULCE
PAULO DE CARVALHO
BANDA, GRUPO CORAL
ALENTEJANO
DA AMADORA
GRUPO OS BONIFRADES
Colaboração do GIC.
Grupo de Teatro
da Guilherme Cossoul
e Praça Pública



25 de Abril SEMPRE

DIA DA LIBERDADE



**25
DE ABRIL**

ROSSIO - 24 - 21.30 horas

PARQUE EDUARDO VII - 25 - 10 horas

25 de Abril SEMPRE



DIA 25

PARQUE EDUARDO VII

**MANHÃ INFANTIL
10 horas**

FRANCISCO SEIA
MARIA EUFÉLIA
PEDRO PINHEIRO
RANCHO INFANTIL DA BRANDOA

* PINTURA * JOGOS * DESPORTOS *

**ESPECTÁCULO
15 horas**

ALFREDO VIEIRA DE SOUSA
JOÃO FERNANDO
LUIZA BASTO

**COMEMORAÇÕES
25 de ABRIL
Aliança Povo Unido**

a reacção não passara

de ontem para hoje

Na Câmara de Lagoa: presidente do (PSD) afastado por corrupção

A vereação da Câmara Municipal da Lagoa (S. Miguel), nos Açores, aprovou ontem à noite uma moção de desconfiança ao seu presidente, Paulino Anselmo, eleito nas listas do PSD, acusado de irregularidades de gestão e de aproveitamento do cargo em benefício pessoal. A moção de desconfiança, apresentada pelos vereadores socialistas, foi aprovada com quatro votos a favor e uma abstenção. A vereação da Câmara da Lagoa, vila situada a cerca de sete quilómetros de Ponta Delgada, é composta por três membros do PSD e dois socialistas.

A realizar na Guarda: estudo da história dos judeus ibéricos

O Primeiro Encontro Internacional para o Estudo da História da Beira e dos Judeus Ibéricos realiza-se na Guarda de 1 a 3 de Junho, sob a presidência do embaixador israelita em Lisboa, Don Alevy Milman. O programa do encontro, segundo foi ontem anunciado, compreende visitas aos locais de maior influência judaica (Belmonte, Guarda, Meda, Celorico da Beira, Linhares da Beira, Pinhel e Trancoso) e a projecção de filmes de carácter histórico-científico sobre Israel. A influência dos judeus na cultura ibérica, na economia e na vida social das Beiras são alguns dos temas a debater no encontro, promovido pela Associação de Amizade Portugal-Israel.

Nos 468 anos da cidade; «os novos artistas elvenses»

A Câmara de Elvas, no distrito de Portalegre, está a comemorar o quadragésimo sexagésimo oitavo aniversário da elevação de Elvas a cidade, com a realização de diversas iniciativas culturais. No âmbito das comemorações realizar-se-ão até ao próximo sábado conferências, exposições de ranchos folclóricos, concertos de música e espectáculos de teatro. No posto municipal de turismo encontra-se patente ao público uma exposição de pintura denominada «Os Novos Artistas Elvenses». Em todas as freguesias do concelho decorrerão paralelamente sessões de cinema e exposições de ranchos folclóricos.

De visita a Braga: Ramalho Eanes inaugura «Agro/81»

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, inaugura amanhã em Braga a Feira Agrícola do Norte «Agro/81», foi ontem revelado pelo presidente da comissão organizadora do certame. A «Agro/81» ficará instalada durante nove dias no Parque de Exposições de Celeiros, nos arredores de Braga, e contará com 232 expositores que ocupam uma área de quinze mil metros quadrados. Quase oitenta por cento dos expositores representam o sector da agricultura, doze por cento a alimentação e cinco por cento os serviços, sendo os restantes cinco por cento da responsabilidade da organização. Espanha e EUA estarão representados directamente no certame, enquanto a França, Japão, Itália, Austrália, União Soviética, Ca-

nadá, Roménia, Bélgica e Suécia, fazem-se representar através dos seus agentes em Portugal.

Feira Popular de Lisboa: obras no pavimento adiam abertura

A abertura da Feira Popular de Lisboa foi adiada para o próximo dia 30, segundo informou ontem a Direcção do Parque de Entrecampos. A inauguração prevista para amanhã, foi adiada ao que parece devido a atraso nas obras de pavimento.

No concelho de Celorico: 900 mil quilos de batata à espera de escoamento

O presidente da Câmara de Celorico da Beira, no distrito da Guarda, afirmou ontem que 900 mil quilos de batata de consumo aguardam escoamento no concelho. Representantes de 21 freguesias do concelho reuniram-se recentemente com Carlos Faria de Almeida a quem solicitaram diligências junto das entidades com vista ao escoamento do produto. A Junta Nacional das Frutas foi já informada sobre a situação e aguarda-se a todo o momento uma resposta, acrescentou Faria de Almeida. A cultura da batata no concelho de Celorico da Beira é, para além da pesti-cida, uma das principais actividades económicas da população.

Antes de Angola: Sá Machado desloca-se a S. Tomé e Príncipe

O administrador da Fundação Calouste Gulbenkian Sá Machado, efectuará na próxima semana uma visita de trabalho a São Tomé e Príncipe, estando previsto que se desloque também a Angola, dentro de dois meses. A visita a São Tomé e Príncipe, feita a convite do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, destina-se, segundo foi ontem anunciado, a ultimar discussões sobre propostas de cooperação nos domínios da saúde e do ensino que a Fundação poderá vir a financiar. Quanto aos objectivos da deslocação de Sá Machado a Angola ainda se encontram em estudo, mas uma fonte da Fundação disse que eles se deveriam fixar no estabelecimento de uma cooperação, privilegiando também os sectores do ensino e educação. Moçambique é, entre os cinco países africanos de expressão portuguesa, o que mais volumosa ajuda recebe da Fundação Gulbenkian.

O assalto ao banco da Figueira Júlio Regadas na Boa Hora acusado de torturar presos

O agente de 1.ª classe da Polícia Judiciária, Júlio Regadas, um dos réus da rede bombista, começou a ser julgado no 5.º Juízo Correccional da Boa-Hora, sob a acusação de sevícias a presos ligados sobretudo ao caso do assalto à agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz, em 1967. No banco dos réus, e acusado do mesmo delito, encontra-se o subinspector daquela corporação, Saraiva.

As primeiras duas sessões do julgamento foram ocupadas pelo advogado de Júlio Regada que procurou defender a tese de que o seu constituinte não poderia ser julgado neste processo já que a sua extradição de Espanha teria sido autorizada apenas, enquanto réu, no processo da rede bombista. Tese não aceite pelo juiz, dr. Salpico, ao contrário do que já tinha acontecido no Tribunal de Cascais, onde Re-

gadas tem a correr um processo relacionado com o contrabando de Mercedes. Neste momento Júlio Regadas encontra-se integrado na PJ, na directoria do Porto.

Recorde-se que o assalto ao Banco da Figueira da Foz foi reivindicado pela LUAR, liderada por Palma Inácio. O julgamento prossegue amanhã a partir das 9 e 30.



O agente da PJ Júlio Regadas

Activistas das FP-25 são julgados na sexta-feira em V. Real de Santo António

Os três activistas das FP-25 detidos em Maio de 1980, em Alcoutim (Algarve), vão ser julgados na sexta-feira, dia 24, em Vila Real de Santo António, informou a Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR).

Honório Gonçalves Marques, de 22 anos, desenhador, Luís Filipe Martins Lopes, de 25 anos, da direcção da Cooperativa Nova Cultura e Cristóvão Mendes Jacinto, de 37 anos, ex-

-emigrante, foram detidos a 13 de Maio de 1980, na sequência de uma operação da GNR, em Martim Longo - Alcoutim.

Nessa operação morreu o soldado da GNR Agostinho Francisco Guerreiro, por um suposto disparo de Honório Marques.

No comunicado da CLCR afirma-se que os detidos foram «espancados brutalmente pela GNR, quando da sua detenção»

e que passaram «vários dias e noites sem comer nem dormir e submetidos a torturas».

«Ameaçados de morte constantemente, submetidos a provocações de vários dirigentes políticos de esquerda - acrescenta o documento - estes antifascistas foram interrogados pela mesma corporação policial que, antes do 25 de Abril de 1974, assassinou Catarina Eufémia e tantos outros».

Lembrando que também na Polícia Judiciária «foram objecto de provocações e chantagens», o executivo da CLCR conclui:

«Assim vão os direitos humanos em Portugal, em 1981, quando vários partidos e órgãos de Comunicação Social silenciam, ou desvalorizam, por cumplicidade, a repressão, as torturas e os assassinatos de trabalhadores e antifascistas».

Poderá dar apoio técnico

Instituto Geográfico alastra pelo território

O secretário de Estado do Orçamento, Alípio Dias, inaugurou, ontem, em Faro a delegação local do Instituto Geográfico e Cadastral, a primeira daqueles serviços em todo o território nacional.

O director-geral daquele instituto, Barata Pinto, salientou que a nova estrutura permitirá ajudar todos os organismos de ordem técnica que até agora se viam

obrigados a recorrer a Lisboa.

O facto de o Algarve ser a primeira região do País a ser dotada de uma delegação deve-se fundamentalmente ao plano de desenvolvimento em curso na região, disse, considerando «o maior neste momento em todo o País».

Barata Pinto acrescentou que o instituto pretende abrir, ainda este ano, mais 12 delegações e

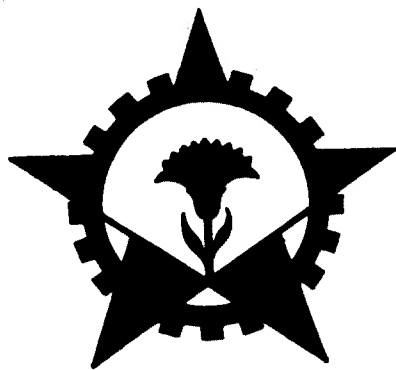
mais oito em 1982.

O Instituto Geográfico e Cadastral tem potencialidades que poderiam ser aproveitadas no apoio aos novos países de expressão portuguesa, nomeadamente na formação de pessoal especializado, salientou.

O secretário de Estado assinalou, por seu turno, algumas das competências daquele organismo, afirmando ser inten-

ção do Governo estender os seus serviços a todo o território nacional, nos próximos dois anos.

Alípio Dias declarou ainda que 1981 foi «um ano de verdadeiro relançamento» do instituto, tendo salientado o esforço que desenvolveu no apetrechamento técnico e no campo da formação.



UEDS

TEMPO DE ANTENA

HOJE APÓS
O TELEJORNAL DA RTP-1

CONSTRUÇÕES

RUIVO DO MONTE

UMA CASA A MEDIDA DA SUA BOLSA

CONSULTE-NOS JÁ PELO TEL. 24128-SETUBAL VENDAS
TODOS OS DIAS: RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM
SETUBAL RUA DO EITO, Nº 28, 2900 SETUBAL

Via Venexa

SAPATOS — MALAS
ALTA QUALIDADE

NOVAS COLECÇÕES

DE PRIMAVERA E VERÃO

CENTRO COMERCIAL DE BENFICA

Est. de Benfica, 739 - Loja 5-F 1500 LISBOA

PASSADEIRA PLÁSTICA

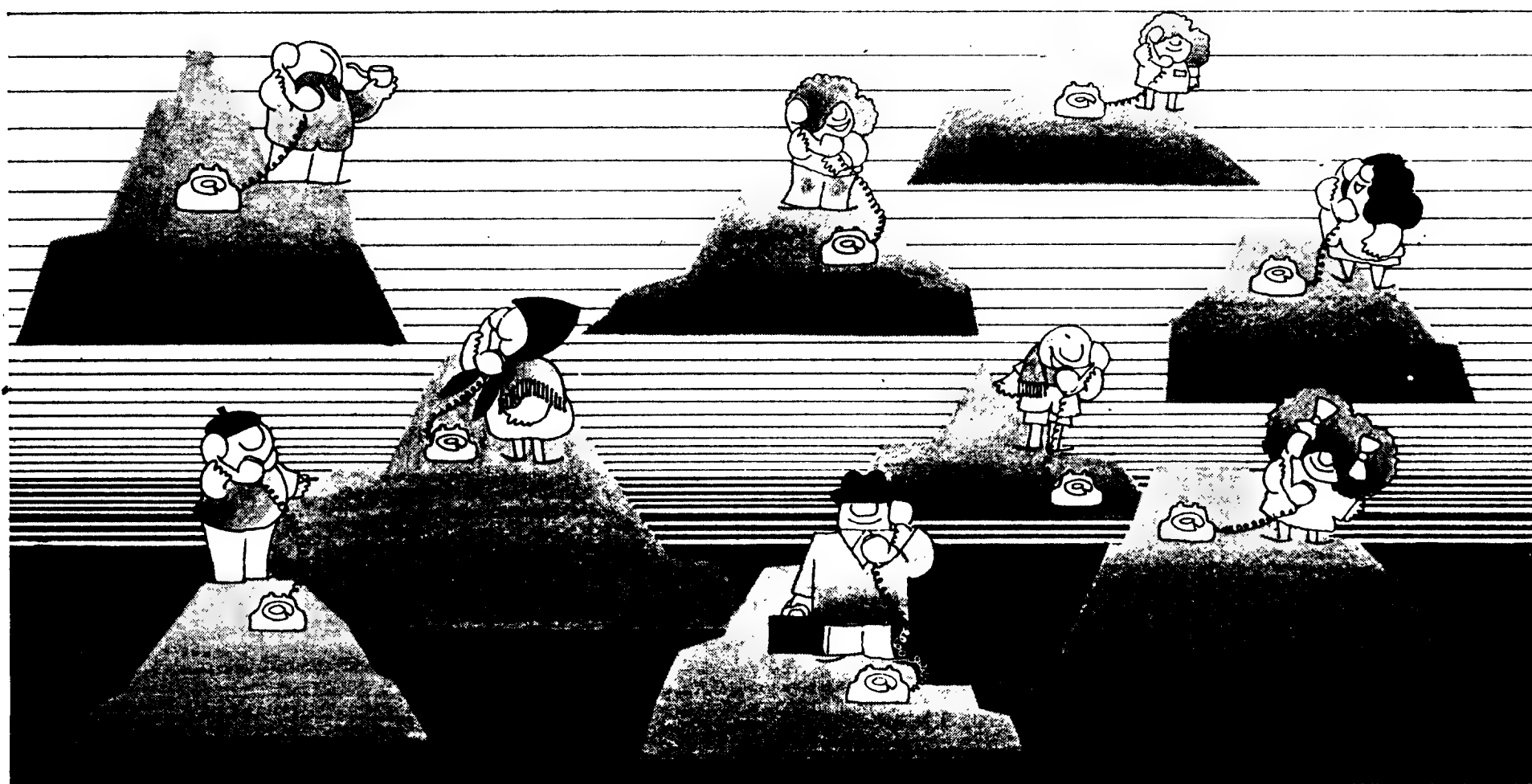
PARA PROTECÇÃO
DA SUA ALCATIFA
NAS ZONAS
DE MAIOR
PASSAGEM

BARROS & BARROS, LDA.

2111-1111 - 2111-1111 - 1700 - Lisboa - T. 892057-895013

ACORES

**MELHORIA DAS COMUNICAÇÕES TELEFÓNICAS
UMA BASE SÓLIDA DE DESENVOLVIMENTO**



Nos Açores, um grande passo em frente acaba de ser dado com a melhoria das comunicações entre-ilhas via telefone. Tendo como resultado imediato uma maior proximidade entre as populações açorianas, isto significa, acima de tudo, uma base sólida de desenvolvimento. É esta a nossa razão de ser: pôr ao serviço da comunidade todo o potencial das telecomunicações – uma fonte inesgotável de progresso!

TELECOMUNICAÇÕES



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Mas o cooperativismo é fraco

Coopbancários: quatro anos a vender mais barato

A cooperativa de produção e consumo dos Coopbancários, com um total de 50 mil associados, assinalou ontem o quarto aniversário da abertura da sua primeira loja.

A Coopbancários, que integra dez mil sócios efectivos e 94 colectivos, movimentou em 1980 cerca de 400 mil contos de vendas — disse, em conferência de imprensa, o presidente da cooperativa, João Simões.

Através do método da compra directa ao produtor e com selecção de qualidade, «tornou-se ao longo destes quatro anos na maior cooperativa do país, proporcionando preços extraordinariamente baixos ao consumidor», acrescentou.

Na cooperativa podem ser adquiridos, em diversas lojas, bens de consumo que vão desde as motocicletas até aos mais diversos produtos alimentares, perfumes e brinquedos, passando pelo mobiliário e electrodomésticos.

Para este ano, a cooperativa propõe-se «baixar mais os preços, aumentar as vendas e servir em qualidade» — disse o presidente da Coopbancários.

Ramiro Marques, membro da direcção da cooperativa, lamentou o facto de as instalações não permitirem o exercício de «uma boa actividade associativa», especialmente no âmbito cultural,

devido à falta de sala de convívio.

A Coopbancários publica um boletim de informação e divulgação das suas actividades, com periodicidade bimestral.

Proporciona, também, cursos de formação profissional aos seus trabalhadores e familiares — disse Ramiro Marques, que referiu a do Núcleo de Apoio às Cooperativas de Consumidores (NACC), organismo dependente da Direcção-Geral da Coordenação comercial.

A cooperativa emprega 144 funcionários, cujos salários foram este mês aumentados.

João Simões revelou que a peixaria da cooperativa movimenta seis milhões de escudos por mês, nas três lojas, e que a carne chega de avião dos Açores, duas vezes por semana, sem qualquer congelação.

Os lucros anuais da cooperativa — disse não são distribuídos aos associados, como em alguns países da Europa, mas são utilizados para permitir a diminuição dos preços dos produtos.

Declarou, ainda, que as Assembleias Gerais são pouco frequentadas — menos de cem pessoas num total de 50 mil cartões distribuídos — «provavelmente por deficiente doutrinação cooperativista dos associados, que querem os cartões apenas para comprar mais barato».

Lei sobre rendas de casa

Pormenores só serão conhecidos na próxima semana

Só no próximo dia 29 serão conhecidos pormenores sobre o novo decreto-lei de Aredamento de Habitação, cuja aprovação em Conselho de Ministros estava prevista para esta manhã, segundo a ANOP.

Num encontro com os órgãos de Comunicação Social o ministro Luís Barbosa esclareceu que a nova legislação apenas diz respeito a novos contratos de imóveis recentes e antigos e que em relação aos contratos antigos será efectuada posteriormente uma análise mais pormenorizada.

Luís Barbosa anunciou a criação de um serviço de reclamações directamente dependente do Ministério da Habitação e Obras Públicas (MHOP), que não substituirá as formas existentes por via administrativa, mas através do qual os cidadãos poderão apresentar factos para discussão e análise.

Paralelamente — acrescentou — serão os serviços do MHOP através da informatização, sem que estas medi-

das signifiquem redução de pessoal.

Esta reforma — referiu —, destina-se a melhorar o acesso do público à informação, para maior dignidade e eficácia de toda a função pública.

Quanto a novos empreendimentos o ministro referiu que totalizam 60 mil milhões de escudos as obras já em curso, para um orçamento, deste ano, de 23 milhões de escudos.

Após um inventário de carências — acrescentou — foi decidido dar prioridade à construção de um edifício para os arquivos da Torre do Tombo, que se situará no Campo Grande, na zona da Cidade Universitária.

Os projectos serão apresentados em Maio e a construção poderá iniciar-se no princípio de 1983 — disse.

A construção de edifícios próprios destinados aos serviços públicos, libertando-se assim muitos prédios velhos onde funcionam departamentos em más condições e dis-

tanciadas dos serviços centrais foi outra das medidas, consideradas essenciais a estudar ainda este ano.

Quanto à ideia veiculada anteriormente de criar perto do estádio do Benfica uma zona administrativa onde se concentrariam todos os edifícios públicos, Luís Barbosa frisou que uma decisão deste tipo seria totalmente inconveniente.

O estudo será feito com o objectivo de situar os edifícios em zonas onde o tráfego seja menor — referiu.

Luís Barbosa disse que está já em curso a construção de 110 escolas preparatórias e secundárias espalhadas pelo País, que implica um investimento de 13 milhões de escudos.

Durante 1980 foram abertas 60 escolas, o que significa a construção anual de dez estabelecimentos no decorrer dos últimos cinco anos, frisou.

No campo da saúde, será iniciada este ano a construção de um novo Hospital Central em Coimbra orçado em 6,3

milhões de escudos, e proceder-se-á à criação de 17 centros de saúde espalhados pelo País.

A Secretaria de Estado das obras Públicas decidiu entre outras medidas, a construção na região do Algarve de uma ponte em Vila Real de Santo António, de acordo com um projecto a efectuar em colaboração com o governo espanhol que participará nas despesas.

A ponte, cuja adjudicação se prevê para 1982, não poderá contudo ser construída no local pretendido pela população da região (Vila Real/Ayamonte), porque exige uma altura mínima de 20 metros para passagem de barcos.

A ponte poderá estar concluída em 1984.

Em relação a uma ponte a construir futuramente sobre o rio Sado, que irá beneficiar o acesso a Tróia e facilitar o trajecto para o Algarve, o ministro anunciou que se está a efectuar um estudo.

Governo subsidia transportes de Coimbra

O ministro dos Transportes e Comunicações, Viana Baptista, anunciou ontem em Coimbra a atribuição de um subsídio não reembolsável de 75 milhões de escudos aos Serviços Municipalizados da cidade.

Para além deste subsídio, designado a cobrir o actual défice dos transportes colectivos, a Direcção Geral dos Transportes

Terrestres apoiará tecnicamente a reestruturação dos serviços municipalizados.

Do conjunto de acções locais a desenvolver no âmbito do seu Ministério, Viana Baptista salientou o início da electrificação e renovação da via entre as estações ferroviárias de Coimbra A e Coimbra B (no montante de 40 milhões de escudos), o arranque

das obras do ramal da Lousã (no valor de 800 milhões de escudos) e o financiamento, através do Fundo Especial dos Transportes Terrestres, de 107 milhões de escudos para a aquisição de vinte trolley-carros pelos Serviços Municipalizados de Coimbra (SMC).

Anunciou a criação de um passe bimodal CP/SMC válido

para toda a cidade e abrangendo os percursos ferroviários Miranda do Corvo-Coimbra, Alfaiões-Coimbra e Pampilhosa-Coimbra e de um passe sazonal para o caminho-de-ferro, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, entre Coimbra e Figueira da Foz, a preços inferiores em cerca de 15 por cento aos actualmente em vi-

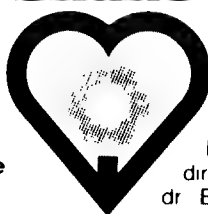
gor. Na reunião efectuada com os órgãos da Comunicação Social, o presidente do conselho de administração da CP apresentou um anteprojecto de transformação da actual estação de Coimbra B, que prevê a construção de gares centrais de passageiros e mercadorias, silos para combus-

tíveis, cereais, adubos e cimento e um parque de estacionamento.

Nesta sua deslocação a Coimbra, Viana Baptista era acompanhado pelo ministro da Administração Interna, secretários de Estado dos Transportes Interiores e da Administração Regional e Local e presidentes da CP e técnicos desta empresa.

A qualidade de vida passa pela defesa intransigente da

saúde



O coração saudável e doente
dr. Duarte Correia

De maneira clara, incisiva, simples e desdramatizando temores infundados, o autor, especialista em cardiologia, ensina-nos a compreender e conviver com o nosso coração quer esteja ele ainda saudável ou já doente

Ideias gerais sobre Alimentação Racional
dr. Emilio Peres

Obra destinada a leitura por todos quantos querem intervir na grande batalha da saúde e que reconhecem ser a alimentação o factor ambiente determinante de qualidade de vida

Inserida nesta perspectiva a
EDITORIAL CAMINHO
lança a
Biblioteca da Saúde
dirigida pelo
dr. Emilio Peres

Depois de
Alimentação e Saúde,
dois novos títulos



na distribuição

na estrada do futuro

Pub

PELO PÃO, PELA LIBERDADE DEFENDE A CONSTITUIÇÃO

CONCENTRAÇÃO/MANIFESTAÇÃO
24 ABRIL — 21 H — LARGO CAMÕES



FORA COM O BALSEMÃO!

COMISSÃO ORGANIZADORA DAS
COMEMORAÇÕES POPULARES DO 25 DE ABRIL

Governo desafiado de novo para um debate público sobre as greves dos transportes

A Comissão Coordenadora das organizações sindicais dos Transportes desafiou novamente o Governo «para um debate público sobre as causas dos graves conflitos existentes no sector».

Em comunicado a comissão afirma que «O Governo e os conselhos de gerência das empresas nacionalizadas do sector dos transportes continuam os seus ataques aos direitos e interesses dos trabalhadores».

O documento refere que nos serviços de Transportes Colectivos do Porto (STCP) e na Rodoviária Nacional o Governo per-

siste na apresentação de propostas de aumentos salariais insuficientes para cobrir a subida verificada no custo de vida, enquanto na TAP e na Marinha Mercante — terra continua a recusar a publicação de acordos colectivos já depositados no Ministério do Trabalho».

Os trabalhadores da Rodoviária Nacional decidiram paralisar nos dias 27, 28 e 29 do mês em curso e os STCP estarão em greve total nos dias 4, 5, 6 e 7 de Maio.

Os trabalhadores da Marinha Mercante-Terra paralisarão amanhã, durante quatro horas.

Hoje e amanhã

Greve dos revisores leva à redução do número das composições

• Linha de Cascais sem comboios

A greve de dois dias dos filiados do Sindicato dos Ferrovieiros, Trens e Revisão, iniciada às zero horas, obrigou à supressão de algumas composições em várias linhas do País e à interrupção total dos comboios da linha de Cascais. Na linha de Sintra foram suprimidos os comboios com partida em Queluz e na Amadora, o que ocasionou esta manhã grande aglomeração de pessoas nas estações.

Esta paralisação, que não abrange os maquinistas, é cumprida pelos cerca de 1700 condutores e revisores da CP, visando o cumprimento de um acordo celebrado entre a gerência e o sindicato.

Segundo uma fonte sindical, a interrupção de comboios que se regista na linha de Cascais tem a ver com razões de segurança e deve-se em parte ao número distinto de filiados no Sindicato em greve.

Entretanto a Federação dos

Sindicatos Ferrovieiros divulgou um comunicado em que esclarece ser «completamente estranha à greve» que decorre hoje e amanhã, acrescentando que «não é com formas de luta isoladas, como esta, que eles poderão ser resolvidos».

O documento diz ainda que «fiéis a esta posição de princípio, os trabalhadores ferroviários têm vindo a discutir o conteúdo de um caderno reivindicativo global a apresentar ao conselho de gerência e que tendo sido já aprovado no dia 21 do corrente, vai ser entregue à empresa na 2.ª feira». E termina afirmando: «Na sua defesa, os trabalhadores que representamos desentendemos então as acções necessárias, que procuraremos que sejam de molde a prejudicar o mínimo possível o público utente, ao qual desde já, e para essa eventualidade, apelamos à compreensão e solidariedade».

Sindicatos da Função Pública entregaram

aos membros do Governo um memorando sobre a sua luta

— Pedida audiência a Balsemão

Elementos das direcções sindicais que subscreveram a proposta reivindicativa imediata da Função Pública fizeram esta manhã entrega a vários ministros do Governo de um memorando em que historicam o seu processo de reivindicações.

O memorando, que foi também entregue no gabinete do Primeiro-Ministro, solicita uma audiência a Pinto Balsemão e entrevistas a todos os grupos parlamentares.

Segundo um dirigente da comissão negociadora sindical, a decisão de entregar o memorando aos membros do Governo, aproveitando a reunião plenária do Executivo, surgiu porque «os membros do Governo têm infor-

mações contraditórias sobre o processo reivindicativo». «Assim, decidimos fazer chegar de viva voz aos ministros as nossas posições» — disse o dirigente sindical, acrescentando que o memorando «faz a história de todo o processo que a CNS desenvolve e que está na base do litígio entre os trabalhadores da Função Pública e o Governo».

Entretanto, e como já anunciámos, os sindicatos da Frente Comum vão reunir-se no dia 30 em plenário, para decidirem a realização de novas greves, se até lá o Governo não modificar a sua posição relativamente à negociação das reivindicações do sector.

Bancários do Centro

Uma lista proposta pela actual direcção do Sindicato dos Bancários do Centro e representando a tendência socialista da UGT, é virtual vencedora das eleições dos novos corpos gerentes, ontem realizadas. Quando já estavam escrutinadas 150 mesas

de voto e faltavam apenas 47, esta lista contava 1170 votos, mais 270 que a sua mais directa competidora, representativa da linha social-democrata da UGT. Os resultados definitivos só serão apurados dentro de quatro dias.

Quimigal em greve até amanhã

A greve dos trabalhadores da Quimigal, iniciada ontem e que termina amanhã, está a registar uma adesão de 95 por cento, de acordo com um dirigente da Federação dos Sindicatos Químicos.

Esta percentagem refere-se aos quase dez mil trabalhadores abrangidos pelo pré-aviso de greve, que não foi subscrito pelo Sindicato de Escritórios e Quadros.

A paralisação visa pressionar a administração da empresa a satisfazer as reivindicações salariais apresentadas no âmbito da revisão do ACTV.

Segundo um porta-voz dos Químicos, os trabalhadores desceram já as reivindicações de 31, para 26,5 por cento de aumento e aceitaram que a uniformização de regalias entre as diversas empresas que formam a Quimigal seja discutida no prazo de 120 dias após a publicação do ACTV.

A administração subiu entretanto a sua contraproposta de aumento de 16 para 21,5 por cento, mas sem retroactividade, o que corresponde aproximadamente, segundo o dirigente sindical, à proposta inicial.

A Quimigal é uma empresa pública do sector químico, resultante da fusão de várias unidades nacionalizadas do sector, nomeadamente da

ex-CUF e emprega cerca de 11 mil trabalhadores distribuídos por várias localidades do País.

Fisipe

A greve dos trabalhadores da empresa produtora de fibras têxteis Fisipe, que estava marcada para ontem, foi desconvocada porque a administração se comprometeu a negociar o caderno reivindicativo.

Os principais pontos do caderno reivindicativo são os aumentos salariais, pagamento de complemento de subsídio de doença e pagamento da percentagem dos medicamentos não paga pela Caixa, tal como acontece na Quimigal, empresa que detém a maioria do capital da Fisipe.

CIPAN

Os trabalhadores da Cipan decidiram em plenário marcar uma greve de 24 horas para o próximo dia 29, lutando por aumentos de 30 por cento desde Janeiro deste ano, a passagem a efectivos dos contratos a prazo há mais de seis meses, a criação de diuturnidades e a reclassificação de trabalhadores que o sindicato considera não classificados. Segundo um porta-voz sindical, a admi-

nistração não vai além dos 15 por cento e não aceita qualquer dos outros pontos, apesar dos trabalhadores já terem baixado a sua proposta para 26 por cento.

Os trabalhadores da CIPAN (empresa que se dedica ao fabrico de antibióticos) já haviam paralisado 24 horas no dia 31 de Março e 48 horas nos dias 7 e 8 do corrente.

CEL-CAT

Não chegou a durar três horas a greve de dois dias dos trabalhadores da CEL-CAT, por os sindicatos e a administração terem chegado a um acordo quanto à nova tabela salarial. Os valores aceites pela administração da empresa aproximam-se do quantitativo exigido pelo sindicato (mais 27 por cento). O novo acordo laboral deverá ser assinado na próxima terça-feira.

Material Eléctrica

Os trabalhadores da fábrica de material eléctrico Bernardino João, do Porto, anunciaram que paralisarão nos dias 28 do corrente e 6 e 7 de Maio, em apoio de reivindicações salariais.

O salário médio praticado na empresa é de 11.900 es-

cudos mensais e não é revisado desde Março de 1980.

Construção Civil

Devido ao «protelamento indefinido das negociações» os trabalhadores da empresa de construção civil do Porto Soares da Costa iniciaram hoje uma paralisação de 48 horas.

Os trabalhadores afirmaram em conferência de Imprensa que «as poucas propostas que a entidade patronal apresenta nas reuniões tidas no Ministério do Trabalho são ainda para nos retirarem mais regalias».

Grundig

Dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte acusaram no Prto a empresa multinacional Grundig de ter instaurado processos disciplinares a 18 sindicalistas. Em conferência de IJMPRENSA, os dirigentes sindicais disseram que com esta atitude a empresa «visa enfraquecer a organização sindical», «constitui um ataque ao próprio movimento». Referiram ainda que «a não serem anulados, pela empresa, os processos em causa, o sindicato utilizará todos os campos de acção disponíveis, até às últimas consequências, quer a nível judicial, quer sindical».

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES NO CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA

DIA 25 DE ABRIL

Comemorações do 7.º aniversário do

25 de abril

liberdade sempre

MUNICÍPIO DE VILA FRANCA DE XIRA

DIA 26 DE ABRIL DIA DA JUVENTUDE

DIA 30 DE ABRIL

ENCERRAMENTO

10.00 horas — Xadrez no largo da Câmara onde estarão 50 tabuleiros sendo 20 para simultânea com a presença de dois mestres da modalidade e restantes para iniciação e exposição sobre o Deficiente e o Desporto.

10.30 horas — Início da 3.ª estafeta da liberdade com partida de Vialonga e meta em Vila Franca de Xira.

10.30 horas — Início das provas de Atletismo com partida da Castanheira e meta em Vila Franca de Xira.

11.30 às 12.00 horas — Chegada dos atletas participantes na estafeta. Provas em linha.

14.00 horas — Início do convívio no jardim com ranchos folclóricos adultos e infantis, grupo de cantares, palhaços e bandas de música.

16.30 horas — Início do desfile a partir do jardim.

16.40 horas — No largo Estação grande solta de pombos.

17.15 horas — Concentração no largo da Câmara e diversas intervenções.

10.00 às 12.30 horas — No pavilhão do Cevadeiro sarau de ginástica onde estarão presentes atletas do União Desportivo Vilafranquense, Futebol Clube de Alverca, Juventude Desportiva Alhandrense, etc.

14.30 horas — Torneio de mini-futebol com equipas de todas as freguesias do concelho com limite de idade máxima 12 anos.

21.30 horas — Concerto Rock com LIVRE ARBITRÍO, PIZO LIZO e SALADA DE FRUTAS.

21.30 horas — Espectáculo de Canto Livre.

23.00 horas — Baile com o conjunto DILECTUS

Americanos lutam ao lado de falangistas?

O Líbano mergulha no caos

Segundo a agência JANA, da Líbia, 140 norte-americanos terão chegado ao Líbano, onde estão a combater ao lado dos falangistas da direita. Ao mesmo tempo, Israel aproveita-se da situação de caos a que chegou o Líbano, em grande parte por incitamento do Estado hebraico e seus aliados. Ontem vedetas israelitas atacaram o porto de Tiro, enquanto a luta («uma verdadeira loucura», dizem os correspondentes estrangeiros) continuava em Beirute, no Sul do país e em Zahle.

A convicção generalizada é de que o país atingiu o pleno estado de caos. Convicção que mais se enraiza depois da inutilidade do patético apelo do presidente Elias Sarkis, que decretou o cessar-fogo em todas as frentes, sem nada ter conseguido.

Ao princípio do dia de hoje a situação em Beirute é ligeiramente melhor do que na quarta-feira, mas canhões continuam em acção de cada um dos lados

da «Linha Verde» que divide a parte ocidental e muçulmana da cidade da parte oriental e cristã.

A Rádio governamental de Beirute, que habitualmente relata os estragos causados pelas forças em conflito, nada disse sobre novas baixas e danos após 24 horas de carnificina e destruição na capital, na cidade cristã de Zahle e no Sul do país, controlado pela direita, na fronteira com Israel.

Só no duelo entre grupos muçulmanos rivais, na principal artéria comercial da capital, morreram 15 pessoas — indicou a Polícia, segundo a qual outra pessoa foi morta por uma granada disparada da zona leste e que caiu numa residência do sector ocidental.

Major Haddad morreu?

A agência noticiosa líbia JANA afirmou hoje que morreu o chefe

das forças cristãs do Sul do Líbano, major Saad Haddad, embora tal notícia não seja confirmada por nenhuma outra fonte.

A JANA cita um porta-voz das forças conjuntas libanesas (esquerda) como tendo dito que os seus serviços de escuta tinham captado uma mensagem telefónica na qual se anunciava a morte de Haddad.

O major Haddad foi recentemente transportado para um hospital israelita, onde foi afirmado que sofre de esgotamento.

Na altura foi, contudo, afirmado que o seu estado de saúde não era grave.

Koweit-URSS

O ministro dos Negócios Estrangeiros do Koweit faz hoje uma visita à União Soviética para discutir problemas de política em geral — anunciaram funcionários do Koweit.

Fontes diplomáticas sublinharam que a visita do xeque Sabah

Al-Jaber Al-Sabah, a primeira dos últimos seis anos, visa manter o delicado equilíbrio entre o Leste e o Ocidente prosseguido pelo Koweit, sobretudo, depois das viagens do secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig do primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher, pelo Médio Oriente.

O convite a Al-Sabah partiu do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, na semana passada. O Koweit é o único país árabe do golfo que mantém relações diplomáticas com Moscovo.

A visita deverá ocupar 24 horas, prevendo-se que Al-Sabah e Gromyko discutam uma proposta soviética com vista a uma reunião para estudar a desmilitarização do golfo e do oceano Índico. Segundo o ponto de vista ocidental, a presença soviética no Afeganistão é um impedimento para que haja acordo nesse campo.

Mais de metade dos ingleses opõe-se às armas nucleares

A maioria dos ingleses (58% dos inquiridos) opõe-se à decisão do Governo da senhora Thatcher de permitir o estacionamento na Grã-Bretanha de mísseis «Cruzzeiro» norte-americanos — revela uma sondagem publicada ontem pelo jornal londrino liberal «The Guardian».

Dos inquiridos 58 por cento opõem-se à decisão do Governo em permitir o estacionamento na Grã-Bretanha de mísseis «Cruzzeiro» norte-americanos.

O mesmo número de inquiridos é contra a compra de mísseis «Trident» aos Estados Unidos para equipar os submarinos nucleares britânicos.

A substituição dos mísseis «Polaris» usados pelos submarinos atómicos da Royal Navy, custará ao Governo de

Margareth Thatcher 10,8 milhões de dólares.

«The Guardian» acentua que os resultados desta sondagem constituem um duro golpe na popularidade da política de armas nucleares do Governo conservador britânico.

Um quarto dos inquiridos opõe-se totalmente às armas atómicas e é a favor de um desarmamento unilateral completo.

Metade dos inquiridos manifesta recelo pelo que consideram o expansionismo soviético, motivo pelo qual apoiam o apelo do presidente norte-americano e de Thatcher para uma maior vigilância em relação aos soviéticos.

Cerca de 47 por cento pensa que os gastos com a defesa devem manter-se ao nível actual.

PROMOÇÃO PRIMAVERA 81

JOGOS BANHO
5 peças c/lençol

498\$

148\$

TOALHAS MESA
1,50 quadradas

35º ANIVERSÁRIO

CONDE BARÃO

CLARAS TURISMO

GRANDE PRÉMIO DA FÓRMULA 1

**CIRCUITO DE JARAMA
MADRID**

PROGRAMA A (AVIÃO + HOTEL)

— 18 a 22/6 12 180\$00

PROGRAMA B (AUTOCARRO + HOTEL)

— 18 a 22/6 9 290\$00

CIRCUITO DO MÓNACO

AVIÃO + HOTEL

— 29/5 a 01/6 25 790\$00

PEÇA-NOS O PROGRAMA DETALHADO

CLARAS TURISMO

CENTRO DE TURISMO

DA RODOVIÁRIA NACIONAL, EP

Av. Fontes Pereira de Melo, 33

1098 Lisboa Codex

Tels. 563451/2/3/4 - 560015 - 577715



SIDERURGIA NACIONAL, EP

Comunicado do Conselho de Gerência

1. Realizaram-se na Siderurgia Nacional, EP, 2 períodos de greve, o primeiro nos dias 13 e 14 e o segundo nos dias 21, 22 e 23 do corrente, com a duração de 4 horas/dia e por turno, declarada por vários Sindicatos, encabeçados pela Federação dos Sindicatos de Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal.
2. Nos períodos de paralisação, os Empreiteiros que estão a executar trabalhos na Fábrica do Seixal, nomeadamente os relacionados com o Plano Siderúrgico Nacional, foram impedidos de dar cumprimento às empreitadas ajustadas, o que se encontra em campo diverso do que a Lei da Greve permite e envolve responsabilidade pelos prejuízos causados, nos termos gerais do direito.
3. Estas ocorrências são altamente lesivas da economia da Empresa e do País, estimando-se ao redor da meia centena de milhares de contos os prejuízos causados.
4. Os motivos invocados no pré-avisos de greve foram, em resumo e basicamente, os seguintes:

- prática de «aumentos por mérito e produtividade», envolvendo uma percentagem mínima de trabalhadores da SN;
- apresentação de uma proposta de revisão do Clausulado Geral do ACT em vigor que retiraria aos trabalhadores direitos e garantias e subverteria o espírito do clausulado vigente;
- tentativa deste Conselho de Gerência de subestimar os organismos mais representativos dos trabalhadores, negociando com outras frentes sindicais «numa clara intenção de «cozinhar» acordos impossíveis de aceitar pela esmagadora maioria dos trabalhadores»;
- arrastamento na resolução de problemas de gestão corrente do Pessoal.

5. Sobre estas razões invocadas pelos Sindicatos, entende este Conselho de Gerência dever esclarecer a Opinião Pública do seguinte:

- 5.1. Os alegados aumentos por mérito e produtividade são, de facto, evoluções baseadas na experiência adquirida e na avaliação do mérito, que envolvem nomeadamente quadros da Empresa, de acordo com os esquemas de carreira fixados, constituem uma prática interna de há muitos anos, não tendo sido agora introduzidos, e em nada contrariam o ACT em vigor.
- 5.2. Por considerar que as promoções por mérito são um instrumento de gestão de pessoal de maior importância, pois constituem um estímulo eficaz para o desenvolvimento e realização individuais e um incentivo para a melhoria da produtividade de cada trabalhador e da Empresa, o Conselho de Gerência já havia decidido desenvolver e implementar uma política que permita aplicar, à generalidade das categorias profissionais, uma prática de promoções por mérito, o que está reflectido na sua proposta de revisão do ACT e constitui conhecimento dado às organizações dos trabalhadores, com quem sempre se dispusera a discutir o problema.
- 5.3. A proposta de revisão do Clausulado Geral do ACT foi também entregue pela Empresa aos Sindicatos que declararam a greve em 30-3-81, não tendo ainda sido recebida a sua contraproposta e, portanto, iniciadas as negociações. As alterações propostas pela Empresa visam basicamente assegurar uma adequada gestão da SN e normalizar as relações de trabalho de acordo com a Lei e numa perspectiva de efectiva convergência e interesses entre a Empresa e os trabalhadores.
- 5.4. Porque em matéria que é da sua exclusiva competência os trabalhadores não constituíram uma Comissão Negociadora Sindical única para a revisão do actual ACT, a Empresa vê-se confrontada com a necessidade de negociar com 3 frentes sindicais (Sindicatos afectos à CGTP-IN, Sindicatos afectos à UGT e Federação dos Sindicatos dos Quadros), tendo, por agora, como objectivo chegar a um Acordo de Empresa único.

6. Concluindo, fazem-se estas greves na Siderurgia Nacional

- a) contestando uma prática de há longa data, numa altura em que o Conselho de Gerência pretende implementar uma política de promoções por mérito à generalidade das categorias profissionais;
- b) por causa de uma proposta do Conselho de Gerência de revisão do Clausulado Geral do ACT que não está ainda em negociação, nem é sequer objecto de contraproposta;
- c) por o Conselho de Gerência considerar da mesma maneira todas as frentes sindicais que representam os seus trabalhadores, razões que se considera não justificarem a dimensão e a natureza das ocorrências verificadas.

Lisboa, 22 de Abril de 1981.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Fidel Castro

"Perigo de confrontação é maior do que nunca"

O Presidente da República de Cuba, Fidel Castro, disse ontem, na sessão de encerramento do Conselho Mundial da Paz que ontem findou a sua reunião em Havana: «O perigo de confrontação é maior agora do que nunca».

Castro dirigiu duras críticas aos Estados Unidos e à China pela sua vezeira política anti-soviética e de detrimimento da justa luta dos movimentos nacionais de libertação: em África, na América Latina e na Ásia.

Fidel Castro pôs ênfase nas tentativas dos EUA em «persuadir os seus aliados a incrementar as despesas militares e a instalarem mísseis de médio alcance na Europa, dirigidos contra a URSS e os países socialistas».

Denunciou as tentativas norte-americanas de usarem o conflito irano-iraquiano para alargar a presença do Pentágono na região do golfo Pérsico e no Oceano Índico, de encorajarem as provocações sul-africanas contra Moçambique, de fomentarem planos de agressão contra Angola, de apoiarem a junta criminosa de El Salvador, de pressionarem economicamente a Nicarágua e de conduzirem uma autêntica guerra aberta anticubana.

Portugal esteve representado nesta reunião do Conselho Mundial da Paz pelo ex-presidente da República, general Costa Gomes.

Jose Marti

O Presidente da República de Cuba agradeceu o presidente do Conselho Mundial da Paz, Romesh Chandra, com a Ordem de Jose Marti.

Durante a cerimónia, que teve lugar no Palácio da Revolução, em Havana, o vice-secretário cubano do Conselho de Estado, Carlos Rafael Rodriguez, disse que Romesh Chandra «fez muito pelo Conselho Mundial da Paz, unindo numerosas organizações públicas e políticas que lhe deram força e prestígio».

Chandra, um indiano que chefiou o conselho desde 1966, agradeceu, afirmando que a Ordem Jose Marti, com que foi agraciado, «pertence a milhões de defensores da paz em todo o mundo, que trabalham activamente contra a ameaça de uma nova guerra mundial».

Jose Marti é um dos principais heróis cubanos do século XIX e a ordem que tem o seu nome é a mais importante atribuída pelo Estado cubano a personalidades de projecção internacional.

Namíbia pátria ocupada

Washington ergue o espantallo do veto às sanções a Pretória

Os Estados Unidos indicaram claramente ontem, na abertura do debate do Conselho de Segurança sobre a Namíbia que oporiam o seu veto a qualquer tentativa das Nações Unidas no sentido de imporem sanções económicas obrigatórias contra a África do Sul.

«Não podemos aceitar o argumento segundo o qual a imposição de sanções contra a África do Sul fará progredir a causa da independência da Namíbia», declarou o porta-voz do Departamento de Estado, Dean Fischer, num minucioso exercício de hipocrisia.

O porta-voz acrescentou que a atitude do grupo dos países africanos que pedem estas sanções era «agressiva» e sublinhou que os Estados Unidos estavam decididos a «opor-se firmemente a essas sanções». Ninguém se surpreendeu com o tom destas afirmações.

Na reunião de ontem, Jorge Enrique Illueca, do Panamá, incitou os países ocidentais que são membros permanentes do Conselho de Segurança a tomarem uma «acção decisiva» que obrigue o Governo de Pretória a cooperar com a ONU na execução do plano traçado por esta organização para a independência do antigo Sudoeste Africano.

O ministro zambiano Lamech Goma, considerou que a situação na zona da Namíbia se tornou «perigosamente explosiva» desde o malogro da conferência realizada em Genebra, de 7 a 14 de Janeiro, e referiu que há mais de cem mil soldados sul-africanos naquela zona.

Goma recordou a responsabilidade das potências ocidentais na manutenção da paz e da segurança na África Austral, mediante a influência que exercem sobre Pretória.

O ministro da Zâmbia opôs-se a quaisquer tentativas para retirar o caso da Namíbia das Nações Unidas e procurar uma solução para ele à margem desta

organização mundial: «Não necessitamos de outro plano para a Namíbia. Nada há de errado no actual... Só que ainda não se exerceu suficiente pressão sobre a África do Sul para que coopere».

Por seu turno, o ministro togolês Anani Kuma recordou que o Sudoeste Africano, hoje Namíbia, fora uma colónia da Alemanha, antes de a África do Sul, o ter ocupado, durante a Primeira Guerra Mundial e depois, em 1920 haver recebido sobre ele um mandato da Sociedade das Nações.

O delegado do Togo disse esperar que a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã, herdeiras da primitiva potência colonial, dêem forte apoio aos esforços para que a Namíbia se torne independente.

O ministro indiano, Narasimha Rao, sublinhou que só a perspectiva constante e insensível da luta armada e a pressão crescente da comunidade internacional poderão levar à concretização do plano da ONU para a independência do território.

Rao afirmou que o Conselho deve pedir à África do Sul que se retire imediatamente da Namíbia, exigir que pare o genocídio contra a população local e a agressão aos estados da «Linha da Frente», estabelecer um calendário para a concretização da resolução de 1978 sobre a independência desejada e impor sanções obrigatórias à África do Sul enquanto esta continuar a obstruir o processo.

Outras delegações, incluindo a da Indonésia, geralmente considerada pro-Occidental, foram unânimes em condenar a África do Sul por permanecer na Namíbia, depois de a ONU haver cancelado o antigo mandato da Sociedade das Nações.

Ante o veto já declarado de Washington o grupo africano tencionava pedir uma reunião extraordinária da Assembleia Geral.

As "presidenciais" francesas

Chirac marca pontos mas Giscard e Mitterrand são os preferidos

A bolsa dos valores de Paris, até agora bastante indiferente às peripécias da campanha presidencial francesa, registou ontem um «acesso de febre» que originou uma subida de 2,5%.

A causa deste surto terá sido a notícia dum mensagem «importante» do gaullista Jacques Chirac, e o boato da desistência a seu favor da sua ex-conselheira, ela própria candidata, Marie-France Garaud.

Porém, esta, de tarde, repudiou qualquer intenção de desistência na primeira volta a favor de Chirac.

Quanto à mensagem deste último «não passou dum «apelo solene» aos franceses para que votem na primeira volta a seu favor, a fim de eliminar o risco que representaria a eleição do «socialista François Mitterrand», que «devem evitar todos aqueles que temem ver o Partido Comunista associado ao poder».

«Peço aos franceses que me deem o seu apoio na primeira volta das eleições, por forma a eliminar o risco que a eleição do senhor Mitterrand representaria», afirmou numa conferência de imprensa em Paris.

A campanha para a primeira volta das eleições, a realizar no domingo, termina sexta-feira à noite.

Os dois candidatos que mais votos obtiverem concorrerão à segunda volta em 10 de Maio.

No início da campanha, o candidato socialista François Mitterrand anunciou que convocaria eleições com vista a con-

seguir uma maioria socialista no Parlamento, caso fosse eleito presidente.

Recentemente, Mitterrand disse que aceitaria ministros comunistas sob certas condições, ao mesmo tempo que reconheceu ter poucas possibilidades de conquistar a maioria no Parlamento.

O secretário-geral do Partido Comunista, George Marchais, também candidato à presidência, criticou Mitterrand em conferência de imprensa, apontando-o como um «perdedor» pelo facto de nas eleições presidenciais de 1965 e 1974, ter saído derrotado mesmo com o apoio da esquerda.

Marchais aparece nas últimas sondagens praticamente ao mesmo nível de Chirac.

Na sua conferência de imprensa, Chirac, que é o presidente da Câmara Municipal de Paris e foi primeiro-ministro de Giscard de 1974 a 1976, explicou que o apelo que fazia para que o apoiassem visava «aqueles pessoas que prezam os ideais do socialismo e do humanismo, mas recusam participar no poder com o Partido Comunista».

Analistas políticos afirmam que se Chirac conseguisse afastar Mitterrand da segunda volta das eleições obteria uma vitória de grande significado mesmo que o vencedor final fosse o actual presidente Giscard d'Estaing.

A generalidade dos observadores mantém contudo a opinião de que a segunda volta, em 10 de

Maio, será disputada entre Giscard e Mitterrand.

Mitterrand e a CEE

A transformação da CEE nos planos agrícolas, industrial e regional deverá preceder as adesões de Portugal e da Espanha — propôs ontem François Mitterrand num artigo publicado pelo jornal belga «Le Soir».

O texto, intitulado «dez propostas para a Europa dos dez se eu fosse presidente» sintetiza os eixos fundamentais da política europeia defendida pelo candidato socialista ao Eliseu.

A redução da duração média de trabalho nos países comunitários para 35 horas semanais é apresentada por Mitterrand como uma das medidas prioritárias para combater o desemprego na Europa dos dez.

A reforma da política agrícola comum, através de preços diferenciados, da contingentação de produções e de mecanismos favoráveis à exportação é outro dos pontos fundamentais sublinhados pelo candidato do PSF.

Mitterrand sugere a necessidade de reforçar a ajuda ao desenvolvimento e as relações com o Terceiro Mundo, como pressuposto de uma «Europa independente das superpotências».

A saída da actual crise da CEE escreve — implica uma «vontade política para relançar a Europa, mas não uma Europa qualquer: a Europa dos trabalhadores».

Novos e violentos confrontos na Irlanda do Norte

Novos confrontos, dos mais violentos ocorridos de há uma semana a esta parte, entre as forças policiais e manifestantes, tiveram lugar ontem à tarde no bairro católico de Bogside, em Londonderry, na Irlanda do Norte.

Mais de 400 jovens reagruparam-se em diferentes locais daquele bairro e edificaram barricadas com automóveis e vedações metálicas.

Os manifestantes lançaram contra as forças policiais paralelepípedos de pedra e «cocktails Molotov», bem como «bombas de ácido».

Os manifestantes gritaram palavras de ordem favoráveis a Bobby Sands e injuriaram tropas britânicas, que instalaram nos cruzamentos, disparavam contra os manifestantes balas de borracha. Vários helicópteros do Exército sobrevoaram o bairro. Um soldado britânico ficou gravemente queimado com uma «bomba de ácido» e um repórter fotográfico da imprensa britânica foi hospitalizado depois de ter sido baleado com uma bala de borracha disparada pela Polícia.

Entretanto, Bobby Sands entrou hoje no quinquagésimo quarto dia de greve de fome e está cada vez mais perto da morte. Sands, 27 anos, condenado a 14 anos de prisão, detido na prisão de Long Kesh, já não consegue reter águas que são o seu único alimento desde que deixou de comer no dia 1 de Março. Tem dores de cabeça constantes e falta de vista, quase que não ouve e tem dificuldades em concentrar-se quando fala. O grevista da fome, recentemente eleito deputado à Câmara dos Comuns, diz que morrerá pela campanha das centenas de presos republicanos para que sejam tratados como prisioneiros políti-

cos e não como criminosos de delito comum.

As autoridades britânicas rejeitam tal pedido e afirmam que nem a morte de Sands poderá alterar a sua posição. A sua morte poderá contudo provocar uma onda de violência de incalculáveis proporções.

Enquanto isto, o núncio apostólico na Irlanda, Gaetano Allibrandi, anunciou que tentará encontrar-se hoje com Bobby Sands.

O representante da Santa Sé anunciou que o Papa João Paulo II poderá intervir no caso numa tentativa «in extremis» de salvar a vida daquele guerrilheiro do IRA detido na prisão de Long Kesh perto de Belfast.

O antigo procurador-geral norte-americano Ramsey Clark e o sacerdote activista da mesma nacionalidade Daniel Berrigan também pretendem visitar Sands, recentemente eleito deputado do Parlamento do Reino Unido.

Presas libertada

Dolours Price, de 30 anos, uma activista do IRA condenada em 1973 a vinte anos de prisão por envolvimento numa campanha de atentados à bomba na Grã-Bretanha, foi hoje restituída à liberdade por razões de saúde, anuncia o Secretariado Britânico da Irlanda do Norte.

Marian Price, uma irmã de Dolours, igualmente condenada a vinte anos de prisão, tinha já sido libertada em 1 de Maio de 1980, sofrendo de profundas perturbações físicas e psíquicas.

acrescentou que não têm qualquer fundamento as alegações de que a libertação de Dolours Price terá sido um gesto de boa vontade com vista a debelar a crise provocada pela greve da fome de Bobby Sands e de três dos seus companheiros reclusos republicanos da Penitenciária de Long Kesh.

Os méritos e os erros de Mao Zedong

Continuação da pág. 2

China. A fim de «salvaguardar os interesses fundamentais do povo», há que «lutar contra as tendências que visam difamar o pensamento de Mao e o presidente Mao».

Esta vigilância não deve obstaculizar a que se reconheça que o presidente do Partido cometeu erros durante a sua vida. Segundo Huang, esses erros terão sido, principalmente de duas ordens: em primeiro lugar, depois da transformação socialista da economia, portanto, no período que vai de 1953 a 1958, Mao seria responsável por não ter acentuado devidamente a «construção» do país.

Teria pecado então por «impaciência». O seu segundo erro teria sido o de confundir os dois tipos de contradições: as que se produziram no seio do Partido, por um lado, e as que se produziram entre o povo e os seus inimigos, por outro lado. Isto tê-lo-ia levado a «exagerar a luta de classes» e teria finalmente gerado «a grande desordem» da revolução cultural.

No entender de Huang, as causas destes erros são simultaneamente de natureza histórica, social e pessoal. Explicar-

PSI

continuará a apoiar coligação governamental

O secretário-geral do Partido Socialista Italiano, Bettino Craxi, anunciou hoje que continuará a apoiar a actual coligação governamental com a Democracia-Cristã mas não exclui eventuais acordos com os comunistas.

Craxi manifestou esta posição no discurso de abertura do Congresso do seu partido, a decorrer em Palermo na Sicília.

O discurso era aguardado com bastante ansiedade, sobretudo devido aos insistentes apelos do Partido Comunista para que os socialistas se lhe juntem, a fim de derrubarem o Governo do primeiro-ministro Arnaldo Forlani.

O secretário-geral do Partido Comunista Enrico Berlinguer, e o secretário da democracia-cristã Flaminio Piccolo, assistiram à sessão de abertura do Congresso, que durará cinco dias.

Nos últimos anos, Craxi optou por uma política social-democrata, dando por terminado o período em que se aliava habitualmente ao Partido Comunista. Desde então o Partido Socialista participou em dois Governos.

«Apoiamos e continuaremos a apoiar lealmente o Governo presidido por Forlani» — M.D. Craxi na abertura do Congresso.

Isso não quer dizer que o Partido Socialista defenda o Governo «custe o que custar se ele não se mostrar capaz de governar de modo aceitável».

Craxi afirmou que os comunistas, ao exigirem a demissão do Governo de Forlani, não apresentaram nenhuma outra alternativa segura apoiada por outras forças políticas e com possibilidades comprovadas de poder ser realizada.

Acrescentou que derrubar o Governo de Forlani agora, significaria «provavelmente a realização imediata de eleições».

«Isto seria um resultado contrário à nossa política e aos nossos compromissos com o eleitorado» disse Craxi, acrescentando que, «além do mais, seria perigoso e inútil».

-se-iam pelo carácter muito atrasado da China pré-maoísta, a imensidade da sua população e as «grandes ambições» de Mao, que terá querido «realizar em meia dúzia de décadas aquilo que exige séculos».

Por outras palavras: «os erros de Mao foram os de um grande revolucionário», e, há que nutrir sentimentos «de compaixão, amor e respeito» pelo fundador da República Popular.

Estamos, evidentemente, longe dos ditirambos que se traçaram sobre o antigo presidente no prefácio do tomo V das suas obras, publicado em 1977 sob a autoridade de Hua Guofeng. Mao já não é considerado «o maior marxista-leninista do nosso tempo» nem já se gabam os seus méritos no enriquecimento teórico da filosofia e da economia marxistas. Mas, por reflexo conservador porque não foi encontrada outra grande ideia susceptível de se substituir ao pensamento de Mao, os dirigentes actuais vêem-se obrigados a defender a sua herança. Foi o medo do vazio que se apoderou de Deng Xiaoping e dos seus amigos no momento de abater o ídolo. Será difícil eliminar hoje essa confusão ideológica, recorrendo às velhas receitas.

Por causa da venda de armas a Riad

Vigoroso protesto de Israel contra a Administração Reagan

O governo israelita publicou um comunicado exprimindo o seu «profundo pesar e uma total oposição da decisão da Administração americana fornecer à Arábia Saudita armas aperfeiçoadas, nomeadamente os radares voadores de tipo AWAC».

O comunicado, publicado pela presidência do concelho, sublinha que «a Arábia Saudita é hostil ao processo de paz e aos acordos de Camp David». «A Arábia Saudita concede ajuda financeira, material e moral maciça às organizações terroristas palestinas», afirma ainda o texto, que declara ter sido «em Taef, na Arábia Saudita, e por iniciativa deste país, que partiu a palavra de ordem de «Dijhad» (guerra santa) do Islão contra Israel».

Após ter hesitado longamente, o governo americano anunciou a sua intenção de vender um lote impressionante de material de guerra, muito sofisticado, à Arábia Saudita.

A verdade é que esta decisão anunciada pela Casa Branca poderá, segundo os observadores, custar muito caro ao governo do presidente Reagan, tanto no plano interno como nas suas relações com Israel.

Os Estados Unidos aceitaram, sob reserva de aprovação do Congresso, vender à Arábia Saudita cinco aviões-radar AWACS a fornecer a partir de 1985. Esses aviões de vigilância electrónica são geralmente considerados como ímpares no Mundo.

Os Estados Unidos também aceitaram fornecer a Riade, a partir de 1982, uma versão ofensiva do caça «F-15» equipado com reservatórios suplementares e com lança-bombas. A Arábia Saudita encomendou os exemplares desses aviões.

Além disso, o governo americano aceitou vender à Arábia Saudita os mísseis ar-ar «Sidewinder» e sete aviões de abastecimento em voo «KC-135».

Pelo contrário, o fornecimento a Riade de cerca de 10 mil mísseis anticarro «TOW» não faz parte do «pacote» que será proximamente apresentado ao Congresso.

Segundo a Casa Branca, a venda ao reino saudita deste material, cujo custo global é provisoramente avaliado em pelo menos seis mil milhões de dólares (cerca de 350 milhões de contos), é «essencial» para assegurar a protecção dos interesses americanos no Golfo e o Médio Oriente.

Por outro lado, o correspondente em Washington da Rádio Israelita, mencionou esta manhã um «documento interno» americano que, reconhecendo a possibilidade dos AWACS serem utilizados contra Israel em caso de conflito, enumera, contudo, várias restrições à sua utilização.

Esse documento sublinha nomeadamente que Israel poderia

facilmente interceptar tais aparelhos e que, por outro lado, Riade não poderia utilizar os dados fornecidos pelos AWACS sem estes serem decifrados nos Estados Unidos. Recorda também que os aviões fornecidos a Riade serão exclusivamente pilotados por tripulações e técnicos americanos durante os quatro anos que se seguirem à sua entrega, em 1985.

Nos próprios Estados Unidos a decisão do presidente Reagan corre o risco de deparar com uma forte oposição no Congresso, que disporá, a partir do momento em que for notificado, de 30 dias para se pronunciar.

O poderoso e muito influente grupo de pressão judeu no Congresso, que já se tinha mais ou menos resignado a aceitar o fornecimento a Riade duma versão ofensiva do «F-15», irá provavelmente esforçar-se por bloquear a venda dos AWACS.

Irão anuncia ter matado 300 soldados iraquianos

Travaram-se ontem violentos combates entre forças iranianas e iraquianas na frente Ocidental, tendo causado trezentos mortos do lado iraquiano, segundo anuncia hoje o Estado-Maior iraniano num comunicado.

Os iranianos fizeram 237 prisioneiros e apreenderam importantes quantidades de munições. Segundo o comunicado foi abatido um «Mig» iraquiano na região de Ahwaz, tendo o Irão perdido na segunda-feira 18 «Martires» no conjunto das várias frentes.

Dois mortos e dez feridos

Uma bomba colocada num

pequeno autocarro explodiu quarta-feira perto da casa do Ayatollah Khomeiny, no norte de Teerão, matando duas pessoas e ferindo dez — anunciaram estações de rádio iranianas captadas em Beirute.

Khomeiny, a família e os ajudantes que se encontravam em casa, nada sofreram, apesar de a deflagração ter causado estragos num raio de três quilómetros — disseram as emissoras.

O líder religioso iraniano que completará 81 anos em Maio, tem estado a ser submetido a tratamento a uma doença cardíaca não especificada desde Janeiro de 1980, quando se instalou em Teerão, abandonando o centro religioso do país, Qom a 130 quilómetros da capital.

NOVIDADES

DE ABRIL DE 1981



edições 70

12 anos de trabalho editorial, por uma cultura viva e livre

DO SUBDESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

de André Gunder Frank
Bem documentado historicamente, um livro que descreve a evolução do capitalismo e analisa as suas relações com o feudalismo, o imperialismo, o colonialismo e o socialismo.

Col. CHAVES DA ECONOMIA — 152 Págs.

O ESTADO EM DISCUSSÃO

de Etienne Balibar, Nicos Poulantzas e outros
A natureza do Estado, a teoria da democracia, uma nova prática da política, são algumas das questões centrais tratadas neste livro. A iniciar uma colecção que visa o estudo das ideias e das instituições políticas.

Col. LEITURA DA POLÍTICA — 168 Págs.

O GRAU ZERO DA ESCRITA seguido de ELEMENTOS DE SEMIOLOGIA

de Roland Barthes
Para todos os que se interessam pelas ciências da linguagem, dois importantes textos cujo objecto comum é a conotação «desenvolvimento de um sentido segundo, sobre qualquer sistema de signos».

Col. SIGNOS — 152 Págs.

PLANÍCIES E FLORESTAS OCEANOS E MONTANHAS

de John Gilbert
Dois álbuns didácticos e muito ilustrados que apresentam a flora, a fauna e as características dos Continentes e dos Oceanos. De linguagem cientificamente rigorosa mas acessível informam de um modo inteligente e atractivo quer o jovem quer o adulto.

Col. À DESCOBERTA DA REALIDADE — Serie Especial — 72 Págs. cada

HEGEL

de Jacques D'Hondt
A vida, obra e filosofia de Hegel por um dos principais conhecedores e divulgadores do grande filósofo alemão. O pensamento hegeliano marcado por acontecimentos históricos decisivos, centra-se numa «dialectica» da História.

Col. BIBLIOTECA BÁSICA DE FILOSOFIA — 120 Págs.

A ESTÉTICA

de Denis Huisman
As etapas e os domínios da Estética, do Platonismo ao Positivismo, passando por Kant, e da Filosofia da Arte à Sociologia da Arte, incluindo as questões da sua Psicologia e da contemplação, a criação, a interpretação.

Col. BIBLIOTECA BÁSICA DE FILOSOFIA — 128 Págs.

CARCAÇA PARA CÃES

de Meja Mwangi
De forma viva e empenhada, o autor revela o modo como os Mau Mau, designação atribuída pelos Europeus a uma aguerrida etnia do Quênia, estavam organizados na luta contra o domínio colonial britânico.

Col. VOZES DE ÁFRICA — 160 Págs.

OS INTÉRPRETES

de Wole Soyinka
A vida de um grupo de amigos, jovens intelectuais nigerianos. O seu passado, as suas crenças, as suas crises, os seus amores. O espaço em que se movem a Universidade, o escritório, os clubes nocturnos.

Col. VOZES DE ÁFRICA — 278 Págs.

OS ANIMAIS CONTAM HISTÓRIAS

de M. B. Keelson
ESI VAI BUSCAR ÁGUA de Michael Asiedu
Dois livros vindos do Gana, numa colecção atenta à divulgação de outros costumes e povos. Contos, histórias e pequenos textos especialmente dedicados às crianças.

Col. JOVEM SOL — 48 e 32 Págs. respectivamente.

PEÇA O NOSSO CATÁLOGO

EDITAMOS E DISTRIBUIMOS DIRECTAMENTE

JUNTA DE FREGUESIA DE CAMPOLIDE SAUDAÇÃO

Considerando que o 25 de Abril é um marco histórico do Povo Português.

Considerando que o 25 de Abril derrubou o regime odioso e opressor, o fascismo.

Considerando que todos os verdadeiros democratas devem regozijar-se com mais este aniversário de tão gloriosa data histórica, cujas conquistas, direitos e regalias fundamentais se encontram consagrados na Constituição da República Portuguesa.

A Junta de Freguesia de Campolide exorta a população local a participar nos Festejos do 25 de Abril levantando bem alto a chama da Liberdade.

VIVA O 25 DE ABRIL

Esta Saudação foi aprovada pelos três elementos da APU três elementos do PS e a abstenção do elemento da AD. Aprovada na reunião do dia 21 de Abril de 1981.

A Junta

ANTECIPE-SE NO SEU VERÃO/81

ATRELADOS - TENDA

Modelos: MIRA

2000 - TRÓIA 2001 - MONSANTO - ALVOR

(Fabrico CAMPIMAR)

ATRELADOS DE CARGA

Marca: CAMPIMÓVEL

TENDAS CAMPIMAR (Vários modelos)

(Informe-se sobre as nossas condições de venda a prestações Possuímos cartão de DESCONTO PRÓPRIO (informe-se))

VISITE-NOS

LISCAMPING

Av. General Roçadas, 95-A — TEL. 837352 — LISBOA

MARISOLO

AV. DA REPÚBLICA, 38-A — TEL. 2470738 — PAREDE
ABERTO AO SÁBADO ATÉ ÀS 13 H E DIARIAMENTE ATÉ ÀS 19H30



edições 70

Av. Duque de Avila, 69 r/c Esq. — 1000 LISBOA — Telef. 57 83 65/57 83 22
Delegação no PORTO: Rua da Fábrica, 38-2 — Sala 25 — 4000 PORTO

Desporto



Reinaldo esteve sempre no centro do furacão



Benfica, 1-Carl Zeiss, 0

Uma noite para esquecer

O Carl Zeiss (RDA) teve a felicidade de, no Estádio da Luz, se qualificar para a final da Taça dos Vencedores de Taças, ao perder apenas por 1-0, frente ao Benfica. O Benfica foi eliminado pela derrota (por 2-0) em Jena, na primeira mão, e por 30 minutos finais do jogo ontem disputado em que, entre tantas oportunidades de golo (sobretudo nos derradeiros cinco minutos) a bola não entrou na baliza de Grapenthin.

Aliás, numa das várias confusões diante da baliza do Carl Zeiss, nos últimos minutos de jogo, os jogadores do Benfica chegaram a reclamar que a bola entrara na baliza adversária, mas assim não o entendeu o árbitro britânico Patrick Partridge.

Para uma equipa que precisava de vencer por 3-0 para ganhar a semifinal, o Benfica esteve bastante lento e, sobretudo, pouco imaginativo, no permanente ataque que desenvolveu durante a primeira parte.

Vários falhanços (em particu-

lar de Reinaldo) a falta evidente de Alves a meio-campo, a clara improdutividade de Jorge Gomes (bem substituído, mas só aos 36 minutos, por José Luís) e a extrema dificuldade de passar do meio-campo para a grande área do Carl Zeiss, onde onze jogadores defendiam o resultado obtido em Jena, caracterizaram os primeiros 45 minutos.

Os 80 000 espectadores da Luz, alguns dos quais pagaram, na central, 16,7 escudos por cada minuto de jogo, certamente descreditavam já ao intervalo do almejado 3-0.

O Carl Zeiss mostrou, por um lado, que veio à Luz só para defender, renunciando praticamente ao ataque; por outro, que seria uma equipa ao alcance do Benfica, caso a turma da Luz encontrasse algumas soluções atacantes e rematasse à baliza. Bento foi quase um espectador: e só aos 24 minutos fez a sua primeira e fácil defesa, muito embora o Carl Zeiss tenha tido, em toda a partida, duas

oportunidades de golo, passado que foi o «susto» do livre directo marcado portentosamente por Kurbjuweit. A bola entrou sem defesa para Bento. O «terceiro anel» ficou gelado: iam só decorridos 8 minutos de jogo, mas o árbitro «tranquilizou» a multidão quando anulou o golo resultante de um livre que deveria ter sido indirecto.

Aos 12, 14, 28 e 45 minutos o Benfica poeria ter marcado, mas Humberto e Reinaldo falharam. O zero no marcador acabava, aos 45 minutos, por premiar a ineficácia dos atacantes benfiquistas e a cerrada defensiva alemã.

O impropriamente chamado «inferno» da Luz, passados os primeiros minutos de entusiasmo, estava frio e silencioso como o marcador.

Na 2.ª parte, os primeiros minutos foram como os 45 iniciais, com falhanços e tudo, como o de Nenê (aos 10 minutos) com a baliza aberta à sua frente. Finalmente Reinaldo acertou na ba-

liza, iam decorridos 59 minutos de jogo. Após uma série de insistências do ataque benfiquista um centro de Chalana foi rematado de cabeça por Reinaldo para o fundo das redes. Havia ainda 30 minutos de jogo, o 2-0 pelo menos era possível.

O «terceiro anel» acordou. Os jogadores do Benfica actuavam para a vitória (à razão de mais de dois mil escudos por minuto) e pressionaram mais no ataque.

Foi nessa altura igualmente que a equipa do Carl Zeiss começou a quebrar. Não reagiu e continuou na defesa, nos últimos minutos, em defensiva já sem frescura física. Foi essa meia hora que ditou a eliminação do Benfica. Num crescendo de pressão sobre as redes de Grapenthin, os remates e, fundamentalmente, as desmarcações para nescas ainda vazias de jogadores adversários, surgiram em maior quantidade e qualidade. Entre boas jogadas e lances confusos diante das redes

Continua na pag. 18

Finais à vista

Campeões: Real-Liverpool

O Real Madrid, que nos anos 50 e princípios da década de 60 dominou a Taça dos Campeões Europeus de Futebol, regressará a 27 de Maio a uma final desta competição, em que defronta o Liverpool. A 26.ª final da Taça dos Campeões Europeus terá por cenário o Parque des Princes, em Paris e será a primeira vez que as duas equipas, que entre si têm oito vitórias na taça principal dos clubes europeus, se encontram para disputa do troféu. Para os madrilenos, esta vai ser a sua nona final e a primeira desde 1966. O Liverpool

encontra-se pela 3.ª vez em cinco anos na final.

Para estar em Paris, o Real Madrid perdeu apenas por 1-0, ontem numa tumultuosa 2.ª «mão» com o Inter de Milão, ao qual vencera por 2-0, em Madrid. O Liverpool conseguiu empatar no campo do Bayern de Munique (1-1) depois de ter cedido um empate sem golos no seu terreno.

O Real Madrid foi «dono» da Taça dos Campeões nas suas primeiras cinco épocas, entre 1956 e 1960. Gento era o único sobrevivente da equipa de «ou-

ro» do Real no elenco que em 1966 disputou a sua 8.ª final e última até à data e em que venceu por 2-1, em Bruxelas, o Partizan da Jugoslávia. Em 1962, o Real Madrid perdeu na final com o Benfica (por 5-3) e em 1964 foi derrotado pelo Inter de Milão (por 3-1).

O Liverpool foi campeão europeu de clubes em 1977 e 1978, iniciando uma dominação inglesa da taça. Em 1977, derrotou o Borussia Moenchengladbach (em Roma) por 3-1 e no ano seguinte reteve o título, ao vencer o Bruges (Bélgica) por 1-0, em Londres. Em 1979 e 1980 foi o Nottingham Forest que manteve em Inglaterra o título europeu.

Para atingir a final desta taça europeia, o Liverpool eliminou o Oulun Palloseura (Finlândia) por 11-2, o Aberdeen (Escócia) por 5-0, o CSKA (Bulgária) por 6-1 e finalmente o Bayern de Munique, o que constitui um assinalável «palmarés». Quanto ao Real Madrid, derrotou o Limerick (Irlanda) por 7-2, o Honved (Hungria) por 3-0, o Spartak Moscovo, por 2-0 e, por fim, o Inter de Milão, por 2-1.

O Real Madrid é a única equipa espanhola que conquistou o título europeu de clubes, enquanto na Inglaterra, para além do Liverpool e do Nottingham Forest, também já foi seu titular o Manchester United, em 1968

Incidentes em San Siro

O Estádio de San Siro, em Milão, transformou-se numa espécie de campo de desordens quando os adeptos do Inter provocaram graves incidentes, especialmente contra os jogadores do Real Madrid. Apesar das medidas de segurança e do grande número de polícias que vigiaram o estádio, na noite de ontem, os distúrbios começaram ainda antes do final do encontro.

Os 90 mil espectadores, que não se cansaram de incitar a sua equipa, mostraram desde o início reacções agressivas contra os jogadores espanhóis. Para o terreno de jogo foram lançados foguetes e durante o encontro, quando os jogadores madrilenos se aproximavam das linhas laterais ou finais, eram atingidos com tomates, laranjas, embalagens de cervejas e outros objectos.

No final, foi maciço, o lançamento de objectos (incluindo garrafas) pelo que vários jogadores espanhóis, entre eles Juanito, Agustín e Navajas, ficaram no centro do terreno, sem poder abandoná-lo. Os adeptos, disciplinados, vinte minutos depois de terminado o encontro, continuavam a lançar objectos contra os madrilenos que, finalmente, conseguiram abandonar o relvado no meio dos distúrbios e protegidos por forças policiais.

Rectificação necessária

A RTP não obteve luz verde do Benfica

Uma informação de última hora levou-nos ontem a dar como certa a transmissão do Benfica-Carl Zeiss pela Televisão. À hora a que fechámos a nossa edição, decorria um almoço entre responsáveis, ao mais alto nível, da RTP e do Benfica, e nós sabíamos que, apesar de já ter noticiado que não transmitiria o jogo, a RTP continuava a dar tudo por todo para obter do clube interessado «luz verde» para o «em directo». Se o conseguisse, surpreenderia agravemente muitos milhares de telespectadores sem prejuízo da venda, à bilheteira, da «casa», que, aliás, esteve cheia como um ovo. Como se sabe, este tipo de «surpresas» é regra habitual de trabalho, na maioria das televisões europeias. A RTP manteve-se, até meio da tarde, preparada para interromper a sua emissão normal caso chegasse a almejada luz verde.

Informações de que dispusemos nos nossos «últimos minutos úteis», fornecidas por um nosso colaborador permanente, vieram robustecer a previsibilidade de um acordo de transmissão durante o citado almoço.

Do lapso, que na realidade não poderá ter afectado a «bilheteira» do clube anfitrião, pedimos, evidentemente, desculpa ao Benfica, à Radiotelevisão e ao público em geral.

Não podemos, porém, deixar de lamentar a atitude menos correcta do dirigente benfiquista Ferreira Queimado, que não apenas nos atribui a intenção absurda de prejudicar os negócios do seu clube, mas ainda por cima parece querer limitar o exercício da profissão de jornalista, como gesto de «retaliação».

Pelas medidas que o dirigente do Benfica anunciou parece ser especialmente visado o jornalista que no «DL» assigura normalmente a rubrica desportiva. O que — como ficou esclarecido — não tem qualquer fundamento.

Taças:

Carl Zeiss-Dinamo Tbilissi

Duas equipas do leste europeu vão, pela 2.ª vez na história da «Taça dos Vencedores de Taças» de futebol, defrontar-se na final, a 13 de Maio, em Dusseldorf, Alemanha Federal.

Tanto o Dynamo de Tbilissi (União Soviética) como o Carl Zeiss Jena (RDA), qualificaram-se para a final ao segurem, nos seus jogos da segunda-mão, um golo de vantagem conseguida, nos seus campos, na primeira partida. O Dynamo de Tbilissi perdeu no campo dos holandeses do Feyenoord por 2-0, depois de ter vencido por 3-0 no seu terreno. O Carl Zeiss saiu derrotado por 1-0 do Estádio da Luz, depois de ter vencido o Benfica, na RDA, por 2-0.

Em 26 anos de história da Taça dos Vencedores de Taças, esta vai ser a primeira final, tanto para a equipa soviética como para o clube da República Democrática Alemã. Será (ainda) a segunda partida decisiva do troféu, disputada entre equipas do leste europeu: em 1975, a final travou-se entre o Dinamo de Kiev (URSS) e o Ferencváros (Hungria) com vitória soviética por 3-0, em Basileia (Suíça).

O Dinamo de Tbilissi é, desde

sempre, a 3.ª equipa soviética a qualificar-se para uma final europeia de futebol entre clubes e, curiosamente, os seus dois antecessores também estiveram na final da «Taça dos Vencedores de Taças».

O Dinamo de Moscovo perdeu (em 1972) por 3-2 com o Glasgow Rangers, (Escócia) em Barcelona, antes de o Dinamo de Kiev ter batido o Ferencváros.

O Carl Zeiss, que tirou ao Benfica a possibilidade de se estreiar na final da «Taça das Taças», é a primeira equipa da RDA a atingir o derradeiro jogo da competição, depois de o Magdeburgo ter conquistado (há sete anos) a taça, com uma vitória por 2-0, sobre o Milão, em Roterdão.

A carreira na presente taça do Carl Zeiss saldou-se nas eliminações do Roma (por 4-3), depois de ter perdido por 3-0 na 1.ª mão) do Valência (Espanha) por 3-2, do Newport County, (País de Gales) e da terceira divisão inglesa, por 3-2, e do Benfica, por 2-1.

Quanto ao Dynamo de Tbilissi eliminou o Kastoria (Grécia) por 2-0, o Watford (Irlanda) por 5-0, o West Ham (Inglaterra) por 4-2 e, finalmente, o Feyenoord (Holanda) por 3-2.

«Corrida da Paz» arranca a 8 de Maio

A Corrida da Paz, que se disputará de 8 a 21 de Maio, com partida de Berlim Este (RDA) e chegada a Varsóvia (Polónia), terá 14 etapas e o seu percurso será de 1,869 km. O calendário da prova é o seguinte:

Dia 8: prologo em Berlim Este (7 km contra relógio); dia 9: 1.ª etapa: Berlim-Magdeburgo (169 km); dia 10: 2.ª etapa: Magdeburgo-Erfurt (208 km); dia 11: 3.ª etapa: Circuito em Erfurt, contra-relógio (35 km) de manhã; 4.ª etapa: Erfurt - Gera (89 km) de tarde; 12: dia de descanso; 13: 5.ª etapa: Gera - Karlův Vary (Checoslováquia). 161

km. 14: 6.ª etapa: Karlův Vary -Praga (171 km); 15: 7.ª etapa: Circuito de Praga, contra-relógio (19 km) de manhã; 8.ª etapa: circuito de Praga (120 km) no percurso dos campeonatos do Mundo de 1981.

16: 9.ª etapa: Praga - Mlada Boleslav (170 km); 17: dia de descanso; 18: 10.ª etapa: Mlada Boleslav - Walbrzych (Polónia), 189 km; 19: 11.ª etapa: Walbrzych - Opole (192 km); 20: 12.ª etapa: Opole - Lodz (183 km); 21: 13.ª etapa: Circuito de Lodz, contra-relógio (20 km) de manhã; 14.ª e última etapa: Lodz -Varsóvia (136 km) de tarde.

Números para a história

Resultados da 2.ª mão das meias-finais das taças europeias de futebol:

● Taça dos Clubes Campeões: Bayern de Munique (RFA)-Liverpool (Ing.), 1-1 (0-0); Liverpool qualificado para a final e Inter de Milão (It.)-Real Madrid (Esp.), 1-0 (0-2); Real Madrid qualificado. A final disputa-se no próximo dia 22 de Maio, em Paris.

● Taça dos Vencedores de Taças: Feyenoord (Hol.)-Dynamo Tbilissi (URSS), 2-0 (0-3); Tbilissi qualificado e Benfica (Por.)-Carl Zeiss Jena (RDA), 1-0 (0-2); Carl Zeiss Jena qualificado. A final disputar-se-á em 13 de Maio próximo em Dusseldorf.

● Taça UEFA: Az'67 Alkmaar (Hol.)-Sochaux (Fr.), 3-2 (1-1); Az qualificado e Colónia (RFA)-Ipswich (Ing.), 0-1 (0-1); Ipswich qualificado. Final: 1.ª mão será disputada a 6 de Maio, em Ipswich; a 2.ª mão será disputada provavelmente em Roterdão.

Negrume na Luz

Continuação da pág. 17

adversárias, o Benfica perdeu golos e a eliminatória. A sorte, nessa noite «europeia de um Benfica europeu a «meio gás», foi do Carl Zeiss, que ganhou com os dois golos que obteve em Jena.

É um facto que, com um pouco de felicidade, o Benfica teria saído da Luz com os 3-0 necessários. Mas também é uma realidade que a equipa portuguesa deveria, em todo o jogo, ter sabido vencer, com mais facilidade e imaginação, «onze» defesas de uma formação que obviamente não atravessa nenhum apuro de forma que justifique

uma final de «Taça».

Sob arbitragem do inglês Partridge, que mostrou o cartão amarelo a Reinaldo (aos 54 minutos) e teve uma actuação discreta e de bom nível, as equipas alinharam:

Benfica: Bento; Veloso, Humberto, Bastos Lopes I e Pietra; Jorge Gomes (José Luis, 36); Carlos Manuel, Shéu (Vital, 18) e Chalaná; Nenê e Reinaldo.

Carl Zeiss: Grapenthin; Branner, Schilling, Oevermann (Hoppe 73), Vogel e Kurbiuweit; Schunphase, Krause e Senegwald; Bielau e Raab (Topfer 18).

Fernando Cascais (ANOP)

UEFA: AZ 67 - Ipswich

O Ipswich (Inglaterra) e o AZ 67. (Holanda) qualificaram-se para disputarem a sua primeira final europeia, quando se defrontarem nas duas «mãos» da final da Taça UEFA, a 6 e 20 de Maio. As duas equipas já se encontraram uma vez, na temporada de 1978-79, na primeira eliminatória da Taça dos Vencedores das Taças, ganha pelos ingleses por 2-0, após um empate sem golos na Holanda.

O AZ 67 vai tentar ser a terceira equipa holandesa a conquistar a Taça UEFA, depois dos triunfos do Feyenoord, em 1974 (4-2 ao Tottenham) e do PSV Eindhoven, em 1978 (3-0 ao Bastia). O AZ 67 tem dominado de forma categórica o campeonato holandês: 23 vitórias, dois empates, apenas uma derrota em 26 jogos e o título virtualmente ganho.

Para chegar à final, obteve o impressionante «score» de 29-5, afastando, sucessivamente, o Red Boys Differdange, Luxemburgo (10-0), Levski Spartak, Bulgária (6-1), Radnickinis, Jugoslávia (7-2) Lokeren, Bélgica (2-1) e ontem, o Sochaux, França (4-3).

O Ipswich Town vai tentar desesperadamente ganhar a Taça UEFA e salvar uma temporada cuja série de sucessos chegou a ser impressionante, mas que depois entrou, aos poucos, em declínio. Depois de dominar durante algumas semanas a Liga Inolesa, o Ipswich foi obrigado a ceder o comando ao Aston Villa (após seis derrotas nos últimos nove jogos), foi eliminado nas meias-finais da Taça e Inglaterra e ontem esteve prestes a ser afastado da Taça UEFA, mas logrou conseguir o seu objectivo.

O Ipswich alcançou a final depois de eliminar o Aris Salónica, Grécia (6-4), Bohemians, Praga, Checoslováquia (3-2), Widzew Lodz, Polónia (5-1), Saint Etienne, França (7-2) e, finalmente, o FC Colónia (2-0).

Desde que a Taça UEFA sucedeu à Taça das Cidades com Feiras, em 1958, cinco equipas inglesas ganharam o troféu: Leeds (1968, 1971), Newcastle (1969), Arsenal (1970), Tottenham (1972) e Liverpool (1973, 1976). Será o Ipswich a sexta equipa inglesa a conquistar a Taça UEFA?

MICROSCOPIO

Portugueses em ténis de mesa

José Alvoeiro foi o único representante português a ganhar um encontro no Campeonato Mundial Individual de Ténis de Mesa, em Novi Sad

(Jugoslávia). Alvoeiro bateu o paquistanês Latif, por 24-22, 24-26 e 21-16.

Nos outros encontros, o paquistanês Nkhuda bateu o português José Rocha (21-14 e 21-10) e Pak Nam, da República Democrática da Coreia, venceu o português José Marques (21-18 e 21-18).

Última hora

Até à hora em que encerramos esta edição não é conhecida qualquer alteração em relação à catalogação dos nossos ciclistas, que prosseguem sendo entendidos como «amadores» embora quase todos eles vivam exclusivamente de pedalar ao serviço de clubes ou marcas (e por exemplo) Marco Chagas não se escuse a afirmar publicamente, que ganha agora mais dinheiro com o tal rótulo de «amador» do que quando alinhava ao lado de Joaquim Agostinho, como profissional declarado, em terras francesas.

Atletismo

Domingo há gala no Jamor

Um grupo de sete atletas soviéticos, três femininos e quatro masculinos, participa no «Torneio 1.º de Maio», a realizar no próximo domingo, em Lisboa, numa organização da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional, em colaboração com a Federação Portuguesa de Atletismo. Os seus nomes:

● Svetlana Melnikova (29 anos), clube «Trud» de Moscovo. Lançamento do disco e do peso: duas medalhas de prata nas Taças da Europa e do Mundo, em 1979.

● Ludmila Savina (25 anos), clube «Spartak» de Moscovo. Lançamento do peso: medalha de bronze no campeonato nacional de Inverno de 1981, em pista coberta.

● Nina Rutchaieva (24 anos), clube «Trud» de Sverdlovsk medalha de Prata na prova de 400 metros, do campeonato nacional de Inverno de 1981, em pista coberta.

● Guenadi Mikhailov (25 anos), clube «Trud» de Leninegrado. Lançamento do peso: vencedor da «Taça da URSS» de 1980 e medalha de prata no Campeonato Nacional de Inverno de 1980, em pista coberta.

● Valeri Toropov (25 anos), clube «Burevestnik» de Leninegrado. Medalha de prata na prova de 800 metros e medalha de bronze na de 1500 metros do Campeonato Nacional de Inverno de 1980, de pista coberta.

● Viktor Vinogradov (23 anos), clube «Trud» de Moscovo. Especialista na prova de 3000 metros obstáculos.

● Valeri Liman (22 anos) clube «Trud» de Moscovo. Especialista na prova de 800 metros.

Combate à droga

Duas atletas de diferentes países são acusadas de terem tomado estimulantes nos Campeonatos da Europa de Pista Coberta disputados em Grenoble,

em Fevereiro. Esta afirmação foi feita por um elemento ligado à Associação Europeia de Atletismo, acrescentando que os nomes serão divulgados no fim-de-semana, em Nice. Os testes de «doping» foram feitos num laboratório em Colónia, RFA, depois dos europeus. Ambas as ginastas podem ser irradiadas de acordo com os estatutos da Federação Internacional de Atletismo Amador (FAAF), organismo que dirige o atletismo mundial.

A última vez que atletas foram consideradas culpadas no uso de estimulantes foi em 1979. Cinco atletas do Leste Europeu, incluindo a recordista mundial da milha Natalia Marasescu (Roménia) e a vencedora dos 1500 metros da Taça Mundial Totka Petrova (Bulgária) foram suspensas indefinidamente. Porém, o Congresso da IAAF tomou uma controversa decisão a 11 de Março de 1980, permitindo o regresso das atletas punidas.

Volta a Espanha

O italiano Guido Bontempi venceu a 1.ª etapa da Volta à Espanha em Bicicleta, entre Santander e Aviles (234 quilómetros). Bontempi ganhou ao «sprint» salientando-se dum pelotão que percorreu em andamento moderado esta primeira tirada da Volta. Porém, o corredor italiano não ganhou a camisola amarela, pois o vencedor do prólogo de 3.ª-feira o francês Régis Clère, mantém a liderança da geral.

A média horária do vencedor da etapa de ontem foi de 36,923 quilómetros, gastando seis horas, 20 minutos e 15 segundos a percorrer a distância. Com o mesmo tempo classificaram-se a seguir os espanhóis Cedena e M. Murga, o francês Clère e o espanhol Lasa. A Volta à Espanha foi iniciada por 79 ciclistas.

Volta à Bélgica

Classificação da 3.ª etapa da «Volta à Bélgica» 1.º Sean Kelly (Ir), que percorreu os 232 km em 6h03m06 (com bonificação: 6.02,36; 2.º Jos Jacobs (Bél.) mt. (com bon. 6.02,51); 3.º Marcel Vanderslagmole (Bél. m.t.; Classificação geral: 1.º Gery Verlinden (Bél.) 17.34,41; 2.º Jan Bogaert, (Bél.) 17.35,06; 3.º Jo Maas (Hol.) 17.35,10.

Troféu «JN»

O F. C. Porto lidera com 17 pontos o «Troféu JN» instituído pelo nosso colega «Jornal de Notícias» para premiar a equipa mais regular ao longo de toda a época, que permitirá aos seus ciclistas dividir um bolo de 100 contos e ao clube ficar com um magnífico troféu em prata. Como se sabe, em cada uma das provas que pontuam para o «Troféu JN», são atribuídos pontos de dez a um aos dez primeiros da classificação final, pontuando somente os três melhores de cada equipa.

Atendendo à classificação final do Campeonato Nacional de Fundo os pontos do «Troféu JN» foram atribuídos da seguinte forma: Fernando Fernandes (F. C. Porto), 10; Venceslau Fernandes (Rodovil), 9; Luís Vargues (Campinense), 8; António Fernandes (Porto), 7; António Brás (Sangalhos), 6; José Sousa Santos (Rodovil), 5; José Marques (Tavira), 4; Rui Azevedo (Campinense), 3; Carlos Santos (Tavira), 2; Tito Timóteo (Sangalhos), 1. A classificação do «Troféu JN», depois do Campeonato Nacional de Fundo, ficou assim ordenada: 1.º F. C. Porto, 17 pontos (10+7); 2.º Rodovil, 14 (9+5); 3.º Campinense, 11 (8+3); 4.º Sangalhos, 7 (6+1); 5.º Tavira, 6 (4+2).

A próxima prova do Troféu JN será o Grande Prémio de Loures que se disputa de amanhã a 26 do corrente.

Futebol

Escolhida nossa selecção B

Juca fez as convocações para o jogo entre BB de Portugal e da Alemanha Federal, a processar-se na noite de 28 do corrente em Coimbra. Os nomes: Teixeira e Amaral (Vitória de Setúbal) Vital e Veloso (Benfica), Freire e Inácio (Sporting), Nogueira, Amílcar e Delgado (Bele-nenses) Valter (Portimonense), Palhares, Folha e Eliseu (Bovista), Jacques e Dito (Braga), Gregório Freixo (Vitória de Guimarães) e Jaime I (FC do Porto).

Irlanda do Norte à nossa espera

O médio John Sloan é o único futebolista da Liga da Irlanda do Norte convocado para o encontro de quarta-feira, com Portugal, para o grupo seis da fase de qualificação do mundial de futebol. Dos 22 inicialmente convocados, não vão integrar a equipa (dirigida por Billy Bingham) Tervor Anderson (Linfield), Gar Ry Balckledge (do clube irlandês Glentorans), o guarda-redes do Stoke, o jovem Eric Mcmanus, Tom Sloan (Manchester United) e Gerry Mcelhinneev (Bolton).

Os 17 para Belfast serão: Pat Jennings (Arsenal), Jim Platt (Middlesbrough), Jimmy Nicholl (Manchester United), Chris Nicholl (Southampton), John O'Neill (Leicester), Donaghy (Luton), Sammy Nelson (Arsenal), John McClelland (Mansfield), David McCreery (Tulsa Rough-

necks) Marton O'Neill (Norwich), Sammy Mcilroy (Manchester United) John Sloan (Ballymena), Terry Cocrane (Middlesbrough), Gerry Armstrong (Watford), Billy Hamilton (Burnley), Derek Spence (Southend) e Tom Finney (Cambridge).

Castigos

Bento e César (do Benfica) e Virgílio (do Famalicão) foram suspensos por um jogo, relativamente à recente eliminatória da Taça de Portugal, em decisões tomadas ontem pelo Conselho de Disciplina da FPF. Porém, os dois benfiquistas ficarão «em dia» com o encontro desta noite, em reservas entre o Ben-

fica e o Sporting, em Alvalade, que se encontra em atraso na prova da AFL. Por outro lado a UEFA, decidiu penalizar com um jogo (ontem cumprido) de suspensão o benfiquista Alves, e advertir dois dos seus colegas de equipa (Veloso e Jorge Gomes).

Sporting na festa de Jacinto João

Por impossibilidade da selecção de Angola, será o Sporting o parceiro do Vitória de Setúbal no jogo grande da festa de homenagem a Jacinto João, que vai ocorrer no próximo domingo, no Estádio do Bonfim.

Totobola recebe visitas

No próximo sábado, pelas 9 horas, visitarão o totobola o ministro de Qualidade de Vida e o Secretário de Estado da Juventude e Desportos. Estas entidades assistem às operações de microfilmagem e contagem de bilhetes e conferência de apostas recebidas dos agentes, referentes ao concurso n.º 36. Serão aguardados pelo dr. Pedro Bracourt de Vasconcelos (Provedor da Misericórdia de Lisboa), dr. Manuel Antunes Pinto e eng.º Pedro Sampaio Nunes (adjuntos), prof. Lopes Marques,

(Director-geral dos Desportos)-dr. Monteiro Fernandes (director Geral do Património do Estado), dr. Rui Seabra (Presidente do Inatel) e dr. Vieira Pinto (Presidente do Instituto de Gestão Financeira de Segurança Social).

O Director do Totobola fará uma dissertação sobre o actual funcionamento das diferentes operações dos concursos, descrevendo ainda a forma como decorrerão num próximo futuro quando for introduzida a mecanização.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 36 DE 26 ABRIL 1981

Boa Nova, 11X 211 11X 2X12; A Comarca de Arganil, 11X 111 2X1 2X1X; Cavalegada do Ritmo, 111 211 111 2X11; Correio de Coimbra, 1x1 x11 1xx 2x12 Correio do Vouga, 111 111 111 2211; Defesa de Espinho, 111 111 1XX 2X11; Diário de Coimbra, 11X 11X 2X1 2XX1; Ecos do Cacia, 11X 111 1X1 2X1X; Eu Sei Tudo, 11X 111 1X1 1111; Folha do Domingo, 111 211 111 1X1X; O Jornal de Felgueiras, 1X1 111 11X 2X11; O Jornal da Lixa, 111 1X1 1X1 1X11; Jornal de Santo Tirso, 11X 1X2 122 1X1X; Jornal de Sintra, 11X 11X 1X1 2X11; Jornal «Linhas de Elvas», 1XX 111 111 12XX; Litoral, 111 211 111 221X; Notícias de Felgueiras, 1X1 11X 111 2XX1; Notícias de Gouveia, 1X2 1X2 111 2XXX; Jornal «A Ordem», 112 1X2 1X2 22X1; Rádio Alitude, 1XX 111 111 2X1X; Reconquista de Castelo

Branco, 111 1X1 111 21XX; RDP/Secção Desportiva, 111 211 1X1 2X1X; A Voz das Beiras, 111 11X 111 1111; A Voz do Domingo, 111 211 1XX 211X; Voz de Lamego, 111 111 121 2111; Grafanola Ideal, 112 11X 111 221X; Rádio Totobola, 11X 11X 1X1 211X; Diário de Lisboa, 1X1 111 111 1X12; Notícias de Évora, 111 11X 111 1X11; Jornal «O Dia», 11X 11X 1X1 211X; Jornal «IX2», 1X1 111 212 2X11; Clube do Ar, 111 11X 111 1X11; Diário do Porto, 11X 111 111 1X12; O Distrito de Portalegre, 1X1 1X1 11X 2112; Jornal Estrela da Manhã, 111 111 111 2111; Gazeta das Caldas, 11X 111 111 2212; Jornal da Beira, 111 111 111 2X11; Maria da Fonte, 1X1 111 111 2211; Notícias de Chaves, 11X 111 111 221X; Notícias de Guimarães, 111 1XX 11X 22X1; Notícias do Douro, 11X 1XX 11X 2X11; Ritmo e Amizade, 1X2 1X1

111 21X1; RDP/Centro-Diários Desportivo, 111 111 111 21X1; Alvo Desportivo, 111 1X1 111 1X11; O Comércio de Leixões, 11X 111 1XX 2212; O Comércio do Porto, 11X 212 111 1X11; Estúdio 64, 11X 212 121 2X11; Jornal de Gaia, 1X2 211 1XX 221X; Jornal da Graça, 1XX 11X 1XX 1X11; Jornal de Notícias, 11X 111 111 2X11; Manchete Desportiva, 11X 2X1 111 2X11; Penalty, 111 1X1 111 2111; O Primeiro de Janeiro, 11X 11X 12X 22X1; Quadrante Norte, 11X 111 111 211X; Rádio Alvo, 112 11X 1XX 2XXX; Panorama, 111 111 111 1111; Rádio Placard, 111 11X 121 2211; Rádio Sports, 111 222 111 1111; Repórter do Dia, 112 111 1X1 2112; Resenha Desportiva, 1XX 21X 1X1 2X11; A Voz dos Radicais, 111 211 111 1111; Jornal O Porto, 1X1 11X 111 2211; A Voz do Ave, 111 1X2 111 1111.

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
	1	X	2				1	X	2	a)	
1. FAFE - FAMALICÃO	56	7	0				11	1	1		
2. RIOPELE - BRAGANÇA	52	11	0				9	3	1		
3. SANJOANENSE - LEIXÕES	30	26	7				6	5	-1		
4. VISEU BENFICA - ÁGUEDA	20	30	13				4	6	2		
5. CARTAXO - TORRIENSE	53	9	1				10	1	1		
6. COVILHÃ - BEIRA-MAR	39	17	7				7	4	1		
7. E. PORTALEGRE - CALDAS	52	10	1				9	2	1		
8. NAZARENOS - ALCOBACA	40	17	6				7	4	1		
9. ODIVELAS - ORIENTAL	47	13	3				9	2	1		
10. VALHADOLID - R. MADRID	8	10	45				1	2	9		
11. SEVILHA - BARCELONA	21	28	14				4	5	3		
12. ESPANHOL - BETIS	52	10	1				9	2	1		
13. GIRON - R. SOCIEDADE	36	23	7				7	4	1		

a) - Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados no dia do concurso, as bolas entrarão no exterior do sorteio nas quantidades do presente tabelão.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

111 111 111 2X11

CRÓNICA DE TOUROS

● Solilóquio

Carta para João Martinho

Praça de Touros do Campo Pequeno. Domingo de Páscoa, 19 de Abril de 1981. Touros de David Ribeiro Telles para David e João Palha Ribeiro Telles, forçados amadores lusitanos (cabo Fernando Hilário), Francisco Nunes (Currillo) e António de Portugal.

Você com certeza não sabe, meu caro João Martinho, que neste domingo de Páscoa, no Campo Pequeno, deu cabo dum velho recorde, que eu guardava comigo. Não me vou zangar por causa disso — mas a verdade é que dava um certo gozo essa coisa de um tipo escrever de touros há mais de vinte anos e poder gabar-se de que nunca lhe tinham brindado uma faena, uma sorte, nem sequer um ferro de palmo, coisa nenhuma.

Mas você veio com o grupo atrás de si, na mão o barrete verde; e com um sorriso simples, numa dedicatória enxuta de palavrado, ofereceu-me ali, diante de toda a gente, tanta gente que por pouco enchia o Campo Pequeno, a sua primeira pega, que infelizmente não ia acontecer. Fui apanhado de surpresa, acho que disse «muito obrigado», enquanto pensava se me devia levantar ou ficar sentado, levantando-me podia imaginar que era dar nas vistas, sentado talvez me acusassem de grosseria, creio que fiquei naquele meio termo, nem sentado nem levantado, ao mesmo tempo que se ouviam quatro ou cinco palmas, não as contei, mas ao todo não deviam ser mais de quatro ou cinco.

É certo você deve ter reparado, que há toureiros que com quatro ou cinco palmas avançam logo para a volta à arena, à espera dos beneméritos, ou dos tansos, que se põem a aplaudir. Foi assim que o Currillo deu a voltinha da ordem, com um ar descaradamente compenetrado, depois daquela faena, se assim se pode chamar ao mal empregado segundo touro: é que ali não houve nada que se aproveitasse. Nem mesmo quando a certa altura tentou alegrar o funeral com um molinete, e houve um tipo na bancada que disse «Boa!»: porque nos touros, quando se diz «Boa!», é difícil que a coisa seja mesmo boa. Enfim, mais um matador para o monte dos fracassados. Tanto prometia o de Medina Sidonia e, apesar da insistência da empresa do Campo Pequeno em impingir-lo aos lisboetas, está tão acabado que ninguém deu pela sua falta quando mal começou a faena ao sexto, parou o baile e se agarrou a um dedo da mão, com ele se meteu na enfermaria, deixou ao António de Portugal o mais incerto dos touros de David Telles; eu diria mesmo que o único incerto do curro, em que o quarto tinha uma investida de veludo, desse em que se pode bordar uma faena.

Mas, para o que se diz bordar uma faena, não chega aquela boa vontade de António de Portugal aquele querer agarrar à arena as sapatilhas, aquela fome de aplausos que depois quite vulgar o faz tirar a «montera» sem esperar pela ovação ao «ora agora chicuelino eu, ora agora chicuelinas tu», e que o empurrou para dar uma volta à arena depois do tercio de bandarilhas no sétimo: foram quatro pares, decididos e com as ganas que teve em toda a tarde, mas sem

repouso no cite, nem na reunião, nem no remate, a sair em tal desequilíbrio não há sorte que resulte toureira.

Destas coisas de que eu lhe falo, meu caro João Martinho, algumas não as terá visto como eu as vi, outras não chegou mesmo a vê-las: porque, depois de tal brinde, você foi por-se no meio da arena de lá chamou o touro, sem grandes enfeites mas com serena decisão. E o touro veio, no momento do encontro derrotou alto, deitou-o fora. Você voltou à cara do touro e o touro tornou a vir, e a derrotá-lo outra vez — desta sem remédio: ainda quis reagir, mas acabou por perder os sentidos em braços, o levaram para a enfermaria, e de lá para o Hospital, com receios de coisa feia, que felizmente não havia, pôde voltar ao trabalho, lá na Golegã. Que não lhe falte o ânimo para outra vez enfrentar o perigo, talvez um dia se faça seu nome conhecido, conhecido como o do cabo Fernando Hilário, que não se contenta em ser como agora é moda dos cabos, nome conhecido por vir no cartaz, não porque a hora de pegar seja com eles. Hilário sim, vai para a cara dos brutos, como aconteceu no primeiro da tarde, a dar aos companheiros o exemplo dum valor discreto e duma segurança firme e sem fantasias, deixando os alardes para os outros, como o António Graça, que se pôs sozinho na arena a chamar o segundo da tarde, criando a sensação que estes gestos sempre despertam: ainda que, bem feitas as contas, não tenha isso maior mérito do que pegar bem separado do grupo, sem comboios nem ajudas carregadas. Mas no toureio, como em tanta coisa, há muitos que esquecem como a coragem maior não é aquela que se exhibe — mas aquela que se sofre.

E agora, vamos ao resto, que não lhe digo, meu caro João Martinho, para com consolo pagar o seu brinde. Mas, depois que o levaram da arena, sentindo essa dor que o touro lhe deixara no corpo, mais a que a lembrança lhe punha na alma das perdas ovações que sonhara para este domingo de Páscoa, depois disso ninguém daquelas hastes recolheu os abandonados louros: vencido foi o companheiro que seu lugar tomou no recurso da cernelha não reagiu o bruto aos que assim o sujeitavam, que dado o pouco brilho se recusaram a acompanhar na volta os dois Telles, pai e filho. Uma volta à arena das tais já faladas, pois a lide a duo andara pela confusão e pela chapelada, o touro feito num paliteiro e o João Palha ainda queria mais um, teimou não sei quantas vezes, a fazer papel de menino birrento, acabou por na má figura comprometer também o pai, da porta dos cavaleiros lá galopou David até junto do «inteligente»: e sem coragem de exigir, nem sequer de pedir, perguntou lá para cima: «Hélder, quer ou não quer?». Claro, o «inteligente» já tinha dito várias vezes que não queria, farto estava David de saber que o Hélder de Araújo não queria, nem ele nem ninguém que não meça a tourada pelos metros de farpas que os touros levam no cachaço.

Você vai pensar, meu caro João Martinho, que eu sou um insatisfeito, não acho sequer razoável aquilo que a tanta gente

parece magnífico. Mas é que a vulgaridade, tal como a incompetência, para quem dá por ela, custa mais a aturar do que a preguiça. Eu não digo, seria injusto, que David Telles tenha estado mal no sonso primeiro, com esse seu toureio, agora salpicado de alegrias que lhe faltavam, até de influências mouristas que alguns reprovam e eu acho sinal de juventude, não é por aí que irá perder a dignidade. Nem vou insistir em que, para a música tocar no segundo da tarde, tanto como o desenho das sortes contaram os remates, João Palha recreando-se a tocar o testuz, é da humana natureza que o adorno seduza mais do que a substância.

Mas insatisfeito, apesar da luz do sol, e do azul do céu, tenho de ficar com uma tourada como esta de Domingo de Páscoa. em que

se ouvem palmas, e exclamações, e música, e apregoar queijadas de Sintra — e nem um olé! Nem sequer para alegrar as hostes, apareceu o António, ardina das Arábias, apregoando «Olha o Burladero! Tráz a bronca!», não trás bronca nenhuma mas o António tem o sentido de que à falta de olés é preciso que haja ao menos uma bronca. Mas no Domingo de Páscoa, no Campo Pequeno, não houve nem um olé, nem uma bronca, nem ao menos a voz do António, perguntei por ele, anda em «tournée» pelas Espanhas, ajudante de Madame Parloff e seus cães amestrados, diz que no circo está farto de ganhar dinheiro, pena não ter ainda o bastante para pagar o comboio que o há-de trazer de regresso, oxalá depressa, anunciando ao menos uma bronca qualquer.

Grupo de Campolide anuncia programa para os próximos dois anos e meio

Obras de 14 dramaturgos vão ser apresentadas pelo Grupo de Campolide até Setembro de 84 — revela o plano de actividades da companhia para os próximos dois anos e meio, agora divulgado.

A lista inclui nove autores portugueses — de Gil Vicente a Romeu Correia — e anuncia a estreia de uma peça do director da companhia, Joaquim Benite, «A Menina, o Gato e o Robot».

O programa prevê a realização de cursos de expressão dramática para crianças e jovens, no teatro da Academia Almadense e em escolas do distrito de Setúbal, autarquias e colectividades.

Exposições de trabalhos infantis, actividade pedagógica, com professores na criação de textos dramáticos, ciclos de cinema, apoio técnico e artístico a grupos de amadores, apresentação de espectáculos de música e dança e realização de co-

lôquios, são outras actividades previstas.

O grupo apresentará, na sua sede, montagens de outras companhias, profissionais e de teatro amador, e organizará a edição e distribuição de peças e textos teóricos.

O Grupo de Campolide assegura a continuação da revista trienal «Programa» e propõe-se desenvolver seminários de estudo sobre dramaturgos e encenadores.

A companhia tem em exibição até dia 26, no Teatro da Trindade, o espectáculo «Que Farei com Este Livro?» e estreará o próximo espectáculo na segunda quinzena de Maio.

Trata-se de «Cenas de Brecht», uma antologia de textos do autor alemão feita por Fernando Gusmão, que dirige o espectáculo, com os alemães federais Peter Kleinert e Peter Shrot.

Mais um êxito tecnológico Philips

Nova Philishave de acção dupla prepara o corte e barbeia mais rente



PHILIPS

O sistema de acção dupla que a PHILIPS agora apresenta torna antiquados todos os outros processos de barbear.

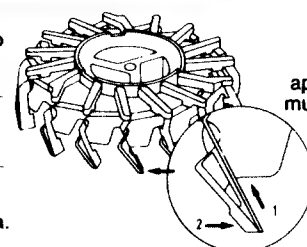
Uma obra-prima de microtecnologia

Cada elemento de corte da NOVA PHILISHAVE é constituído por duas lâminas: uma elevatória e outra cortante. A acção combinada de ambas permite barbear com micro-precisão. A lâmina elevatória puxa suavemente o pêlo e retém-no. A

lâmina cortante actua de imediato e o pêlo, cortado abaixo da superfície da pele, recolhe à posição inicial.

A lâmina elevatória puxa suavemente. A lâmina cortante, barbeia. 2000 vezes por minuto.

Três cabeças flutuantes. Cada uma com 90 ranhuras. Em cada cabeça, 15 lâminas de acção dupla. Actuando 2000 vezes por minuto! Pannel de controlo localizado na parte da frente da máquina, incluindo o ajustamento de



9 posições para barbear. Corta patilhas e bigodes. A NOVA PHILISHAVE apresenta linhas modernas de grande classe em metal e negro.

nova por fora novíssima por dentro

Philishave - a única máquina eléctrica de barbear de acção dupla

O seu filho confia em si.

Proteja-o, levando-o sempre no banco de trás.



circular e viver.



URBANIZAÇÃO TERRA BELA

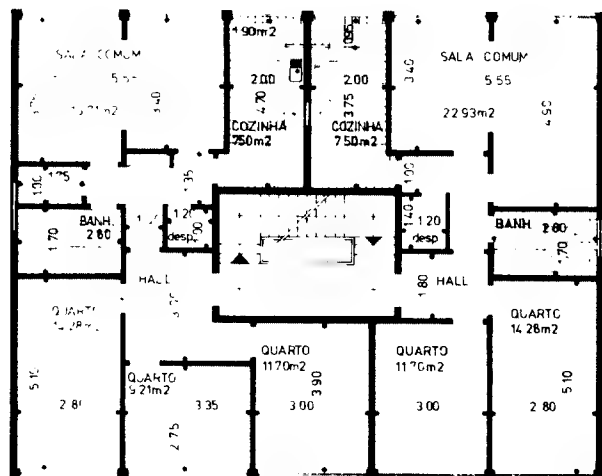
Quinta do Padre

Nabeto-Aires Palmela

Telef. 235 10 17

ANDARES DE

2 — 3 — 4 ASSOALHADAS



A 20 minutos da Ponte sobre o Tejo entre Palmela e Setúbal.

Integrado em urbanização com escolas, comércio, parque Desportivo, Salas de Espectáculo etc.

Junto da cidade, perto da praia e do campo e longe da poluição está a sua habitação.

Um empreendimento da Soc. de Construções Troiana do Sado, Lda. — Quinta do Padre Nabeto.

AIRES — Palmela

Em Coimbra vão aparecer os "Cadernos 40"

«Tudo começou, diz-nos um dos artesãos, no número 40 duma rua de Coimbra: uns fizeram uma exposição de pintura e desenho, outro leu uns poemas, outro tocou umas coisas, tudo com base em composições originais, numa perspectiva de festa». «Começámos a reunir aos sábados, banii-se o espectáculo, criou-se um ambiente propício a que, naturalmente, a rapaziada viesse dizer as suas coisas e beber um copo». Tudo começou assim mas a malta anónima do 40 não ficou por aqui. Em breve, mais concretamente no próximo dia 25 de Abril, vai sair o primeiro número dos **Cadernos do 40** — poesia, desenho, pautas musicais. Mas há mais.

A dinâmica gerada fez com que cerca de uma trintena de «deserdados das editoras» de compositores e escritores de gaveta, estejam neste momento a trabalhar nos seus poemas, nos seus trabalhos artísticos e a preparar sessões ou, o que é muito importante, a sua primeira publi-

cação. Há sessões programadas no 40 até Outubro.

Nos **Cadernos do 40**, em cada número, aparecerão três poemas — cada qual escolherá livremente os seus poemas — um autor de fora do círculo, escolhido para divulgação desenhos e uma ou outra pauta de música. Serão um espelho do que se faz no 40 (toda a gente que aí fizer sessões terá direito a publicação nos **Cadernos**). Vão custar muito pouco dinheiro (20 ou 30 escudos) e terão uma tiragem de 600 exemplares, a distribuir preferencialmente em Coimbra e nas outras academias do país. Embora não exclusivamente, a maior parte dos artesãos são estudantes universitários.

Mas artesãos porquê? «Somos artesãos porque fazemos isto com imenso prazer. E, depois, porque todo o processo está nas nossas mãos. Por isso os **Cadernos** serão auto-suficientes do ponto de vista económico. Cada Caderno é da responsabilidade do grupo de pessoas publicadas. Bate-mos à máquina os textos, paginamos, só não imprimimos.

Depois venderemos, se possível mão a mão, e em sessões que provavelmente faremos em Lisboa, no Porto e noutros locais».

Na conversa que tivemos com dois dos artesãos, que nos reclamaram o anonimato, fomos alertados para um dos pontos sensíveis no 40. Não existe ali, segundo eles, qualquer tipo de controlo, de censura. Toda a gente que aparecer poderá ler ou expor os seus trabalhos. A apreciação será o público que a fará. Neste momento apenas existe um núcleo de 6 pessoas encarregadas de programar as sessões no tempo e resolver problemas técnicos. E um dos artesãos funciona como uma espécie de banco de materiais. «A malta vem entregar originais porque vai sabendo do movimento, e eles vão circulando, mesmo enquanto tal, de mão em mão, num dossier arranjado para o efeito».

«Escolhemos o 25 de Abril para data de saída dos **Cadernos** não numa perspectiva passadista ou comemorativa mas porque entendemos que

esse foi o dia do grande desatino, da grande festa, que é preciso continuar e inventar de todas as maneiras».

Quem proclama que tudo está morto no nosso panorama cultural, que nada de novo mexe, mesmo nos sítios outrora muito vivos, tem de começar a dar atenção a estas pequenas coisas que vão surgindo.

Para já apenas se pode acrescentar (com base num furto do jornalista de algumas páginas lá impressas) que os poemas do primeiro número são da autoria de Cravo, Freire e Pedro Conchilha, a pauta de Henrique Canellas e que o poeta escolhido para divulgação é o brasileiro Sidney Moreno. Da abertura — intitulada «Do 40 with love» — retiramos: «Odiamos cordialmente os especialistas e a gataria. O que fazemos, fazemo-lo pelo prazer de o fazer. O sacrifício chegou ao 40 e ficou à porta. (...) Somos e seremos «os da mansarda». E é tão bom ser da Mansarda! É lá que o sol bate primeiro quando nasce e é dela que em último se despede. Sejam pois do sol e da mansarda».

GEFAC na RFA em véspera das Jornadas de Cultura Popular

Partiu no passado dia 15 de Abril de 1981 para uma digressão junto de emigrantes portugueses na RFA o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra.

É a terceira digressão que este organismo efectua naquele país, convidado por núcleos de emigrantes. Desta feita o convite foi endereçado pelo jornal de emigrantes «Horizonte».

Num total de oito espectáculos o GEFAC actua em Frankfurt, Darmstadt, Hamburg, Köln, Offenbach, Osnabruck, Giessen e Iserlohn com um espectáculo de danças e cantares de várias regiões do país, acompanhados de narração e slides, e ainda teatro

popular mirandês. Está previsto ainda um espectáculo gravado expressamente para a televisão alemã.

Apoiam esta digressão a Fundação Gulbenkian, DGES, Reitoria da U. Coimbra e Instituto de Emigração e ainda os Centros de Emigrantes de Osnabruck, Wetzlar, Iserlohn e a Comissão Dinamizadora Memorando. O regresso a Coimbra está previsto para o dia 30 do corrente.

Jornadas de cultura popular

Entretanto pode-se desde já anunciar que o mesmo Organismo tem em avançado estágio de organização as II Jornadas de

Cultura Popular, que decorrerão em Coimbra de 22 a 31 de Maio de 1981, este ano sob o signo da homenagem a Michel Giacometti.

Para além de vários colóquios e projecção de filmes sobre etnografia, folclore e artesanato, haverá espectáculos musicais e exposições. Saliente-se a presença dos grupos jovens Almanaque, Vai-de-Roda e Brigada Vítor Jara que se dedicam à música popular e que, pela primeira vez, se reunirão nesta jornadas para efectuar um balanço da sua actividade neste domínio e ensaiar fórmulas conjuntas de cooperação. Carlos Paredes, Fernando Alvim, Luís Cília, Vitorino e Janita serão alguns dos artis-

tas convidados bem como o Coro dos Amadores de Música e Coral Universitário de Lisboa e os grupos corais alentejanos do Redondo e Campinho.

De salientar a utilização durante as Jornadas de cinco espaços simultâneos: Edifício do Chiado, Gil Vicente, Grémio Operário, Centro Recreativo Norton de Matos e Praça Velha. Nesta última Praça, bem como no Edifício do Chiado, será montada uma exposição de artesanato, especialmente de olaria alentejana, com trabalho ao vivo dos próprios artesãos. Estarão ainda em Coimbra, no Grémio Operário, os Bonecos de Santo Alexio.

★★★★★! A MAIS ALTA CLASSIFICAÇÃO

N.Y. Daily News

ACLAMADO PELA CRÍTICA AMERICANA!

"Um dos melhores filmes do ano."

Time Mag

"Um belo filme."

Judith Crist

"Um acontecimento raro no cinema."

Rex Reed

"O desempenho de De Niro é extraordinário."

NBC-TV Today Show

"Um sucesso sem precedentes."

L.A. Times

"Desempenhos brilhantes."

Playboy

"Um filme humano sem sentimentalismos."

Esquire



ROBERT
DE NIRO

MICHAEL MORIARTY

AMIGOS PARA SEMPRE
Bang the drum slowly

realização de JOHN HANCOCK

ROMA

HOJE ÀS 15.30 H.

EASTMANCOLOR

DUPERFILME

"WOODY ALLEN vai ficar verde de inveja quando vir este filme... se não ficar a rir tanto que nem vê o écran." (Santa Monica Evening Outlook)

"Brilhante e divertido... comédia contemporânea de grande classe... bom humor... irreverência" (New York Post)



O FILME
MAIS MALUCO
DO MUNDO

realização
John Landis

KENTUCKY FRIED MOVIE

com centenas de figurantes e figurões

estudio
nucruuucruu

4.ª SEMANA

EASTMANCOLOR

INTERDITO A MENORES DE 15 ANOS

FILMES OCIDENTE

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

GERROMAIOR



FILME
DE
QUALIDADE

Um filme de Luis Filipe Rocha
baseado na obra de Manuel da Fonseca

GRANDE PRÉMIO
FESTIVAL INTERNACIONAL DA FIGUEIRA DA FOZ

seleccionado oficialmente para o FESTIVAL DE CANNES

Carlos Paulo, Clara Joana, Santos Manuel,
Rui Furtado, António Calabaco, Elsa Wallenkamp

quarteto

ESTREIA
AMANHÃ ÀS 21.30 H

EASTMANCOLOR

DUPERFILME

Canal da crítica

Mário Castrim

RTP/AD tem medo do 25 de Abril

Eu sei. Alguns leitores, mesmo concedendo-me largo crédito de sentido de justiça e até de amizade, hão-de por vezes considerar que exagero em certos rigores de julgamento e excessos de expressão — estes confesso que por vezes demasiado vernáculos e de raiz fortemente popular no sentido de que o falar quotidiano não verte a librê do fingimento nem mesmo aquela delicadeza aristocrática-literária do salão da Marquesa de Alorna.

Esses leitores pensam que a realidade da «nossa» televisão não pode ser essa. E neste «não pode» carregam a imensa dose de subjectivismo que se esconde numa honesta convicção: a de que, ao nível da TV, seria um escândalo se o 25 de Abril fosse tão violentado assim como eu digo.

Tratar-se-á na maioria dos casos de leitores que da TV espreitam a superfície mais, digamos, mais amável: a telenovela, os documentários sobre a vida animal, os Marretas, as transmissões de futebol, um ou outro filme. Só que eu sou um telespectador profissional. Eu vejo tudo. E quando vem o hino e a bandeira, não vou dormir nem esquecer vou atravessar a noite

reverendo, rememorando, a sofrer e a escrever. Agoniado mas de mão firme como qualquer cirurgião que se preze.

Tenho esperança de que alguns desses leitores críticos hajam assistido ontem ao **Telejornal** e ao boletim das **últimas notícias** — e convém sublinhar o reaparecimento desta rubrica, por acaso agora, depois de tanto tempo de silêncio, que nem sequer foi para obras pois a porcaria é a mesma.

Neste boletimzeco o veneno foi de caras e assumiu carácter de autêntica provocação. Assim soubemos que «o Governo vai comemorar o 25 de Abril» com diversas obras e iniciativas concretas tendentes a contribuir «para maior justiça e estabilização da sociedade portuguesa».

Quanto ao comício popular de 25 de Abril (até hoje perfeitamente ignorado na televisão...) anunciaram que algumas personalidades, estão em desacordo não sei que alguns socialistas, não sei que um rabaças...

Quer dizer: por um lado, sublinham os dados susceptíveis de criar polémica no campo democrático; por outro, reforçam a ideia de que as verdadeiras comemorações do 25 de Abril são as do Governo AD!!! Primeiro, a

habilidade saloia; depois a parádia, perdão a paródia.

Neste aspecto, o **Telejornal** de ontem perdeu toda a decência (mesmo aparente, caramba!) de uma informação de Estado, para abertamente se assumir como um órgão de coligação no poder.

Primeiro, foi a reportagem sobre o projecto da revisão constitucional daquela coligação com depoimentos cómicos do Balsemão («um monumento histórico para o país...») do Freitas e do Teles. Depois doutro interlúdio cómico com o repórter de serviço na Luz, o PSD voltou descaradamente em cheio.

D. Helena Roseta anunciou a Lisboa, ao País, ao mundo que brigadas do PSD iam constituir-se para limpar das paredes todas as inscrições contra Sá Carneiro porque, entre outras razões, «também atingem o Governo».

Nitido: aquele partido e o Governo querem provocar tensões a partir de dados emocionais, com o fim de criar uma segunda frente ao descontentamento popular face às medidas económicas tomadas nos últimos tempos e que estão minando as bases eleitorais do Governo.

Por outro lado, não se demonstrou a legitimidade da AD

para proceder àquela operação. Quanto à sua exequibilidade, nem é bom falar. Não sei se há no mercado detergente em quantidade bastante para a tarefa proposta. Mesmo que haja e mesmo que acrisoladamente os militantes do PSD limpem das paredes os ataques a Sá Carneiro, a verdade é que das folhas da História não conseguirão apagá-los. Da História mais recente, claro, porque daqui a uns anos o esquecimento se encarregará de resolver a contenda.

A seguir, no **Telejornal** foi o «baile» governamental. Não sei que Viana Baptista, não sei que Fernando Amaral, não sei que o ministro da Defesa não sei que o ministro não sei de quê. Faziam isto, iam fazer aquilo, o ministro Barbosa, das Obras Públicas, garantiu que «o Governo responderá com cimento armado».

Barbosa gosta de armar. Tinha feito um centro aqui, outro centro ali... Confessa que não serão grandes empreendimentos, mas para as povoações locais são importantes, género do discurso do Thomaz na inauguração da ponte da Murtosa.

Olha lá, homem. Eu tinha um quarto problemas de infiltração e mandei isolar o tecto. Este empreendimento ocorreu na vigência de seu governo e o senhor esqueceu-se de o mencionar. Ingrato!

Assim é a informação na RTP/1. Agora digam: exagero?

Hoje



Na RTP-1, termina esta noite, a exibição da série «A Família Buddenbrook»



- 18.19 Tempo dos mais novos — Com «A Ilha do Tesouro»
- 18.45 País, País — Informação regional
- 19.10 Rês pública — Dedicado a Freixo de Espada à Cinta
- 19.30 Telenovela — «Água Viva» episódio n.º 44
- 20.30 Telejornal
- 21.00 Direito de Antena «UEDS»
- 21.05 O Tempo
- 21.15 A Família Buddenbrook — X (11.º e último episódio) — Intérpretes: Reinhild Solf, Volkert Kraeft, Gerd Bockman, Noel Chatelet. Realizador: Franz Peter Wirth
- 22.20 Bancada de topo



- 21.00 Animação/2 — «Aventuras de Tom e Jerry».
- 21.30 Harold Loyd — Mais uma aventura do grande cómico Harold Loyd
- 22.00 Cribb — Mais um episódio da série já nossa conhecida e que nos conta as aventuras do inspector Cribb. — Intérpretes: Alan Dobie, David Waller, William Simons

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!

RTP-1
A Família Buddenbrook (21.15)

RTP-2
Cribb (22.00)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã



Das 13.20 às 18.15: Ciclo Preparatório TV; 18.20: Tempo dos mais novos; 18.45: País, País; 19.10: Repensar a escola; 19.30: «Água Viva»; 20.30: Ópera «Aida»; 21.15: Telejornal; 23.30: Últimas Notícias.



20.30: Informação/2; 21.00: Ilusão cénica; 21.30: Espaço rock; 22.00: Studs I omiggn — 1.º episódio

GRUPO DE CAMPOLIDE

«QUE FAREI COM ESTE LIVRO»

de J. Saramago enc. de J. Benite

No teatro da **TRINDADE** de 14 a 26 Abril

Tel: 325200 Sub-Sec-CMA

MATERIAL MERCEDES?

SALVAPEÇAS — Vende-lho novo de origem a preços sem concorrência.
Enviamos para a província e nomeamos Agentes.
Também temos vasto stok usado.
Rua de S. Bento, 344-346 1200 Lisboa Telf. 602327

Retrospectiva René Allio

Teatro Municipal de S. Luiz
Dia 23 de Abril às 21.30 horas
RUDE JOURNÉE POUR LA REINE
Versão original sem legendas
Classificação: Interdito a menores de 18 anos
Preço dos bilhetes 30\$00

Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural em colaboração com os Serviços Culturais da Embaixada de França



TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO
ANÚNCIO
2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens móveis, dados em penhor pelos Réus JOSÉ VALADAS, residente na Rua das Ferrarias, 140, em Amarela, Comarca de MOURA; FRANCISCO MANUEL HONRADO VALADAS, residente nas construções do Alto da Fontainha — Porto Alto — Samora Correia, comarca de Benavente e ANTÓNIO VALADAS PEREIRA, residente no Seixal, no centro de formação profissional, na Cruz de Pau, a favor do Autor Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P., como parte de garantia do financiamento de 838.000\$00, que lhes foi concedida sob a forma da prestação nos autos de Acção Especial de Venda de Penhor, nos quais correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, para no prazo de 10 dias, findos o dos éditos, reclamarem o pagamento dos respectivos créditos.
Lisboa, 7 de Abril de 1981

O Juiz de Direito
a) António Manuel Pereira
O Escrivão,
a) António Paulos Esteves Rei

POUPE ELECTRICIDADE

Direcção Geral de Energia
Campanha de poupança de energia

JOSÉ MÁRIO BRANCO

uma produção
TEATRO DO MUNDO
no TEATRO ABERTO
tel. 77 09 69 sub. scr

'SER SOLIDÁRIO'

TERMINA 30 ABRIL
LOTAÇÕES ESGOTADAS

todos os dias às 21.30 h.
domingos às 19.00 h.
folga segunda-feira

ATENÇÃO: P'RA SEMANA «DEIXO'S POISAR»
TODOS OS DIAS DE 2.ª A SÁBADO

FINALMENTE... o CAFE-TEATRO da COMUNA

*DEIXO'S POISAR***

lotações esgotadas * um espectáculo... diferente *
*MUSICA AMBIENTE * DANÇA * UM ESPAÇO NOVO DE CONVÍVIO *
SERVIÇO BAR-RESTAURANTE A PARTIR DAS 20H * MARCAÇÕES TEL 76 26 24 3.º MÊS

IX ANIVERSÁRIO DA COMUNA — 1972/1981

NA SEMANA DE 27 ABRIL/2 DE MAIO O ESPECTÁCULO «DEIXO'S POISAR» E APRESENTADO DIARIAMENTE ÀS 22 HORAS — BILHETES À VENDA



ORGANIZAMOS PARA SERVIR MELHOR

mises • brushing
permanentes
cores • meches

massagens
sauna
maquilhagem

manicuras
pedicuras
depilações

PR. MARQUÊS DE POMBAL - 1 — LISBOA

ROTEIRO CULTURAL

Cinema

«Vidas Tenebrosas», de Joseph von Sternberg e «Viver para Viver», de Claude Lelouch, no AR. CO. «Vidas Tenebrosas», unanimemente considerado como um dos melhores clássicos do filme «negro» e obra de um dos maiores cineastas de sempre, será exibido, pelas 21,45 horas de hoje, no Centro de Arte e Comunicação Visual - AR.CO. Amanhã e sábado, à mesma hora e no mesmo local, «Viver para Viver», uma película de Claude Lelouch, galardoado com o Grande Prémio do Cinema Francês e Globo de Ouro da Associação de Imprensa de Hollywood.

«O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro - António das Mortes» é o filme a exibir hoje, pelas 21,30, na Cinemateca Portuguesa, no quadro de uma «Kynoperzpektiva/81», dedicada a um dos realizadores mais significativos do cinema actual - Glauber Rocha.

«Des Morts», de Thierry Zeno, «Borinage», de Henri Storck e Joris Ivens, e «De Witte», de Robbe de Hert, são os filmes a exibir durante

o dia de hoje na Biblioteca Nacional, no âmbito de uma Semana do Cinema Belga, organizado pela Cooperativa «Viver». «Des Morts» está programado para as 18,30; «Borinage» e «De Witte» para as 21,30.

«Trás-os-Montes» no CNC. Filmes de reportagem sobre o percurso transmontano organizado pelo Centro Nacional de Cultura no Verão passado, serão exibidos hoje, às 21,30, na sede do CNC. Na mesma ocasião, António, um artista popular de Padornelos exporá os objectos de madeira, osso e crina que produz.

«Yanks», de John Schlesinger, com Vanessa Redgrave como principal protagonista, desfilará hoje (17,30) e amanhã (15,00) na tela do Instituto Britânico de Lisboa.

«O Grande Concerto», de Artur Maria Rabenalt, é o filme alemão a exibir hoje e amanhã, às 18,30, no Instituto Alemão de Lisboa.

«A Última Valsa», de Martin Scorsese passa hoje, às 18,15, no écran do Cine-Clube Chaplin, de Leça da Palmeira.

«Livres, meu amor» (Libera, amore mio), de Mauro Bolognini estará hoje, às



«Que farei com este livro?» esgota lotações no Teatro da Trindade

21,30, na Casa da Cultura de Mosca. Trata-se de uma iniciativa da Frente Cultural Popular, integrada no ciclo «Veja Cinema Português».

«Livres, meu amor» (Libera, amore mio), de Mauro Bolognini estará hoje, às 18,30, na tela do S. Luís. Uma iniciativa do Cine Clube de Lisboa integrada no ciclo «Para ver (o) cinema com outros olhos».

Música

A sessão de música pelo Quinteto de Sopros da Costa do Estoril (Recital de música portuguesa e brasileira), anunciada para hoje, às 18,30, no auditório da Sociedade Portuguesa dos

Autores, foi adiada para o próximo dia 14 de Maio, no mesmo local e à mesma hora.

Realiza-se hoje, pelas 18,30, no Museu Nacional de Arte Antiga, um recital da pianista jugoslava Smilja Isakovic, que interpretará obras de Bach, Mozart, Beethoven, Tajcevic, Despic e Chaczaturian.

O Coral Acra e o Grupo Coral do CCD do Banco Borges & Irmão realizam hoje, às 19 horas, na Igreja de S. Domingos um concerto coral, integrado no plano de concertos para o mês de Abril da Associação de Coros Amadores da Área de Lisboa.

A «Escolania Loyola de Pamplona» realiza hoje, às

21,30, na Capela da Universidade de Coimbra um concerto coral, dirigido por Javier Sagues.

Concerto Espiritual pela «Schola» do Instituto Gregoriano de Lisboa. Promovido pelo Instituto Gregoriano de Lisboa realiza-se hoje, às 21,30, na Igreja de S. João de Deus, um Concerto Espiritual pela «Schola» daquele Instituto.

Poesia

Com o tema «Labyrintus - vias e vozes da poesia portuguesa», o poeta Casimiro de Brito fará hoje, às 18,30 na Sociedade de Língua Portuguesa, uma conferência integrada no ciclo de poesia portuguesa da Sociedade Portuguesa dos Autores.

Teatro

Hoje e amanhã, às 15 e 16,15, a Companhia do Teatro Experimental do Porto vai apresentar no Salão da Cooperativa de Ramalde a peça infantil «O Circo Fantasia ou o Palhaço Teimoso», da autoria de Gualberto Gonçalves da Silva, numa encenação de José Cayolla.

«Que Farei com este livro?» - lotação esgotada. Afluência das pessoas ao Teatro da Trindade, em Lis-

boa, para verem a peça «Que farei com este livro?» que o Teatro de Campolide trouxe de Almada, é de tal ordem que a lotação já está esgotada no que respeita ao dia de hoje.

Exposições

É hoje inaugurada, às 21,30 na Sala do 1.º andar da Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição do artista Pedro Chorrão.

Terá lugar hoje, pelas 18 horas, nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian, a inauguração da exposição «Desenhos da Década Pluralista - Arte dos anos 70», tema da Bienal de Veneza de 1980, exposição de desenhos que representam diferentes formas de expressão artística de desenhadores, pintores, escultores e arquitectos norte-americanos, bem como de artistas dançarinos, compositores do campo audiovisual e da arte gestual

Abre hoje ao público, na Rua das Janelas Verdes, 32 pelas 21 e 30, uma exposição conjunta de escultura, pintura e desenho de António Paiva e José Anahory

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	51385	56385	
ALEMANHA FED. (marco)	26350	27350	
AUSTRIA (xelim)	3365	3365	
BELGICA (franco)	13556	13556	
BRASIL (cruzeiro)	3662	3912	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	48505	50505	
(notas de 5 a 1000)	48555	50550	
DINAMARCA (coroa)	840	850	
ESPAÑA (peseta)	8622	7722	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	57540	59540	
(notas de 5 a 1000)	57590	59590	
FINLÂNDIA (marka)	13385	14345	
FRANÇA (franco)	11320	11380	
HOLANDA (florim)	23385	24385	
INGLATERRA (libra)	125395	129395	
IRLÂNDIA (libra)	97320	101320	
ITALIA (lira)	5048	5058	
JAPÃO (iene)	241	271	
NORUEGA (coroa)	10550	11500	
SUECIA (coroa)	12320	12380	
SUIÇA (franco)	29610	30320	
VENEZUELA (bolivar)	11335	12335	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR **UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO**
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem - cinema; 17.00: Ciclo musical; 18.00: Formas de energia; 18.45: RDP-regiões; 19.00: Repensar a escola, programa do MEC; 20.00: Encontro dos outros vêm TV - jazz; 21.00: «O Marquês de Villemor», de George Sand - livre e directo; 00.00: Disco tempo; 02.00: Madrugada na RDP-Centro.

Programa 2

16.00: Intercâmbio musical; 16.35: Música de vanguarda; 17.20: Música sinfónica; 18.10: Música de câmara; 19.00: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20.00: O maestro Karel Anger; 21.30: Música de piano; 22.00: Conjuntos instrumentais; 22.40: Música de todos os quadrantes.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

17.03: TNT (todos no TOP); 18.00: SH - Jornal; 18.08: Hora de ponta; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Diversos; 21.03: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.20: Mensagens bíblicas; 22.35: Diálogo; 22.40: Desporto; 23.00: SH - Jornal; 23.08: 24.ª hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em Stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls Rock; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café Concerto; 23.00: SH - Jornal

Rádio Renascença

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da Mulher; 18.15: Igreja em Notícia; 18.25: Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida (Curso de Cultura Religiosa); 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Meta final; 22.50: Curso de inglês - BBC; 23.00: Flash informativo; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de Abertura; 23.55: Meditando; 24.00: Grande entrevista.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 011

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS

- Cordões grossos de ouro.
- Vaguear. Proceder.
- Peso grego correspondente a 1500 gramas. Vociferar.
- Antigo Testamento. Título do soberano da Tunísia. Possuir.
- Rainha da Sérvia, assassinada em Belgrado em 1903. Conduzir para cá.
- Ribeira de Portugal. Prefixo que designa ar.
- Arriocsa.
- Agora. Três das cinco letras que compõem o nome da região montanhosa da antiga Grécia, ao S. da Macedónia. Preposição.
- Relativo à iris. Nata.
- O mesmo que areta. Naípe das cartas de jogar.
- Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Língua do grupo nigero-chadiano, falada nas duas margens do Lagoaso de Musgum.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8971

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS

- Termina. Mencionar um texto, facto, como exemplo.
- Limpe com água. Feiticeiro.
- Gemera. Colocarás.
- Pelos de certos animais. Pronome pessoal.
- Nesse lugar. Pessoa impertinente, pegadiza. Nota musical.
- Passada.
- Amanhã (ant.) Zombam.
- Pronome relativo. Vazios.
- Cantão da Suíça. Antepassado. Sufixo que designa abundância.
- Vagueiras. Rede de arrastar.
- Sacerdote muçulmano. Limpar com areia.

VERTICAIS

- Também não. Preposição. Naípe das cartas de jogar.
- Sair frequentemente à rua. Enganas.
- Agradecidas. Camareiras.
- Chefe etíope. Distrito da ex-Índia Portuguesa. Prendo.
- Caminhar. Limpeza (pop).
- Pronome pessoal. Abreviatura que se usa em música.
- Tempo do verbo haver. Forma de letra também conhecida por grito.
- Organização das Nações Unidas. Mãe de Romulo e Remo. Alcool de melação.
- Editorar. Cerume.
- Rio de Portugal. Colocamos.
- Tempo do verbo ser. Móvel sobre o qual se come.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 010

HORIZONTAIS:

- QUEM. SABE.
- Uri. DAR. Mac.
- Erada. Açana.
- Ra.
- Ovo. Fia. Aue.
- Agar. SABA.
- Olivado.
- Op. la. Só. Se.
- Musa. Real.
- Alava. Carga.
- Rolar. Croas.

VERTICAIS:

- Quero. TOMAR
- Urrava. Pulo.
- Eial. Ogó. Sal.
- Dó. Aliava.
- Dá. Fria. Ar.
- Já. Bi.
- Ra. Ases. CC.
- Co. Adorar.
- Am. Abo. Ero.
- Bangué. Sago.
- Eca. Velas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8970

HORIZONTAIS:

- Nadar. Papão.
- Amas. Bani.
- Tam. Mão. La.
- Aramariamos.
- Sor. Rua.
- Re. Arrá.
- Gane. Aedo.
- Ale. Ama. Sal.
- Ra. Traça. Ga.
- Riria. Am. Ai.
- Assa. Essa.

VERTICAIS:

- Natal. Garra.
- Amor. Calais.
- Damas. Ne. Rs.
- As. More. Tia.
- Maré. Ura.
- Bar. Ema.
- Ora. Aca.
- Ab. Aura. Ame.
- Palmares.
- Anão. Adagas.
- Io. SS. Olaia.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 715 exs.

Provérbio: QUEM SABE DAR SABE TOMAR

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado, o vento era moderado de Norte e chovia em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR às 9 horas

Viana do Castelo	12°
Bragança	9°
Vila Real	11°
Porto	11°
P. Douradas	0°
Coimbra	12°
C. Carvoeiro	13°
Portalegre	6°
Lisboa	11°
Évora	8°
Sines	-
Beja	9°
Sagres	13°
Faro	12°
P. Delgada	13°
Funchal	14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.19 3,6 m	11.49 1,2 m
«8.32 3,6 m	24.11 1,2 m
Dia 24	
6.51 3,4 m	12.25 1,4 m
19.06 3,5 m	24.51 1,4 m
Dia 25	
7.29 3,3 m	
19.47 3,3 m	13.07 1,6 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado nas regiões Norte e muito nublado nas do Centro e Sul, onde há possibilidades de aguaceiros; vento fraco a moderado de Norte.

AMANHÃ

NASCE ÀS 6.49

OCASO ÀS 20.22

DIA 27 DIA 4 DIA 10 DIA 19

famílias

Lisboa

PERMANENTE
PEREIRA SUC. - Rua Paraiso, 98-100 (Tel. 853224); **SANTO AMARO** - Rua Filinto Elísio, 29-AB (Tel. 637070); **AVIS** - Av. de Roma, 56-BC (Tel. 866370); **BOM SUCESSO** - Rua Bartolomeu Dias, 63-A (Tel. 611454); **NOVA** - Rua de Campolide, 297-C (Tel. 667475); **MORGADO LOURENÇO** - Lg. D. Estefânia, 4-5 (Tel. 554808); **ANDRADE RIBEIRO** - Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971); **FERNANDES BORGES** - Rua D. Aleixo Corte Real, Lt. 388 - Cruz. c/ Rua Cidade Bolama (Tel. 311091); **HIGIENICA** - Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361); **SÃO MAMEDE** - Rua Escola Politécnica, 82-B (Tel. 660280); **ALMEIDA NIFO** - Av. Comb. Grande Guerra, 64 (Tel. 2112070); **LEITÃO** - Rua Guil. Gomes Fernandes, 62 (Tel. 910051); **CRUZ CORREIA** - Est. Santo Elói, 41-A (Tel. 992453).

REFORÇO

PAÍS - Rua Abade Faria, 22-A (Tel. 883965); **BRISALIA** - Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (Tel. 882368); **FATIMA** - Av. 5 de Outubro, 147-A (Tel. 763107); **SIRIUS** - Rua Fialho de Almeida, 38-A (Tel. 44000); **BARRAL** - Rua Augusta, 225 (Tel. 361534); **REBOCHO** - Rua Ten. - Cor. Ribeiro Reis, 12 (Tel. 743671); **PINHEIRO** - Rua Campo de Ourique, 133 (Tel. 686640); **ALAMEDA** - Alm. Linhas Torres, 201-B (Tel. 790942); **MARLUZ** - Cof. da Picheleira, 140-BC - Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **FONTOURA CARVALHO** - Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075); **CONCEIÇÃO** - Cç. D. Gastão, 30-32 (Tel. 361279); **COUREIA** - Est. Principal, Lt. 172 (Tel. 993148); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro, 6-A (Tel. 970660); **NOVA** - Rua Açores, 11-A (Tel. 910305); **MATOS** - Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (Tel. 251939).

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c (Tel. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHÉ** - Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (Tel. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos, R. D. Firmino Reb. (Tel. 2421015). Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central, R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Até às 22 horas; **CARCAVELOS** - Vilar, Av. M. Conceição, Lote 8 (Tel. 2470777). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - Luz, Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034). Até às 24 horas; **OEIRAS** - Mourão Vaz, Av. Mocambique, 18-C (Tel. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal, Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (Tel. 2478737). Das 24 às 9 horas; **PARADE** - Alair, Av. Gago Coutinho, B. Caixas Previdência (Tel. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueira Mendes, Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira, (Tel. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** - Suíça, Cruzeiro (Tel. 260087). Até às 21 horas; **CASCAIS** - Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141). Até às 21 horas, Cascais, R. Conde Monte Real - B. Caixas (Tel. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Outra Banda

ALMADA - Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º Piso E (Tel. 2768030); **COVA DA PIEDADE** - Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182); **LARANJEIRO** - Oliveira Sérgio, Alamos, 2-A (Tel. 2296464); **COSTA DA CAPARICA** - Chai, Av. General Humberto Delgado, 7 (Tel. 2403218); **SESIMBRA** - Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO** - Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2073035); **AMORA** - Nobre Guerreiro, R. dr. Amândio G. Mendes, 31-A (Tel. 2212923); **SEIXAL** - Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTIJO** - Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370); **MOITA** - Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** - Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137). **SETÚBAL** - Alice, P. do Quebedo, 6 (T. 23743); **Soromenho**, P. Machado Santos, 24 (T. 22691).

Linha de Sintra

AMADORA - Helena, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613). Permanente; **Girasol**, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 971121). Até às 22 horas; **DAMIA** - Confiança, R. D. Maria II, Lote D (Tel. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ** - Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841); **CAMARATE** - Nova da Charneca, R. Cid. Lisboa, 94 (Tel. 2518726); **CACÉM** - Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel. 2940781); **MEM MARTINS** - Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 172 (Tel. 2914103); **MERCES** - Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275). Das 9 às 13 e 15 às 21 horas; **RIO DE MOURA** - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA** - Gomes da Silva, (Portela). Permanente; **COLARES** - Abreja, (Tel. 299088).

MOSCAVIDE - Pedro Gomes, Permanente; **SACAVEM** - Lourenço, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas.

Porto

ATÉ ÀS 22 HORAS

NAU VITÓRIA, R. Nau Vitória, 723; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960; **ANTAS**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **ANTIGA PORTA DO LIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122; **FERREIRA**, P. D. Afonso V, 55-B; **LOUSADA**, R. do Campo Lindo, 52; **CARNEIRO BARBOSA**, R. Firmeza, 99-A.

PERMANENTE

ALVES DA SILVA, Av. da Boavista, 1016; **AZEVEDO**, R. de Azevedo, 136; **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61.

Colmbra

ATÉ ÀS 22 HORAS

RAINHA SANTA, R. Figueira da Foz, 11-B.

PERMANENTE

BAPTISTA, P. da República, 9-10.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
 Às 14.30-16.30-18.30 e 23.45 h.
 Não ac. m. 13 anos
COM JEITO VAL... NA FARRAI
 c/ Elke Sommer
SALA B
 Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45
RACING BULL - O touro enraivecido
 com Roberto Dentre
 Não acons. men. 18 anos

ALVALADE 897460

Av. de Roma Para todos
 às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
 O fabuloso musical da Páscoa
O FEITICEIRO DE OZ
 Com Judy Garland

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
 Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
 San J. Jones, Melody Anderson, Ornella Muti
FLASH GORDON
 acons. men. 13 anos
 Um filme de Mike Hodges
 Não acons. men. 13 anos
 4.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque Dávila, 45
 Às 14.45, 17, 19, e 21.30 h.
 maiores 6 anos
O HOMEM ARANHA CONTRA O DRAGÃO
 Com: Nicholas Hammond e Ellen Ery

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE VULGAR
 Com Donald Sutherland, Mary Tyler
 Não acons. men. 13 anos
 Um filme de Robert Redford
 Technicolor
 4.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
 14.00, 16.00, 19.00, e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
ALICE NO PAÍS DAS FADAS
 3.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 Não ac. m. 13 anos
 uma comédia divertidíssima
COMO NOS VELHOS TEMPOS...
 com Cevy Chase, Goldie Hawn,
 3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
UM AMOR EM COMPETIÇÃO
 2.ª semana
 Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.
O IMPLACÁVEL
 c/ Burt Reynolds

CINEBOLSO 573407

12.30-14.30-16.45-19.00-21.30
ORGAS DA ADOLESCÊNCIA
 Int. m. 18 anos - Pornográfico-Hardcore
 Às 24 h - Int. men. 13 anos
DUAS MULHERES EM NOVA IORQUE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 Não acons. men. 18 anos
O TAMBOR
 Um dos espetáculos mais surpreendentes
 que o cinema jamais nos ofereceu.
 Um filme de Volker Schlöndorff
 Com: David Bennent, Mário Adorf
 e Charles Aznavour
 3.ª Semana
 Às 00.15h. Int. 18 anos
MANDINGO II A REVOLTA DOS ESCRAVOS DO SUL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
 Às 14.15-16.30-21.30 h.
 Não ac. men. 13 anos
OS SETE INDOMÁVEIS CAVALEIROS

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 Interd. men. 13 anos
 A história sensual dum amor puro
A LAGOA AZUL
 Com Brooke Shields e Christopher Atkins
 Às 23.45 Grupo 3
JUSTIÇA DE JESSE JAMES

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Aigós
 Às 15.30, 18.30 e 21.30

D. JOÃO V 971794

Pr. Centro Comercial - Damais
 Às 21.30 h
 Int. men. 18 anos
A JOVEM ASSASSINADA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
 Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
 Steve Wallach, Eli Wallach
 e Kathryn Harrold
CAÇA AO HOMEM
 Um filme de Buzz Kulik
 METROCOLOR
 2.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 Interd. men. 13 anos
O FILME MAIS MALUCO DO MUNDO
 4.ª Semana
 Sábado e domingo às 15, 17, 19 e 21.30

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 Não acons. men. 18 anos
 Um dos espetáculos mais surpreendentes
 que o cinema nos ofereceu!
O TAMBOR
 3.ª semana
 C/ David Bennent, Mário Adorf
 e Kathryn Winkler

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
 Às 15.15 e 21.30
 Para todos
O EXTRAVAGANTE DOUTOR DOLITTLE

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
 Às 15.15, 18.30 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
 Ainda mais (muito mais) espectacular
 que o primeiro
SUPERMAN N.º 2
 A aventura continua
 4.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
 Às 14, 16.30 19 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
 Colorado
O ÚLTIMO METRO
 O novo filme de François Truffaut
 2.ª Semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
 Som: Dolby Steree
 3 sessões: 15.15, 18.15 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
 Um filme de Dino de Laurentiis
FLASH GORDON
 Sam J. Jones, Melody Anderson
 e Ornella Muti
 3.ª semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
A PROVA DO PECADO - SUHAAG -
 Um filme de Manmohan Desai
 com Amitabh Bachchan
 Shashi Kapoor
 Parveen Babi
 Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
 Yves Montand, Michel Etcheverry,
 Jacqueline Staup
O SORRISO DO ASSASSINO
 2.ª Semana

NIMAS 574382

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
 Não acons. men. 18 anos
 A mais expressiva obra do mestre
 Alberto Lattuada
FRANCESCA
 Um amor impossível
 O filme terá início logo após
 o começo das sessões

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20
 Estreia às 21.30 h
 (Interd. a men. de 13 anos)
O REGRESSO DO ZORRO
 O herói mais apreciado!
 Às 15.15 h.
 Não acons. men. 13 anos
DESTINO FATAL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
 Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
A GRANDE BARRACA
 c/ Darren McGaven, Silvia Miles
 e Joan Collins
 Colorado

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30h
 (M. de 6 anos)
 A Super Produção com
 "O Spider Man":
O HOMEM ARANHA CONTRA O DRAGÃO
 2.ª Semana de exibição

QUARTETO 771378

R. Flores Lima, 16
 Sala 1 às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
 - N. ac. men. 13 a.
LUTA PELA VIDA
 de Salvajit Rav
 Filme de qualidade
 Sala 2 às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
 - M. 18 a.
KILAS, O MAU DA FITA
 de José Fonseca e Costa
 Filme de qualidade
 Sala 3 às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
 - N. ac. men. 13 a.
AGORA É A MINHA VEZ
 de Claudia Wei
 Sala 4 às 14.30, 16.45, 19, 21.30
 e 23.30 - M. 18 a.
O TRIO DO AMOR
 de Paul Mazursky

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
 Às 15.30 e 21.30 horas
 Não acons. men. 18 anos
ALIEN VOLTA A ATACAR

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Para todos
JUVENITUDE DE UMA RAINHA
 O mais belo espectáculo da Páscoa

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
 Às 15.15, 18.15 e 21.30
 Não acons. men. 18 anos
 "Oscars" para melhor actor e melhor mon.
 tagem
 6.ª Semana
RAGING BULL
 de Martins Scorsese com Roberto Niro
 As sessões iniciam-se com o filme

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
 Às 15-17-19 e 21.30 h.
 Para todos
O GAROTO DE CHARLOT

STAR 804210

3.ª Semana
 Em complemento **OS OCIOSOS**
 de Charles Chaplin

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

STAR 804210

teatros

Lisboa

VARIEDADES - «Há Petróleo no Beato» - Às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL - «A Gravata» - 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «O Patego Olha o Balão» - 20.30 e 22.45 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO - «Não se Paga! Não se Paga!» - 21.30 (13 anos)
LAURA ALVES - «Chega Para Todos» - 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Que Farei com Este Livro?» - 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «O Judeu» - Às 21.15 (13 anos)
Café Teatro da Comunidade - «Deixos Poisar», às 22.00 (13 anos)

Outros Espectáculos

CONDES - «A Guerra dos Abismos» - 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «O Mundo Puro de Duas Irmãs», sessões permanentes (18 anos)
CINEARTE - «Holocausto Canibal», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Tommy», às 21.30 (18 anos)
LUMIAR - «Uma

Procuradoria-Geral da República "sem tecto"

Ardeu piso superior do Palácio Palmela

• FP-25 dizem que "puseram" o fogo

Um violento incêndio destruiu, na noite passada, o piso superior do Palácio Palmela, em Lisboa, para o qual tinham sido recentemente transferidos os serviços da Procuradoria-Geral da República. Os dois pisos inferiores foram pouco ou nada afectados.

A hipótese de fogo posto, sugerida por populares que referiam a audição de três explosões imediatamente antes da eclosão das chamas, estava esta manhã a ser investigada pela Polícia Judiciária que ainda se encontra na fase de recolha de elementos.

As chamas e a água utilizada pelos bombeiros determinaram a destruição da maior biblioteca jurídica existente entre nós e que se encontrava incluída no gabinete de Direito Comparado. No conjunto, os prejuízos são superiores a cem mil contos.

O incêndio foi detectado pouco depois das 21 horas da noite passada e os bombeiros foram chamados a intervir pouco antes das 21 e 30. Dificuldades de acesso às traseiras do Palácio, dada a pouca largura da porta do lado da Rua da Escola Politécnica, terão determinado uma maior extensão dos prejuízos.

Duas horas depois do começo do combate ao fogo, já tinha sido possível circunscrever-lo ao andar superior. No local compareceram várias unidades do Batalhão de Sapadores Bombeiros que utilizaram três escadas "Magirus" e uma grua especial.

As explosões referidas por testemunhas presenciais poderão ser o resultado da deflagração de botijas de gás que se encontravam junto à caixa do elevador, em cuja instalação tinham ontem trabalhado vários operários.

As dificuldades de acesso dos bombeiros à traseira do palácio poderão ter contribuído para triplicar os prejuízos, de acordo com afirmações feitas por um elemento das corporações de bombeiros que participaram no combate ao sinistro. Mas uma agulheta-canhão que cerca de uma hora depois foi ali instalada também teve de enfrentar dificuldades resultantes da falta de pressão da água.

Procuradoria volta ao princípio

"Os serviços terão de voltar às antigas instalações na Praça do Comércio" — declarou no local o Procurador-Geral da República, conselheiro Arala Chaves, que cerca das 21 e 30 compareceu na Rua da Escola Politécnica.

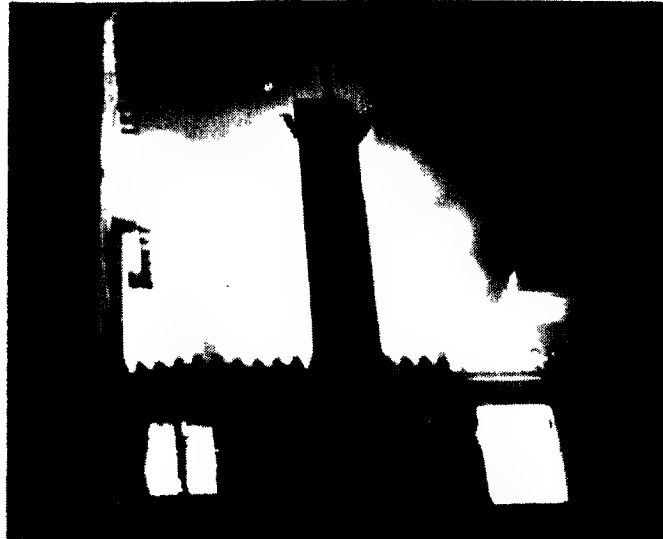
O maior prejuízo, no entender de Arala Chaves, resultou da destruição "irreparável" do Gabinete de Direito

Comparado. «Não acredito que se trate de um acto criminoso» — afirma ainda.

A mudança dos serviços da Procuradoria-Geral da República acabara de ser feita, ontem mesmo,

1822, pelo primeiro conde da Póvoa, cuja filha casou com o segundo duque de Palmela.

Mais tarde, já nos nossos dias, posto à venda pelos descendentes da família Palmela, o palácio esteve



As violentas chamas eclodiram no piso superior

da Praça do Comércio para o Palácio Palmela, na Rua da Escola Politécnica, ao Rato. Por seu turno, os trabalhos de reconstrução da capela do palácio, a cargo do Instituto José Figueiredo, tinham sido terminados ontem.

No último andar do edifício encontram-se instalados, além do Gabinete de Direito Comparado, os gabinetes dos directores-gerais adjuntos e a Secretaria do Conselho Consultivo do Ministério Público. A capela também ficou completamente destruída.

Nos primeiro e segundo andares, os danos registados resultaram da água utilizada pelos bombeiros. Aí se encontram instalados o Salão Nobre e o repositório do recheio da Biblioteca do Procurador-Geral.

No local também compareceu o ministro da Justiça que anunciou o imediato restauro do palácio, certamente demorado, pois será necessário recompor valiosos murais.

O regresso dos Serviços da Procuradoria à Praça do Comércio será acompanhada pela necessidade de reconstituir processos que foram destruídos pelo fogo.

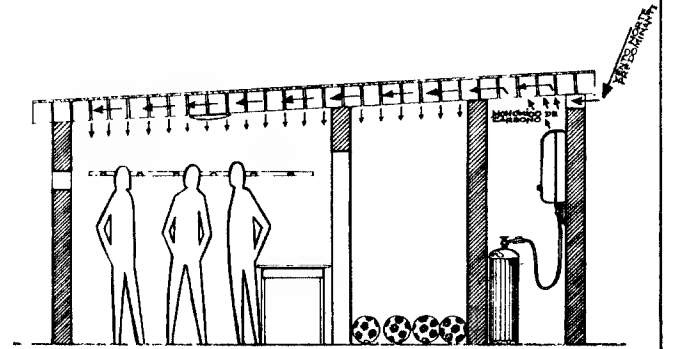
O Palácio Palmela fora adquirido, pelo Estado, por 82 mil contos que não terão sido integralmente pagos em consequência de um acerto de contas com os então proprietários. Nas obras de restauro que ali se efectuaram foram gastos mais 40 mil contos.

Breve história do Palácio Palmela

O Palácio Palmela, como é impropriamente conhecido, foi construído nos finais do século XVIII, a partir de um projecto do arquitecto Manuel Caetano de Sousa. Os seus proprietários, porém, não vieram residir na Rua da Escola Politécnica, tendo continuado na sua casa do Lumiar.

O acrescentamento de um andar mais tarde efectuado e a instalação de duas estatuas consideradas de gosto duvidoso alteraram a harmonia inicial do edifício.

O palácio viria a ser adquirido, em



ESCALA 1:70

Esclarecida a intoxicação dos árbitros em Bencatel-Vila Viçosa

Foram vítimas de intoxicação por monóxido de carbono os árbitros encontrados inanimados nas instalações balneárias do campo desportivo de Bencatel-Vila Viçosa, em 8 de Março último foi a conclusão a que chegaram as investigações levadas a cabo pela Polícia Judiciária.

Uma nota distribuída ontem à tarde aos órgãos de Comunicação Social, aquela Polícia informa que se tratou de um acidente provocado pelo deficiente funcionamento do esquentador associado às condições da edificação e a factores climatéricos.

Como então noticiámos, os três elementos da equipa de arbitragem, findo o encontro de futebol dirigiram-se para os balneários. Estranhando a demora, elementos do clube local forçaram a porta e deram com os três inanimados. Um deles, Joaquim António Bento Pita, viria a falecer dias depois do internamento, estando ainda os dois restantes em vigilância médica. Várias versões foram

admitidas como causa do estranho mal, nomeadamente a intoxicação alimentar.

A Judiciária socorreu-se da colaboração de técnicos do Instituto Dr. Ricardo Jorge, Laboratórios de Engenharia Civil e Direcção Geral de Saúde os quais, após as necessárias pesquisas e ensaios, concluíram pela formação de elevadas percentagens de monóxido de carbono levadas por efeito de uma forte corrente de ar através das fendas das jalojeiras do tecto para a cabina dos árbitros.

Aliás já anteriormente se tinham verificado perturbações (tonturas, vómitos, dores de cabeça, deficiente controlo de movimentos, etc) em outras equipas de arbitragem que utilizaram aquelas instalações. Os vestígios daquele gás não teriam sido detectados nos corpos das vítimas, possivelmente anulados pelo tratamento hospitalar a que foram sujeitos.

O percurso do monóxido de carbono até à cabina impulsionado pelo vento.

Últimas

• **FURTAR ROUPA SUJA** também rende como ficou demonstrado com o assalto que a noite passada alguém praticou numa lavanderia situada na Rua José Lavado Rego, 16, à Avenida do Brasil, em Lisboa. Depois de terem penetrado no estabelecimento da firma «Lavambasil», pertencente a Isaura Gaspar Sabido Costa, apoderaram-se de 15 casacos de antelopes e muitas outras peças de vestuário, tudo no valor de 200 contos, pertencentes a clientes que ali os tinham deixado para o necessário tratamento de limpeza. A Polícia procura os assaltantes para falarem da roupa suja.

• **A JUDICIÁRIA É A ÚLTIMA A SABER** do incêndio que deflagrou ontem no Palácio de Palmela onde funciona actualmente a Procuradoria-Geral da República, apesar de alguns indícios permitirem admitir a possibilidade de se tratar de fogo posto. Nem uma só das autoridades que tomaram conhecimento do incêndio se lembrou de chamar os homens que mais tarde têm de esclarecer as causas do sinistro. Tendo sido detectado pouco depois das 21 horas, seria apenas duas horas mais tarde que o piquete daquela Polícia tomara conhecimento pelo noticiário da Televisão, avançando então para o local.

Jacinto Nunes ainda não se demitiu

Continuação da pag. 1

gênica frontal ou confronto de qualquer natureza.

Divergências quanto ao tempo de exercício do cargo e que Jacinto Nunes não gostaria de assemelhasse a um contrato a prazo, para ser cumprido até à entrada em funções de Ernâni Lopes, e o desejo de ser ouvido sobre os nomes dos novos gestores antes da sua designação, o que não terá acontecido, são as

razões de base do desentendimento que saltou para as primeiras páginas dos jornais dada a importância do Banco de Portugal e o respeito pessoal e profissional de que goza o prof. Jacinto Nunes junto da generalidade dos quadros de opinião.

«Toda a polémica que têm levantado à volta do caso não passa da transformação de um piolho em elefante» — disse o prof. Jacinto Nunes a um jornal matutino.

JANTAR COMEMORATIVO DOS MILICIANOS DO 25 DE ABRIL MERCADO DO POVO (A BELÉM)

Dia 26 de Abril (domingo) a partir das 19 horas

Está em preparação um programa cultural e participação de militares de Abril, tendo lugar uma intervenção de um membro do Conselho da Revolução.

Aberto a Acompanhantes.

Preço de inscrição: 350\$00 (à entrada)

«O 25 de Abril valeu a pena»

A COMISSÃO ORGANIZADORA

HIGHLAND CLAN



SPECIAL RESERVE Scotch Whisky

HOMENS E AVIÕES NA HISTÓRIA DA AMADORA

MANUEL LEMOS PEIXOTO



"UM CURIOSO ESTUDO SOBRE OS TEMPOS HERÓICOS DA AVIAÇÃO NO NOSSO PAÍS..."

Revista "HISTÓRIA" Dez/Jan.81

Edição da CÂMARA MUNICIPAL AMADORA

Distribuição BERTRAND

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º Prémio — 45 709 — 30 000 contos
- 2.º Prémio — 27 446 — 6 000 contos
- 3.º Prémio — 12 460 — 3 000 contos

A SORTE GRANDE e o 3.º prémio foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

45 708 — 259.200\$00
45 710 — 259.200\$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

2 283; 2 437; 3 333; 4 072; 5 433; 5 762; 6 405; 7 266; 7 995; 8 491; 9 342; 9 504; 11 608; 16 082; 17 656; 19 114; 23 127; 24 211; 25 791; 26 392; 28 349; 34 077; 34 962; 36 635; 42 701; 47 141; 47 228; 49 682; 51 192; 53 882; 54 637; 55 453; 56 423; 58 798; 63 058; 63 398; 67 460; 67 776; 68 547; 69 812.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000\$00 — 137; 242; 267; 510; 601; 725; 742; 761; 787 e 985.
6.000\$00 — 446; 460 e 709.
6.000\$00 — 57 e 68.
2.400\$00 — 9 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000\$00 (CENTENAS)

12 401 a 12 500; 27 401 a 27 500 e 45 701 a 45 800.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 23/10/81

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLE A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 23/04/81



ler/escrever

O divórcio entre Ciência e Literatura

Há outros mundos — eis a certeza que deveria habitar o escritor, quer a nível da ficção, quer a nível da poesia. Não nos queremos referir aos mundos subjectivos, aos poços profundos de cada um de nós, aos caminhos subterrâneos por onde nos vamos. Sem dúvida que

uns e outros são também matéria que interessa à criação literária mas existe também uma outra matéria susceptível de ser utilizada no romance, no poema, no conto. Que matéria é essa...? Essa matéria é o que racionalmente tem vindo a ser descoberto pelas ciências exactas. Há toda uma formulação nova do mundo nos campos

da Física, da Matemática, da Química, da Biologia: as coisas, na verdade, já não são como eram. E não são como eram porque, lentamente, se foi ao fundo das questões, observou-se melhor a realidade, contou-se o que existe de outra maneira. Subitamente, ocorreu um divórcio entre Literatura e Ciência — e isso por a Literatura (uma certa literatura) não ter sabido aproveitar (por desorientação, ignorância ou falta de tempo) as novas figuras proporcionadas pela Ciência.

Que novas figuras...?

Atentemos por exemplo, na figura literária que no romance dá pela designação de «triângulo amoroso». Velha de muitos séculos (e ora no cume, ora esbatida, ora de novo na moda), essa designação deriva da Geometria Clássica. Quando Euclides, no século III aC, deduziu o corpo de teoremas da sua geometria de alguns axiomas mutuamente independentes, incluía entre os últimos o postulado das rectas paralelas: «por um ponto exterior a uma recta dada só pode passar uma recta paralela à recta dada». Este postulado está na base da demonstração dos teoremas sobre a soma dos ângulos de um triângulo: 180 graus. Temos assim que o triângulo amoroso só pode operar dentro daquele número. Nem mais um grau, nem menos um grau — e, daí, as numerosas situações repetidas até ao fastio que se nos deparam ao longo de numerosos romances. Que saída para este impasse...?

Ora acontece que tudo evolui. Há sempre novas descobertas — e o nosso raciocínio não admite dogmas. Cientistas chegaram à conclusão, em tempo oportuno,

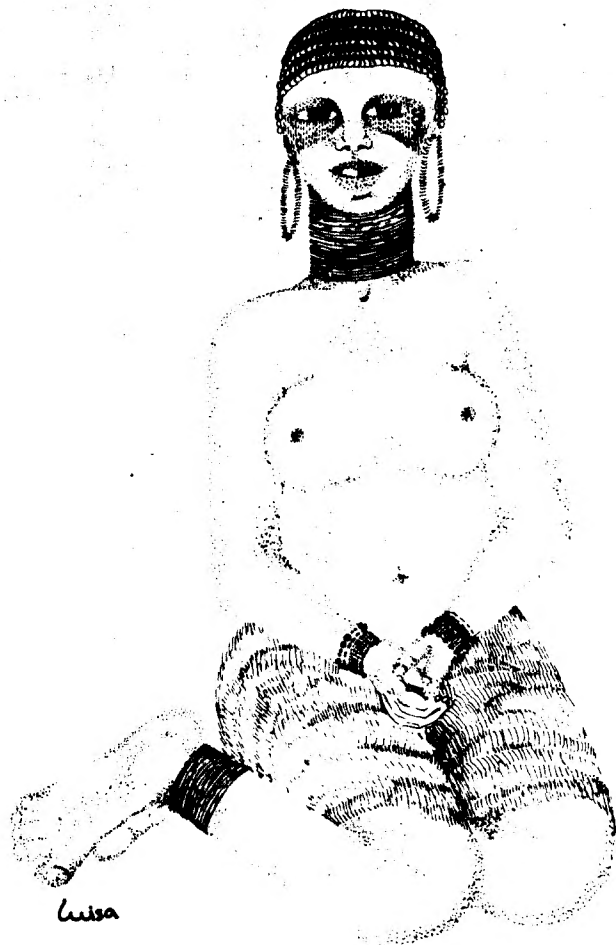
de que a geometria euclidiana não abarcava todas as medidas do Universo.

Em 1826, Nicolau Lobachevski demonstrou que uma geometria não euclidiana, que não aceita o postulado das rectas paralelas, é perfeitamente imaginável. Assim, na geometria de Lobachevski, por um ponto situado fora de uma recta passam uma infinidade de rectas que não cortam a primeira, a soma dos ângulos de um triângulo é inferior a 180 graus, perpendiculares a uma mesma recta divergem, etc. Trinta anos depois, Bernhard Riemann substituiu o postulado euclidiano das rectas paralelas por um enunciado que estipula que, por um ponto situado fora de uma recta, é impossível fazer passar uma recta que nunca corte a primeira. Por outros termos: não existem rectas paralelas na geometria de Riemann — e a soma dos ângulos de um triângulo é superior a 180 graus. (1) Para completa compreensão do que pretendemos dizer, tomemos uma esfera. É a Terra (convenhamos) que temos nas mãos. Desenhemos os meridianos e o equador. Como podemos ver, através de um esforço de concentração, todos os meridianos são perpendiculares ao equador — e todos os meridianos convergem nos pólos. Extraímos agora um triângulo diferente do triângulo clássico. Dificil...? Não: ei-lo. Qual...? Este: um triângulo composto por segmentos de dois meridianos e um segmento concavo do equador. Facilmente constatamos que a soma dos seus ângulos é superior a 180 graus. E facilmente também podemos conceber um triângulo cujos ângulos pro-

Continua na pág. 4



O tradicional «triângulo amoroso» de uma certa novelística é cada vez mais uma constelação morta num Universo que a Ciência vai desmontando noutras medidas. A Física clássica já cedeu os imutáveis 180 graus que constituíam a soma dos ângulos de um triângulo. Constatou-se já que essa soma pode ser superior ou inferior àquele cômputo clássico. Outras perspectivas, portanto, para as letras passionais...



«QUANDO O MEDO PUXAVA LUSTRO À CIDADE ...»

«Quando o medo puxava lustro à cidade / eu era pequeno / vê lá que nem casaco tinha / nem sentimento do mundo grave / ou lido Carlos Drummond de Andrade» (...) — assim escreve, referindo-se à antiga Lourenço Marques, e com dedicatórias para José Craveirinha, Luís Carlos Patraquim, num livro de poemas («Monção») que, através do Instituto Nacional do Livro e do Disco, do Maputo, Edições 70 acaba de lançar entre nós.

Trata-se (como se lê na contracapa) de «um livro de começo», e, daí, talvez o seu poder de comunicação.

O volume inclui diversos desenhos, de autores diferentes, inspirados no ambiente moçambicano. O que ilustra esta singela notícia é da autoria de Luísa Alcântara.

POESIA ● CRÍTICA ● LINGUAGEM

«**O**S românticos sofriam da doença da poesia — que é uma inadaptação criadora de fantasmas; nós sofremos da doença do criticismo — que é uma inadaptação criadora de juízos» — escrevia Fidelino de Figueiredo, salvo erro, pelos anos 40 (1) Fidelino, para quem «o espírito crítico é uma posição da inteligência e de toda a personalidade ante o mundo», fala do «doente da crítica» dizendo que ele «só se determina por motivos superiores do espírito e não aceita na sua esfera espiritual a intromissão dos falsos va-

lores ocasionais, o interesse, a política, a moda nas ideias e nos costumes, os respetos humanos, como diz a linguagem do catequista». O «doente da crítica» seria «um próximo parente da asceta». E daí: «Esta crítica ou esta ascese intelectual é uma equivalência do mais estremo idealismo em aspiração activa: quer ver o mundo governado por categorias lógicas e arquétipos ideais de perfeição ante os quais tudo é contingente ou grosseira putrefacção».

Poderia então pensar-se «o derradeiro e mais elevado grau de crítica»: seria esse em que

ela, a crítica, «se desprende das obras de arte e é também inspiração livre e intuição pura directamente exercidas sobre o homem. Sobre a sua agonia constante num mundo que não entende mas não pode desistir de entender». Num plano se possível ainda mais elevado de reflexão, de abstracção: «A doença do criticismo pode ser estilizada em agonia criadora de ideias, segundo o pendur de cada um dos doentes».

São hoje actuais estas palavras de Fidelino? São e não são. Não são porque datam dum tempo em que o criticismo es-

tava nascente na Europa e nos Estados Unidos (onde se manteve praticamente até aos nossos dias — mas digamos que o seu dobre a finados começou a soar pelos anos 60). Sucedeu-lhe um ideário onde o pensamento poético novamente predomina. Mas são actuais porque definem com nitidez e clareza extremas poesia e crítica, e respectivas diferenças conceptuais, nacionais, teóricas e práticas. Nestes domínios pode haver, de tempos a tempos, pontuais alterações — mas nunca serão demasiado profundas. E a linguagem de Fidelino é suficiente-



Fidelino de Figueiredo

mente abstracta para suportar mudanças que entretanto lhe sobrevieram.

Mas não é de Fidelino que aqui se trata, e sim disto: a poesia e a crítica, as relações entre a criação poética como pretexto e objecto, as relações entre a palavra poética e a palavra crítica. (2)

Aqui pretende-se ter de crítica um elevado entendimento. Não se trata, evidentemente, daquela relativa acção a que os chamados «críticos» se dedicam, debitando opinião para as páginas dos jornais com grande ligeireza.

Continua na pág. 3

AS LETRAS EM DIA

Amadores

O amorismo é a principal característica da maior parte da chamada criação literária, mas sobretudo da poesia, que encontramos entre as novidades das livrarias ou nos vêm ter à mão por envio dos editores, mas sobretudo de autores.

Amadorismo entenda-se aqui num rigoroso sentido. Trata-se do que fazem por escrito aquelas pessoas vulgo tidas por dadas às letras mas que nos seus exercícios mais não demonstram que uma grande incompetência para tais trabalhos. Entre as causas disto, a meia distância, é evidente que se situa a ausência de qualquer educação do gosto literário e, certamente relacionado com isto, uma evidente incapacidade autocrítica. Não se tem uma noção minimamente exigente daquilo que se faz. Desconhece-se muito o que já está feito por outros. Acredita-se sem a mínima advertência em valores que, só por si e para os efeitos em causa, não têm qualquer decisiva pertinência: a espontaneidade, a sinceridade, piedade social, a revolta, a solidariedade, e tantos mais, variados e diversos. Acredita-se acriticamente no poder das palavras.

A questão não é de hoje, mas de sempre. As características da lírica portuguesa tradicional, desde os cancioneiros até aos nossos dias, são muito favoráveis a que Portugal seja esse País onde qualquer letrado se sente propenso para o derrame verbal dos seus artificiosos desgostos, e, sem ninguém que o advirta de que as coisas não são tão fáceis como isso, escreve e publica, manda o livro para a crítica com a mais ingénua inocência e a mais pura candura deste mundo ou do outro.

Dantes — até ao «Orpheu», até Pessoa, digamos —, eram os versos — em verso, os suspiros, os ais e os uis e outras queixas assim segundo os modelos formais até então em vigor. Depois, com a generalização do versilibrismo tudo aparece muito mais facilitado. As pessoas nem precisam de aprender arte poética ou ter à mão um dicionário de rimas. Ao menos os nossos bisavós tinham de submeter-se a alguma exigência de rigor. Hoje, o sentido dessa exigência, mesmo que formal, perdeu-se.

A última descoberta dos poetas deste país deles é o poema em prosa. Não há amador que não faça disso. A prática do poema em verso ainda implica algum trabalho, algum esforço. O poema em prosa já não, e parece que se está aí muito mais à vontade para desapertar o coração e soltar as grandes inquietudes da alma, não esquecendo o eterno desencontro com os outros e o inevitável desconcerto do mundo. E os poetas deste país deles vão tendo, enfim, outras referências orientadoras: já não é Pessoa, Sá Carneiro, Pessanha, Nobre, Gomes Leal, Junqueiro, Cesário. O próprio José Gomes Ferreira parece cair em desuso. Carlos de Oliveira e Torga nunca atraíram demasiadas inquietações das fáceis. Agora é outro luxo, os ascendentes: Ramos Rosa, Herberto Helder. E os estrangeiros, os «beats», por exemplo, vinte anos depois e duma maneira em regra desastrada.

Por tudo isto — mas fundamentalmente porque faltou sempre, desde as escolas, condições para a educação do gosto pela poesia, pela sua leitura e pela sua criação —, por isto é que hoje alguma coisa como sempre para aí uns 90 por cento dos livros que nos vão aparecendo não prestam para nada, embora tragam com eles tantas vezes a expressão presunçosa e petulantemente assumida das razões particulares de quem se julga poder vir anunciar a catástrofe inevitável ou o admirável mundo novo.

Claro que se fala somente de poesia. É o que geralmente se acredita ser mais fácil de fazer. Na novelística — o romance, a novela, o conto — há outras implicações e não as enfrenta qualquer voluntário que as pode enfrentar, mas quem está minimamente dotado para isso.

VERGÍLIO ALBERTO VIEIRA: «A IDADE DO FOGO» — Na sequência de «Terra Interior», de 78, uma coletânea de poemas onde o rigor se patenteia de tal modo uma obsessão que se receiam os seus eventuais excessos, ou a tendência que para aí haverá sempre para os cometer em escritas assim dominadas. Os receios de parte (que, antes de mais, devem ser do autor), estamos em presença dum exercício verbal estuante de energias, mas, também é depois sensível extenuado alguma coisa de poderes e reflexos (desig-

nadamente semânticos e sintáticos). Mas a energia metafórica e imaginística do poeta é aqui excelentemente aproveitada e melhor servida por um construtivismo minucioso, uma técnica e um processo meticolosos, e no entanto aventureiros não pouco ainda. Altos poderes expressivos, e certamente recursos longe ainda do esgotamento ou de qualquer crise que o pronuncie. Muito bem. Mas também é evidente que esta linguagem e o discurso e o texto em que a transforma a oficina do autor, não são demasiado criação própria: há

ascendentes, certa tradição o poeta está nessa linha. Mas, por outro, demarca-se daí com algum desembaraço dos mais comuns hábitos ou costumes escriturais em que a adopção desta linha o faria cair, e vai, com uma rapidez vertiginosa, mais longe, mais fundo, mais fecundo do que alguns «mestres» que o precedem. Impressão um pouco no ar mas ficam aqui como indicação para o leitor a quem este título tenha passado despercebido: é importante.

Para o poeta, o seu segundo livro decisivo. (Limiar)

ANTÓNIO RAMOS ROSA: «DECLIVES» — Depois de «O Incêndio dos Aspectos», qualquer novo livro do poeta, que se distanciasse em empenho noutra experiência, correria o risco de desiludir alguma coisa o leitor. «Desiludir» é demasiado fortemente excessivo. Diga-se apenas: a vontade que dá é arrumar o livro e retomar a leitura do «Incêndio». Mas a «Declives» há-de regressar-se sempre, também e po-

rém. Até por que, a uma segunda leitura, é certamente um livro tão coeso e unitário como o anterior, e alguns dos anteriores. Há aqui é talvez menos inventiva verbal e proliferação imaginística e metafórica, que faziam de trabalhos precedentes do autor livros, digamos excessivos, como devem ser, aliás, e fascinante como encontramos raramente — mas os de Ramos Rosa são-no, em regra. E este por certo que não sai senão aparentemente

dessa linha para ser excepção — certamente impossível, dadas as exigências disso que aqui há, supõe-se, que desde a concepção do livro, que deve ter-se esclarecido no progresso da sua execução. É ainda o poeta no cúmulo da sua carreira sempre ascensional. Título, portanto algo enganador, no que isolado do texto poderá sugerir. Todavia, prefere-se ainda a cerrada densidade semântica de «Incêndios». (Contexto)

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES: «RESENTIMENTO DUM OCIDENTAL» — Se não temos especial simpatia pelo amorismo incapaz, também nada nos move a favor dum profissionalismo excessivo e algo forçado como o que se patenteia neste livro de poemas, semelhante ao que já se patentava, aliás, nos livros precedentes do autor. É evidente que Pinheiro Torres — um crítico e um ensaísta mais do que polêmico e discutível, mas inevitável para nossa

(tantas vezes discordantes) orientação — não é um poeta latamente dotado. É impressão que se tem, não se pode provar é claro, poder-se-ia argumentar devidamente, mas em mais do que duas palavras, como não cabe fazer aqui. Uma exigente e exigida elaboração da linguagem tornaria a escrita muito interessante, se houvesse razoáveis aptidões ou condições antes disso. Parece que não há e, uma vez mais, todo o esforço aparece como alguma coisa inútil.

Com mais evidência neste livro porque se tratava dum projecto talvez mais ambicioso. Em qualquer caso, uma leitura aconselhável, pelo que aí se vê (como tão raramente pode ser visto) de quanto a emoção só faz falta a partir de quando foi já abolida, por projecto, o sentido exigente da sua necessidade. Por isso, um fracasso exemplar, para conhecimento e meditação daqueles a quem a questão de fracassar ou não raro se põe. (Moraes) L.M.R.

"Lisboa antes d

UMA CRÓNICA CENSI

Estive recentemente a vasculhar uma ou duas gavetas. À procura de algumas crónicas publicadas no «DL» antes do 25 de Abril e em que alguns amigos e leitores dizem ter encontrado qualquer coisa como a fronteira entre o jornalismo e a literatura. Escolhi algumas que me pareceram relativamente significativas a pensar no destino que lhes havia de dar (talvez um volume de crónicas quase literárias «Lisboa Antes de Abril»). Deparei, então, com uma prova amarelecida, de 23 de Fevereiro de 1969, cortada pela censura. (Vivíamos então na chamada «Primavera marcelista» e à censura chamava-se eufemisticamente «exame prévio»). É essa inofensiva e singela crónica, cortada pela censura e ainda inédita, que aqui ofereço aos nossos leitores (como lembrança desse passado). Doze anos depois de ter sido escrita e sete anos depois do 25 de Abril...

«Tinha prometido a mim mesmo que me iria recensear. Para cumprir um dever cívico. Recordam-se?

E fui. O prometido é devido.

Entrei no novo edifício da Junta de Freguesia. Ambiente tranquilo. Do grupo que se encontrava do lado de dentro do bal-

cão avançou um senhor de idade. Amável, prestável. Pretendia inscrever-me no recenseamento eleitoral? Perfeitamente. Era só guiar-me pelo modelo que estava à minha frente.

Pegou no papel azul que eu levava, cortou a folha em duas meias folhas, vincou uma.

— Mora cá no bairro? Tem bilhete de identidade? Não, não é preciso reconhecer a assinatura. Sorrisos. Calma.

Fui escrevendo. Pelo canto do olho, enquanto procurava não me enganar ao adaptar o modelo ao meu caso — pontinhos era o meu nome, a minha rua, o nome do meu pai, etc. — reparei que a amável pessoa que me atendera pegara, entretanto, na outra meia folha de papel e a guardara numa gaveta.

O requerimento estava pronto. Podia deixar.

— Mas...

Mas como provaria eu, no período de reclamação, que me inscrevera? Não davam um recibo, um documento qualquer?

Serenidade, mas já sem sorriso.

— Isso já é com aquele senhor.

E veio um senhor mais



«Censura»: azulejo de Stuart de Carvalhais

UM NOVO LIVRO DE RAUL REGO

• «Militares, clérigos e paisanos»

A editora «Perspectivas e Realidades» lançou um livro do jornalista Raul Rego intitulado «Militares, Clérigos e Paisanos».

Trata-se de um volume de 130 páginas que reúne colaboração dispersa do jornalista. O livro é dedicado ao capitão Sarmento Pimentel.

Na contracapa, Raul Rego escreve que «o militarismo é problema português que vem do século XIX calado, como o clericalismo, até ao 25 de Abril. Ambos se mostram agora muito críticos e exigentes à nossa sociedade democrática de hoje».



le Abril"

SURADA

novo que o anterior. La-deado por outros senhores e uma senhora. Tudo a olhar-me, com espanto. Como se eu fosse um animal raro.

Repeti a pergunta.

Eu era daqueles que ao inscrever-se já falam de reclamação?

Não! Eu só queria saber, no caso de não aparecer inscrito nos cadernos, como poderia reclamar, dado que não dispunha de um recibo.

O senhor mais novo estranhou a pergunta, com certa rispidez. Não sabia. Fazia parte apenas da comissão recenseadora. Que desconfiança a minha!

Mas eu continuava a pretender saber... Bem, não valia a pena, já que...

— Não me venha criar complicações! Eu não estou a levantar-lhe dificuldades!

Tive de explicar que acontece haver enganos, cortes, lapsos. Eu próprio já fora em tempos cortado do recenseamento e foi preciso reclamar...

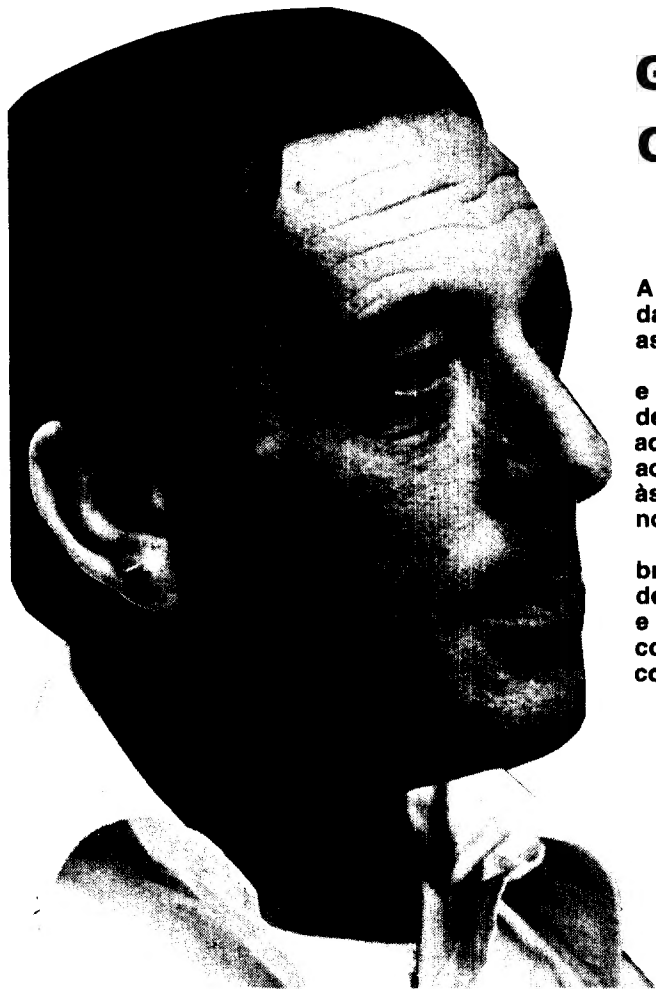
O sr. mais novo, membro da comissão de recenseamento, anuiu, então, enfasiado. Bem, se eu era dos que já fora cortado, então fizesse um duplicado. Era melhor...

Eu fiz. Enganei-me. Estaria nervoso? Veio outro papel, amavelmente. Ele escreveu «recebido», uma data e uma rubrica. Ainda tentei lembrar que talvez fosse melhor pôr um carimbo, um selo branco, assim uma coisa. Mas tive medo de ofender aquelas pessoas, atentas aos meus gestos, às minhas palavras. De provocar clima de mau humor. Reparei nos olhos e nos olhos, graduados ou pretos, das pessoas do grupo, que continuavam a fitar-me.

Olhei de novo o papel e dei boa noite. Com aquele papel azul na mão reparei que a Junta fechara, entretanto. Abri o trinco e saí para a rua, respirando o ar temperado daquela noite de Fevereiro.

Manuel de Azevedo

UM POEMA INÉDITO DE José Carlos González



GLOSA PARA O OCTETO DE SCHUBERT

(Para António Vitorino de Almeida)

A paz a clara madrugada
da música que abre
as dobras dos lençóis da noite

e subitamente a festa
declarada
aos bosques todos
aos animais
às casas que fumegam
no torpor do meio-dia

bruscamente isto a noite
desdobra de sono
e do sonho renasce
como um coreto verde
com árvores em volta

subitamente a alegria
digna da pausa da palavra
e do silêncio
acometendo as nuvens
as montanhas atentas
os ribeiros rápidos
a lua

e a paz e a clara madrugada
voltando nos meandros
do rio antigo
sossegando
entrando dentro da vida.

Fev. 81

(Do livro em preparação
«Cartas de Mar e Ar»)

Poesia • Crítica • Linguagem

Continuação da pág. 1

E aquilo de que fala ainda Fidelino como de uma alta actividade do espírito.

Pode reverter-se à etimologia, é aqui que radica tão elevado conceito. Etimologicamente, crítica terá a ver com crise. A crítica é o discurso sobre a crise. A situação crítica é o objecto mais imediato do seu discurso crítico, além de seu mais próximo pretexto e sua directa motivação. Entende-se por crise toda a alteração, no sentido da gravidade, do agravamento, do movimento envolvente da realidade e do real, no espaço e no tempo, na existência e na história. A crítica acompanha esse movimento, deixa-se igualmente envolver por ele, mas mantém uma atitude de relativo distanciamento, digamos que uma posição assumidamente pré-estrutural. Tem-se da crítica um entendimento exigente que a nivela (se não que confunde) com a reflexão, o pensamento. É só a este nível que ela se iguala à poesia, num relacionamento paralelo com a linguagem que em ambos os casos (poesia e crítica) se utiliza como material e âmbito de recursos e expedientes de processamento. É ontológica, num caso e noutro. Diz Heidegger: «A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela conservam». (3) A expressão do pensamento reflexivo que a crítica pode assumir-se, e à poesia, está reservada especialmente esta importante e dupla tarefa que é «a libertação da linguagem dos grilhões da Gramática e a abertura de um espaço essencial mais originário». (4)

Não estamos tão longe da realidade, do quotidiano, da existência, do concreto, como mal-avisadamente se poderia pensar. Todo entendimento que se tiver de poesia não poderá facilmente afastar-se da acepção original da **poesis**. «Em maior ou menor grau (...) **poeisis** é sempre criação relativa sempre, pois não pode haver começo absoluto». (5) Mas não ficam muito longe desta noção aqueles conceitos que assentam na materialidade fundamentalmente verbal (melhor: linguística) da poesia, o que produz sempre, sobre qualquer desvio ou excesso conceptual de poesia, um efeito reparador tendente a reaproximá-la das nossas vivências e das nossas experiências mais correntes e comuns. Yves Peres e Day Lewis, num livro intitulado «Clefs pour la Poésie», que é das melhores obras de divulgação sobre esta problemática que até hoje nos foi dado ler, definem poesia como «um meio particular de utilizar as palavras com vista a produzir sobre o leitor um efeito particular e para lhe iluminar o universo». (6) Há sempre objecções, e é preciso reconhecer que poesia nunca é somente como qualquer definição a propõe. Mas, na generalidade, os entendimentos correntes de poesia têm-na identificado com este fundo e o fundamental destas implicações: a poesia é um processo no âmbito da linguagem, e, se são os poetas que em princípio desencadeiam e desenvolvem este processo, ele não se distancia decisivamente de qualquer acesso do comum das pessoas ao que o comum das pessoas aí pode ter. Porque, evidentemente, a linguagem não é um campo fechado, pelo contrário: é um espaço onde todos se situam e mais ou menos activamente. O que distingue os poetas dos demais é uma consequente opção profissional — sem

que **profissional** signifique aqui o que quer dizer, no falar comum, mas outra coisa de muito pouco ou mesmo nada utilitário. A propósito de utilitário, não se pode extrapolar aquela afirmação de Valéry dizendo que «um poeta é o mais utilitário dos seres». Porém, Valéry logo acrescenta: «Preguiça, desespero, acidentes da linguagem, olhares singulares — tudo o que o homem mais prático perde, rejeita, ignora, elimina, esquece, o poeta colhe-o, e, pela sua arte, dá-lhe algum valor.» (7) As palavras, por exemplo: «As pessoas que tratam as palavras com indiferença e negligência não são propriamente civilizadas. A poesia é a arte de tratar as palavras com unidade, respeito, exactidão.» (8) Quanto aos poetas, eles «atravessam a pobreza, o desespero, a indiferença ou a adulação do mundo até negarem a compor um poema.» (9) Segundo Valéry, ainda, «o poeta é aquele a quem a dificuldade inerente à sua arte dá ideias — e não aquele a quem ela as retira». (10)

O que distingue o poeta das demais pessoas é, por outro lado, ou por consequência, uma muito maior atenção em relação ao mundo. Esta graduação é uma diferença que se obtém através duma vivência específica da linguagem. Digamos que o poeta utiliza a linguagem numa perspectiva interior à própria linguagem, **de dentro**, enquanto o comum das pessoas se serve da linguagem duma perspectiva **de fora**, exterior. Por outras palavras, a generalidade das pessoas utiliza a linguagem, ou pode julgar inadvertidamente que a utiliza, que a tem à mão (quer dizer, metafórica ou metonimicamente, na boca), quando, no fundo, é (o seu discurso, a sua fala) uma **função** da linguagem. A generalidade das pessoas (o

seu discurso, a sua fala) é **utilizada** pela linguagem. A linguagem — só os poetas a **utilizam**. Dizer só os poetas é uma aceção extrema: antes disso pode-se falar, genericamente, de escritores. E os mais próximos dos poetas, talvez num mesmo plano, são (estão) os pensadores. (Vd. Heidegger) Mais concretamente, o que distingue a poesia dos demais tratamentos a que a linguagem se deixa (mas deixa?) submeter, é, por exemplo, a distância que vai da palavra poética à palavra comum. Se a palavra comum é uma palavra caracterizada fundamentalmente pela denotação (ou seja, uma referência pronta e imediata) com a realidade conhecida do mundo, a palavra poética é aquela cujas denotações possíveis não têm qualquer interesse consequente para a sua compreensão como tal, porque o que nela predomina é a pontencialidade conotativa, ou, diga-se mesmo, exigência de conotação (quer dizer, conotação, encaideamento infindo de sentidos sugeridos ou sugeríveis, pela palavra, a partir da denotação, acima da denotação).

Distinguindo-se da linguagem corrente, a palavra poética vem sempre a opor-se-lhe, por razões de subsistência enquanto tal. Blanchot: «A palavra poética não é mais palavra duma pessoa: nela, ninguém fala e o que fala não é ninguém, mas parece que somente a palavra fala». (11) Não quer dizer evidentemente, que aqueles que falam a linguagem comum não tenham acesso à linguagem poética, mas apenas que não têm acesso à linguagem poética enquanto linguagem comum. Noutros termos: a linguagem poética é irreduzível à linguagem comum. O acesso à linguagem poética é possível somente a partir do momento em que se sobe mini-

mamente acima do plano ou âmbito da denotação das palavras. Só a conotação é minimamente perceptiva e compreensiva. A crítica começa neste passo sempre decisivo. O decisivo deste passo é o reconhecimento inicial da palavra poética, quer dizer, do que ela tem de incompatível com a palavra comum e do que nela há de gerador ou generativo da palavra crítica. Mas o que se diz da palavra poética pode dizer-se da palavra crítica: também ela é irreduzível à palavra comum. Valéry definia o poema como alguma coisa que «não se pode resumir». Ora, a tentação maior da palavra comum é justamente para aí que mais tende, para resumir o poema. A palavra crítica



Martin Heidegger.

não tem propriamente nenhuma tentação maior do que qualquer outra, mas também não partilha nem a maior nem as menores tentações da palavra comum em relação ao poema. A palavra crítica recusa a simplificação, a redução, o resumo. Em relação à palavra poética, a tentação será para falar dela, sobre e sob ela, à

sua volta, numa incessante relação dela e das suas intensas sugestões com o mundo e as coisas do mundo.

A palavra poética é sempre inaugural. É a crítica que a revela. A palavra poética insinua, reinstaura a todo o instante uma primeira, primeira, original e originária relação com o mundo, rasgando a superfície espessa e opaca da realidade, do que na realidade há de concreto e imediatamente dado a uma apreensão comum, quotidiana e corrente. Esta capacidade, esta força, esta energia, dá-lha o real, uma percepção do real mais funda e mais vasta. Não se trata de depreciar a realidade, o concreto: simplesmente, a realidade e o concreto são insuficientes, é insuficiente a sua apreensão como terapêutica da enfermidade imaginária que a poesia se revela, que a poesia se propõe ser.

Luis de Miranda Rocha

(1) Em «A Luta pela Expressão». O texto data-o Fidelino de 1943. A primeira edição é de 44. Reportamo-nos à segunda edição, Ática, Lisboa, 1960. Citamos do primeiro capítulo. «A Doença da Crítica».

(2) Em «Cartas Sobre o Humanismo», ed. port., Guimarães Editores, Lisboa, 1973, pag. 37.

(3) Ibid. pag. 38.

(4) Vieira de Almeida, «Aspectos da Filosofia da Linguagem», ed. Arménio Amado, Coimbra, 1959, pag. 107/8.

(5) Trad. francesa na Pierre Seghers, Paris, 1953, pag. 20.

(6) «Tel Quel», vol. II, cap. «Rhumbs», Idées, Gallimard, Paris, 1971, pag. 49.

(7) Yves Peres e Day Lewis, ob. cit., pag. 29.

(8) Ibid. pag. 23.

(9) Ob. cit. pag. 50.

(10) «L'espace Littéraire», Idées, Gallimard, Paris, 1968, pag. 38.

CIÊNCIA E LITERATURA



Carlos de Oliveira, entre nós, imiscuiu-se já na funda estrutura das coisas. Atente-se neste poema de «Micro-paisagem» (página 11): «Se o poema / analisasse / a própria oscilação / interior, / cristalizasse / um outro movimento / mais subtil, / o da estrutura / em que se geram / milénios depois / estas imaginárias / flores calcárias, / acharia / o seu micro-rigor».

Continuação da pag. 1

porcionem uma soma inferior a 180 graus. Como...? Fechando os segmentos de dois meridianos com um segmento **convexo** do equador. Certo...? Estas são, pois, as somas em graus não contempladas pelos postulados euclidianos.

Quer-nos parecer que semelhantes triângulos (ora com mais, ora com menos graus) dariam outras possibilidades aos trios amorosos da Literatura (de uma certa literatura). Se, efectiva-

mente, encarmos os 180 graus como o símbolo de um impasse (tradicional, por assim dizer), é ou não verdade que poderíamos desenvolver as situações amorosas (e não só essas) através de um outro cômputo, de outras perspectivas, de outra medida...? Através, enfim, de outros graus de compreensão...

Não nos fixemos muito na leve ironia que tinge as palavras acima ditas, e encaremos antes as possibilidades que a Ciência abre à Literatura. Quais, são, em resumo,

essas possibilidades...? Atentemos que o alquimista há muito já que saiu do seu antro, exibindo na praça pública as suas retortas, os seus elixires, os seus metais — e que o sábio, o cientista, nos surge como um dos personagens mais importantes e decisivos do nosso tempo. Um choque abalou (e abala) os valores tidos por mais seguros — e isso porque a ciência, a metodologia científica, a economia, a investigação exaustiva, etc., se imiscuíram nos mais diversos domínios da vida. E não é só a curiosidade de conhecer mais e mais que nos deve espantar e fazer-nos ficar num «Oh...» de prolongada admiração: o que nos deve convencer que somos já outros são as descobertas que se sucedem sem trégua, atingindo-nos no mais profundo do nosso destino. Já estivemos na Lua — e, de quando em quando, permanecemos longos períodos em laboratórios espaciais. A nível científico, estamos constantemente a ser outros, mais complexos, mais pormenorizados, mais claros. Somos, por conseguinte, outras figuras que exigem um outro tratamento pelos que se dedicam à Literatura.

Caso queiramos estar na posse das fracções da aventura do pensamento humano, não podemos encolher os ombros perante, entre outros, os nomes de Einstein (Teoria da Relatividade), Maxwell (Teoria electromagnética da luz), Max Planck (Teoria dos Quanta), Niels Bohr (o indeterminismo ou a probabilidade no campo físico), e Fermi (desintegração dos átomos pelos neutrões), nem tão pouco menosprezar os daqueles que, por exemplo, no campo da Biologia (2)

chegaram à conclusão de que um ser vivo já não representa uma simples associação de órgãos de funcionamento autónomos, sendo antes um todo em que as partes dependem umas das outras e em que cada uma desempenha uma função particular no interesse geral. (Se tomarmos, na devida consideração, esta noção de interdependência que a Biologia nos proporciona, como poderemos nós aceitar racionalmente a figura individual do herói da Literatura de uma certa literatura) tradicional...?)

Porque, bem vistas as coisas, a criação científica já não é um contentamento íntimo, uma auto-satisfação eufórica — e sim uma força que não é mais o privilégio de alguns indivíduos, mas de milhões de pessoas. A mesa do laboratório, a mesa da investigação, a economia noutra perspectiva, são os locais onde se desenvolvem as mais desencontradas lutas, onde, enfim, o choque das ideias influi muitas vezes sobre o processo histórico. E só a banca da Literatura, as solitárias mesas dos escritores (de certos escritores), é que se afastam, muitas vezes, desse convívio internacional, limitando-se a receitas velhas, com diminutas inovações, com um ou outro achado, irracionalmente se divorciando, como meros alquimistas, das figuras que estão sempre surgindo no permanente diálogo que a pesquisa trava com o conhecimento já adquirido. O espírito inerente a essas novas figuras, se aproveitado, daria um outro alento à Literatura, isto é, aproximá-la da realidade universal em que estamos inseri-

dos. Tocaria o leitor com os dedos da surpresa que só o novo proporciona.

Demoremo-nos, para exemplificação do exposto acima, na noção de Espaço. Suponhamos que o Espaço é a casa que habitamos. Pois bem: pelo simples facto de habitar-mos esse espaço — modificamo-lo! Modificamo-lo tal como os corpos celestes modificam e recriam o Espaço em que gravitam, como provado ficou por Einstein e seus continuadores... Ora vejamos essa modificação a nível quotidiano: o nosso corpo abre janelas, exterioriza-se numa varanda, ergue a chaminé da nossa cozinha. Até a planta de um vaso que cresça em nossa casa exige a luz do Sol — e é por isso que teremos de rasgar uma abertura que a ilumine da raiz à flor. Mas se o espaço depende dos corpos celestes (ou do nosso corpo a nível quotidiano), todos os corpos (celestiais ou o nosso) dependem também do espaço. E isso porque o corpo só existe, só introduz modificações, só rasga janelas, só modifica os campos gravitacionais, caso o espaço exista também. Isto é (e já vimos tal na Biologia): espaço e corpos são interdependentes. Onde pois poderemos ter cabimento «situações» na Literatura fora deste contexto...?

Ora é este paralelismo entre o postulado do espaço científico e o espaço quotidiano que, na maioria dos casos, a pena da Literatura de certa literatura não sabe conciliar. E outros postulados há (como, por exemplo, o de Tempo, o da concepção cilíndrica do Universo, o de mais-valia, o de antimatéria, etc.) que, se devidamente

conhecidos e utilizados, dariam um outro fôlego à Literatura, outras páginas, outra novidade. Não se trata (asentemos bem nisto) de literatura de ficção científica, por muito interessante e louvável que este ramo literário também seja. Trata-se, sim, de uma Literatura que nos apresente o homem a uma outra escala, na plenitude da sua inserção no Universo. Se a Literatura tradicional diz «Quem tem boca vai a Roma», que a Literatura de hoje diga «Quem tem números modifica as letras»... Porque, ao fim e ao cabo, tudo se resume a saber contar as coisas (um, dois, três, mil, um milhão...) no mais íntimo das suas estruturas, na mais-valia das suas potencialidades, nas medidas interdependentes de uma nova Geometria. Novos métodos, enfim, apoiados no **racionalismo**, termo tão depreciado por alguns que, sem pejo, o confundem com **esquematismo**. Mas não: o trabalho aplicado do pensamento, a lógica até aos últimos extremos, não excluem de modo nenhum as emoções, nem a força da razão exclui a dúvida. Pelo contrário: a dúvida é que se transforma em dogma, em esquema gasto, quando se não procura ir mais além. É necessário um salto que leve a Literatura (uma certa literatura) a outros mundos existentes na Terra dos Homens — e só então o leitor abrirá um livro com emoção e surpresa, sublinhando parágrafos ao longo da leitura...

Pedro Alvim

- (1) «Albert Einstein» / B. Kuznetsov
(2) «A lógica da vida» / François Jacob.

NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS •

FERNANDO ASSIS PACHECO — A Cooperativa Erva Daninha, do Porto, publicou-lhe um livro: «Memórias do Contencioso e outros poemas». A sequência que dá título ao livro tinha sido editada pelo autor numa tiragem polycopiada em 1976, o mesmo acontecendo com «Siquer Este Refúgio», sequência de «outros poemas» aqui incluída. O volume completa-se com cinco poemas que o autor fizera publicar num jornal de província, «O Arauto de Osse-lôa», em 1977, e «Três poemas para um amigo redescoberto em Aveiro», datando de 79. A tiragem desta edição de Erva Daninha é muito escassa: apenas quinhentos exemplares, o que faz prever mais uma raridade bibliográfica dentro em pouco. Autor de uma «no-vela» intitulada «Walt» e que foi sucesso editorial da Bertrand aqui há dois anos, Assis Pacheco é, não obstante, nome dum forte presença na cena actual da poesia portuguesa, apesar da escassez produtiva e de alguma «despreziosidade», pelo menos aparente, que a caracterizam. Da sua bi-

biografia como poeta (pormenor que esta edição agora omite) constam títulos como «Cuidar dos Vivos» (de 65), «Cáu Kiém: um Resumo» (72), e depois, em 75, «Catalabanza, Quioto e Volta», e de uma plaquete, «Enquanto o Autor Fuma um Caricoco, seguido de Sons que Passam».

POLICOPIADOS — Opúsculos, de poesia, vêm dos Açores, trazem a chancela da revista «Aresta». Três títulos publicados: «Canção para Brianda», de Carlos Faria; «Ode ao Canto», de Eduardo Bettencourt Pinto; e «Postal de Madrugara» de Emanuel Jorge Botelho. No segundo número da revista, entretanto, vêm anunciados novos títulos de Álvaro Oliveira («Poema») e Borges Martins («Cardiolirica»).

• **ANTÓNIO OSÓRIO** — Já está nas livrarias «O Lugar do Amor», o último livro deste poeta, autor de «Raiz Afetuosa» e «Ignorância da Morte». O lançamento ocorreu aqui há duas semanas, no Porto, e houve uma sessão

pública aonde o autor foi. Desde pelo menos o seu segundo livro, em 78, António Osório é nome fixado, como se justifica pela qualidade, mas sobretudo pela flagrante novidade da escrita. Aparentemente, cada secção deste novo livro situa-se na linha de continuidade de outras secções do livro anterior, pelo que, poderá dizer-se, trata-se dum confirmação. Mas é certamente muito mais do que isso. A edição é da Gota de Água.

• **LUÍZ PACHECO NO CÍRCULO** — Não é sem alguma surpresa (mas surpresa porquê?, poderá perguntar-se também) que se lê no último boletim do Círculo de Leitores que um dos mais recentes lançamentos desta empresa livreira é um título de Luiz Pacheco: «O caso das crianças desaparecidas». A notícia não o diz, mas julgamos tratar-se dum original até agora inédito. Como todos os livros do Círculo, não é encontrável nas livrarias. Tem o leitor porventura interessado

de fazer-se sócio para lhe ter acesso.

• **GASTÃO CRUZ, BLAKE, ETC.** — Chancela da ETC, que inclui o título na sua colecção Subterrâneo Três, está a sair para as livrarias o último Gastão Cruz, «Órgão de Luzes», uma colectânea de quinze poemas. Recentemente, a Oiro do Dia, do Porto, lançou uma plaquete do mesmo autor: «Doze Canções de Blake».

• **OTÍLIO DE FIGUEIREDO**, médico, em Vila Real, publicou um livro de poemas: «Interlúdio», odes, segundo indicação subtítular. O livro vem do Porto com chancela da livraria

Contraponto. Sendo embora o primeiro livro de poesia deste médico (de quem na orelha de «Interlúdio» se diz, entre outras curiosidades, que aos 17 anos publicou música na Sas-

seti e, ao longo da vida, já longa, fez jornalismo, conferências, pintura a óleo, e desenho), é no entanto já o sétimo título na bibliografia do autor. Desta bibliografia constam dois livros de contos, três romances, e — curiosidade certamente interessante, mas compreensível já que de médico se trata — um «ABC das mães», livro de puericultura. •



Fernando Assis Pacheco



Luiz Pacheco



Gastão Cruz